

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**MOBILIZAÇÃO SOCIAL NO *FACEBOOK*:
CONECTANDO SOLIDARIEDADE E JUSTIÇA NO
CASO DA BOATE *KISS***

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Carolina Moro da Silva

**Santa Maria, RS, Brasil
2014**

**MOBILIZAÇÃO SOCIAL NO *FACEBOOK*: CONECTANDO
SOLIDARIEDADE E JUSTIÇA NO CASO DA BOATE *KISS***

Carolina Moro da Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação
da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS),
como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação

Orientadora: Prof^ªDr^ª Liliane Dutra Brignol

Santa Maria, RS, Brasil

2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MORO DA SILVA, CAROLINA
MOBILIZAÇÃO SOCIAL NO FACEBOOK: CONECTANDO
SOLIDARIEDADE E JUSTIÇA NO CASO DA BOATE KISS / CAROLINA
MORO DA SILVA.-2014.
155 p.; 30cm

Orientador: LILIANE DUTRA BRIGNOL
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2014

1. Internet 2. Mobilização Social 3. Redes Sociais
Online I. DUTRA BRIGNOL, LILIANE II. Título.

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado**

**MOBILIZAÇÃO SOCIAL NO *FACEBOOK*: CONECTANDO
SOLIDARIEDADE E JUSTIÇA NO CASO DA BOATE *KISS***

elaborada por
Carolina Moro da Silva

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Liliane Dutra Brignol, Dr^a
(Presidente/Orientadora)

Prof^ª. Daniela Aline Hinerasky, Dr^a(UNIFRA e ESPM/SUL)

Prof^ª. Sandra Rubia da Silva, Dr^a(UFSM)

Santa Maria, 19 de maio de 2014.

AGRADECIMENTOS

O caminho que percorremos durante a pós-graduação é cheio de desafios, metas, reflexões e ansiedades. Um pouco doloroso, diria eu, mas transformador.

No caminho encontrei pessoas maravilhosas que pude dividir os lamentos e felicidades. Um abraço especial à nossa turma 2012. E aos colegas Gabriela, Alisson, Mirian, Fabi, Carline e Camila.

Também encontrei a minha orientadora Liliane, que me segurou pela mão e me ajudou a desviar dos obstáculos. Muito obrigada, és especial!

Agradeço aos professores do Programa por terem contribuído para o enriquecimento intelectual, especial à Rosane Rosa.

Obrigada às professoras Adriane Roso e Sandra Rubia pela leitura atenta do texto de qualificação.

À Capes, por ter viabilizado essa pesquisa.

Ainda, dedicação especial à minha família de origem, amo vocês. A meu pai por ter contribuído a partir de sua leitura, à minha mãe que ajudou no processo de seleção do mestrado. Aos meus irmãos (Mariana, João e Francisco) pelo amor que vocês tem por mim. Agradeço de forma especial àquelas pessoas que me deram estrutura durante o curso. À minha sogra Iracema e meus tios, Pedro e Laís (*in memoriam*), por terem cuidado do Davi enquanto eu frequentava as aulas.

Obrigada à minha família construída, Felipe e Davi, pelo apoio incondicional e o amor que vocês tem por mim.
À vocês dedico este trabalho!

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Universidade Federal de Santa Maria

MOBILIZAÇÃO SOCIAL NO FACEBOOK: CONECTANDO SOLIDARIEDADE E JUSTIÇA NO CASO DA BOATE KISS.

AUTORA: CAROLINA MORO DA SILVA
ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. LILIANE DUTRA BRIGNOL
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 19 de maio de 2014.

A pesquisa leva em conta a penetrabilidade das tecnologias da informação e da comunicação em todas as esferas da atividade humana e a configuração da lógica de redes como central para a organização social contemporânea. Nesse contexto, o estudo tem como foco o fenômeno comunicacional das redes sociais online para mobilização social no caso da tragédia da Boate *Kiss*, em Santa Maria - RS. Assim, construímos nosso problema de pesquisa que identidades coletivas e sentimentos foram acionados no *Facebook* para mobilizações sociais em torno da tragédia da Boate *Kiss*? Portanto, o objetivo principal da pesquisa é investigar as identidades coletivas e sentimentos acionados via redes sociais online, de modo a identificar o papel das redes sociais online para a organização das mobilizações em rede. Desse objetivo geral decorrem os específicos: identificar os sentimentos geradores destas mobilizações e possíveis implicações na construção de identidades coletivas; investigar como foi esta organização, quais os conflitos existentes e como as ações foram efetivadas por estes coletivos. Para alcançar nossos objetivos utilizamos como metodologia um estudo de caso, a partir de observações online e offline. Os dados que compõem o recorte do estudo foram coletados por meio de observações online e offline e de entrevistas semi-estruturadas com sujeitos participantes de duas mobilizações no espaço urbano de Santa Maria e oriundas de três eventos criados no *Facebook* em decorrência do incêndio: a **Caminhada da Paz** (organizada a partir dos eventos do *Facebook* Caminhada do Luto e Caminhada da Paz) e o **Protesto por Justiça** (organizado pelo evento Protesto por Justiça). Como marco teórico buscamos as reflexões de pesquisadores de movimentos sociais, movimentos em rede, mobilizações sociais e redes sociais como Touraine (2009), Castells (2012), Toro (1996) e Recuero (2009). Como resultados, percebemos que sujeitos formaram redes para mobilizar ações através da rede social online *Facebook*, promover voluntariado, reunir informações e fomentar debates sobre a responsabilidade do incêndio. As mobilizações analisadas foram baseadas principalmente pelos sentimentos de solidariedade e indignação. Em suma, organizaram redes de comunicação, partilhando afetos, debatendo posicionamentos contrários e unindo-se para superação da dor em forma de ações de mobilização social.

Palavras-chave: Internet. Identidades. Mobilização Social. Redes Sociais Online.

ABSTRACT

SOCIAL MOBILIZATION ON FACEBOOK: CONNECTING AND SOCIAL JUSTICE IN THE CASE OF NIGHTCLUB KISS.

The research takes into account the penetration of information and communication technologies in all spheres of human activity and the configuration of logic networks as central to contemporary social organization. In this context, the study focuses on the communication phenomenon of online social networks for social mobilization in the case of the tragedy of Kiss Nightclub in Santa Maria - RS. Therefore, we built our research problem in seeking to understand how and by whom collective identities were constructed in social mobilizations organized by Facebook around the tragedy of Nightclub Kiss. Therefore, the main objective of the research was to investigate the collective identities constructed via online social networks in order to identify the role of online social networks to organize the protests network. This general objective derives specific: identify generating feelings of these mobilizations and possible implications for the construction of collective identities; was to investigate how this organization, which existing conflicts and how actions were effected by these collectives. The data that make up the cutout of the study were collected through online and offline observations and semi-structured interviews with subjects participating in two mobilizations in the urban area of Santa Maria and from three events created on Facebook as a result of the fire: the **Walk to Peace** (organized from *Facebook* events Walk Mourning and Walk to Peace) and **Protest for Justice** (organized by event Protest for Justice). As a theoretical framework we seek the reflections of researchers of social movements, movements in networks, social movements and social networks like Touraine (2009), Castells (2012), Toro (1996) e Recuero (2009). As a result, we noticed that subjects formed networks to mobilize action through online social network *Facebook*, promote volunteerism, gather information and encourage debate about the responsibility of the fire. The mobilizations were analyzed based primarily by feelings of solidarity and outrage. In short, organized communication networks, sharing affects, debating positions contrary and uniting to overcome pain in the form of social mobilization actions.

Word-Keys: Internet. Identities. Social Mobilization. Online Social Network.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

| | |
|--|-----|
| Figura 1 - Página inicial do usuário, com o feed de notícias..... | 31 |
| Figura 2 - “Curtir”, “comentar” e “compartilhar”: principais comandos..... | 31 |
| Figura 3 - Postagem do Delegado responsável pela investigação da Boate Kiss..... | 58 |
| Figura 4 - Formulário online disponibilizado pela Polícia Civil..... | 59 |
| Figura 5 - Postagem indicando o intuito da página..... | 71 |
| Figura 6 - Postagem da página “Informações da Tragédia da Boate Kiss”..... | 71 |
| Figura 7 - Cartaz elaborado pelos propositores unindo as duas caminhadas..... | 80 |
| Figura 8 - Manifestantes tomaram conta das ruas da cidade..... | 81 |
| Figura 9 - Os participantes realizaram homenagens no Centro Desportivo Municipal..... | 81 |
| Figura 10 - Cartazes já indicando os primeiros sentimentos de indignação para com o poder público..... | 82 |
| Figura 11 - Cartazes já indicando os primeiros sentimentos de indignação para com o poder público..... | 82 |
| Figura 12 - Definição do horário e concentração da Caminhada..... | 86 |
| Figura 13 - O processo de união das duas caminhadas foi postado pela organizadora..... | 86 |
| Figura 14 - Informações sobre a necessidade de materiais no CDM..... | 87 |
| Figura 15 - Postagem do propositor da união das duas caminhadas..... | 90 |
| Figura 16 - As notícias veiculadas na mídia sobre a Caminhada da Paz/Luto..... | 91 |
| Figura 17 - Indicações de outros eventos postados pelo propositor após a manifestação..... | 92 |
| Figura 18 - Agradecimento pela mobilização dos cidadãos santa-marienses..... | 92 |
| Figura 19 - Apresentação dos dados de identificação do participante da Caminhada do Paz/Luto..... | 94 |
| Figura 20 - Postagem do vídeo na hora em que os manifestantes estavam realizando homenagens..... | 94 |
| Figura 21 - Postagens mostravam que a dor era de todos os moradores de Santa Maria..... | 97 |
| Figura 22 - Postagens mostravam a indicação dos participantes em não portar velas..... | 98 |
| Figura 23 - Postagens de sugestão para o trajeto da caminhada..... | 98 |
| Figura 24 - Convocação para que as pessoas participassem da caminhada..... | 98 |
| Figura 25 - Indicação para as pessoas levassem balões e fossem de roupas brancas..... | 99 |
| Figura 26 - Convocação para um minuto de silêncio em frente ao gabinete do prefeito..... | 99 |
| Figura 27 - Indicações para que outras lutas fossem contempladas na caminhada..... | 99 |
| Figura 28 - Postagens na hora da caminhada..... | 100 |
| Figura 29 - Depoimentos pessoais sobre a participação na caminhada..... | 100 |
| Figura 30 - Postagem sobre a indicação da união do povo gaúcho..... | 101 |
| Figura 31 - Propositor do evento agradecendo a participação e divulgando as notícias sobre a caminhada..... | 101 |
| Figura 32 - A união dos participantes para representar que a cidade também é solidária. ... | 102 |
| Figura 33 - Elemento das identidades coletivas: o ser santa-mariense e gaúcho..... | 102 |
| Figura 34 - Depoimento das experiências pessoais sobre a tragédia..... | 103 |
| Figura 35 - Postagem de solidariedade na união dos manifestantes..... | 104 |
| Figura 36 - Postagem após a caminhada reafirmando o caráter solidário..... | 104 |
| Figura 37 - O conforto dos santa-marienses através da solidariedade..... | 104 |
| Figura 38 - Apresentação do evento “Protesto por Justiça”, com descrição e nota oficial. .. | 106 |
| Figura 39 - Definição da concentração do Protesto por Justiça..... | 113 |
| Figura 40 - Questionamentos do processo dos locais para concentração postados pelo propositor..... | 113 |

| | |
|---|-----|
| Figura 41 - Informações sobre a organização eram postadas pelo organizador..... | 113 |
| Figura 42 - Postagens com as fotos do protesto. | 115 |
| Figura 43 - Postagem do vídeo editado pelo próprio participante com as imagens feitas durante a ação. | 115 |
| Figura 44 - Denúncia postada pelo participante sobre a troca de extintores na prefeitura.... | 118 |
| Figura 45 - Crítica à carta publica pela Primeira Dama. | 118 |
| Figura 46 - Indicações dos direcionamentos a respeito da ação por parte do propositor. | 120 |
| Figura 47 - Comandos para a construção dos cartazes. | 120 |
| Figura 48 - A mensagem aborda a força da juventude para exigir mudanças..... | 121 |
| Figura 49 - As mensagens de apoio foram postadas mesmo por quem não iria participar da ação. | 122 |
| Figura 50 - Os pronomes possessivos indicam que a tragédia foi de todos os cidadãos da cidade..... | 122 |
| Figura 51 - A busca do propositor em caracterizar o protesto como pacífico..... | 125 |
| Figura 52 - Participante apoiando o protesto pacífico..... | 125 |
| Figura 53 - A busca por justiça prevaleceu nas mensagens. | 125 |
| Figura 54 - A força de mobilização da temática na cidade. | 126 |
| Figura 55 - O orgulho da solidariedade manifestada pela cidade. | 127 |
| Figura 56 - A união da juventude para realizar mudanças..... | 127 |
| Figura 57 - A relação da tragédia de jovens com a união destes para a mudança..... | 127 |
| Figura 58 - Indignação com a investigação I..... | 129 |
| Figura 59 - Indignação com a investigação II. | 129 |
| Figura 60 - “Jeitinho brasileiro” como indignação..... | 129 |
| Figura 61 - Pautas gerais também foram cobradas no ambiente online. | 130 |
| Figura 62 - Pautas gerais também foram cobradas no ambiente online. | 130 |
| Figura 63 - A indignação foi o sentimento predominante na manifestação. | 130 |
| Figura 64 - Acusações diretas para com o prefeito da cidade I..... | 131 |
| Figura 65 - Acusações diretas para com o prefeito da cidade II. | 131 |
| Figura 66 - Ira para com a situação do Brasil..... | 131 |
| Figura 67 - A solidariedade se manifestou através do apoio das pessoas para com as famílias. | 132 |
| Figura 68 - As pessoas que não puderam comparecer postaram mensagens de solidariedade. | 132 |
| Figura 69 - De outros Estados as pessoas pediam força..... | 132 |
| Figura 70 - A partir da tragédia que mudanças podem ser pensadas na cidade. | 133 |
| Figura 71 - Convocação dos jovens, a partir da capacidade para a mudança. | 133 |
| Figura 72 - Propositor do grupo deliberava a respeito do trajeto do protesto. | 135 |
| Figura 73 - Indicação de adversários com o trajeto da manifestação. | 135 |
| Figura 74 - Conforme a escolha do trajeto o propositor mudava o local do evento I. | 135 |
| Figura 75 - Conforme a escolha do trajeto o propositor mudava o local do evento II..... | 136 |
| Figura 76 - Postagem mostra o que poderia ser cobrado nos locais determinados para o protesto. | 136 |
| Figura 77 - Pedidos de impugnação do prefeito da cidade também foram discutidos pelo grupo..... | 137 |
| Figura 78 - Os conflitos acerca dos adversários e o entendimento pela luta contra a impunidade. | 137 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 - Cabeçalho da tabela para coleta de dados da observação exploratória..... | 64 |
| Quadro 2 - Resumo dos eventos com os objetivos e as ações efetivadas | 66 |
| Quadro 3 - Resumo dos grupos com os objetivos e as ações efetivadas..... | 69 |
| Quadro 4 - Resumo dos objetivos das páginas criadas com a temática. | 71 |
| Quadro 5 - Cabeçalho da tabela de coleta de dados para análise das postagens dos eventos. | 75 |
| Quadro 6 - Apresentação inicial dos entrevistados. | 77 |
| Quadro 7 - Apresentação dados de identificação da organizadora da Caminhada da Paz. | 83 |
| Quadro 8 - Apresentação dados de identificação do propositor da Caminhada do Luto. | 87 |
| Quadro 9 - Apresentação dos dados de identificação do participante da Caminhada do Paz/Luto..... | 92 |
| Quadro 10 - Apresentação dados de identificação da segunda participante da Caminhada da Paz/Luto..... | 95 |
| Quadro 11 - Apresentação dados de identificação do propositor do Protesto por Justiça. ... | 109 |
| Quadro 12 - Apresentação dados de identificação do primeiro participante do Protesto por Justiça. | 113 |
| Quadro 13 - Apresentação dados de identificação do segundo participante do Protesto por Justiça. | 116 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| LISTA DE ILUSTRAÇÃO | 7 |
| LISTA DE QUADROS | 10 |
| INTRODUÇÃO | 13 |
| 1. REDES SOCIAIS: LÓGICAS E MOBILIZAÇÕES | 18 |
| 1.1. A ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE EM REDE..... | 19 |
| 1.2. REDES SOCIAIS: ESTUDO, ORIGENS E CARACTERÍSTICAS | 24 |
| 1.3. REDES SOCIAIS ONLINE: ARTICULAÇÕES PARA AÇÕES COLETIVAS | 26 |
| 1.4. <i>FACEBOOK</i> E AS MOBILIZAÇÕES A PARTIR DA INTERNET | 30 |
| 2. MOBILIZAÇÕES SOCIAIS EM REDE: IDENTIDADES E AFETOS | 35 |
| 2.1. EM BUSCA DE OUTROS PARADIGMAS PARA A COMPREENSÃO DOS ATORES SOCIAIS | 36 |
| 2.2. MOVIMENTOS SOCIAIS E MOBILIZAÇÕES: LOCAIS DE ENCONTRO E RECONHECIMENTO DOS ATORES SOCIAIS | 39 |
| 2.3. IDENTIDADES COLETIVAS: OS VÍNCULOS CRIADOS NAS MOBILIZAÇÕES | 46 |
| 2.4. AFETIVIDADES NAS MOBILIZAÇÕES SOCIAIS..... | 50 |
| 3. ENTRE O <i>FACEBOOK</i> E AS RUAS: AÇÕES SOLIDÁRIAS NA TRAGÉDIA ... | 54 |
| 3.1. CONTEXTO DO ACONTECIMENTO | 54 |
| 3.2. O ESTUDO DE CASO A PARTIR DA PERSPECTIVA DA OBSERVAÇÃO ONLINE E OFFLINE | 59 |
| 3.2.1. A CONSTRUÇÃO DAS TÉCNICAS DE PESQUISA..... | 62 |
| 3.3. A PESQUISA EXPLORATÓRIA | 64 |
| 3.3.1. EVENTOS OBSERVADOS | 65 |
| 3.3.2. GRUPOS OBSERVADOS | 68 |
| 3.3.3. PÁGINAS OBSERVADAS..... | 70 |
| 3.3.4. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A PESQUISA EXPLORATÓRIA..... | 72 |

| | |
|---|------------|
| 4. MOBILIZAÇÕES SOCIAIS NO <i>FACEBOOK</i>: CAMINHADA DA PAZ E PROTESTO POR JUSTIÇA..... | 78 |
| 4.1. CAMINHADA DA PAZ/LUTO..... | 78 |
| 4.1.1. PARTICIPANTES DA CAMINHADA PAZ/LUTO | 82 |
| 4.1.1.1. ENTREVISTA COM A ORGANIZADORA DA CAMINHADA DA PAZ | 83 |
| 4.1.1.2. ENTREVISTA COM O ORGANIZADOR DA CAMINHADA DO LUTO | 87 |
| 4.1.1.3. ENTREVISTA COM O PRIMEIRO PARTICIPANTE DA CAMINHADA DA PAZ/LUTO..... | 92 |
| 4.1.1.4. ENTREVISTA COM O SEGUNDO PARTICIPANTE DA CAMINHADA DA PAZ/LUTO..... | 95 |
| 4.1.2. ANÁLISE DA CAMINHADA DA PAZ/LUTO NO <i>FACEBOOK</i> | 96 |
| 4.1.3. AS IDENTIDADES COLETIVAS: SENTIMENTOS SOLIDÁRIOS NA CAMINHADA | 101 |
| 4.2. EVENTO “PROTESTO POR JUSTIÇA” | 105 |
| 4.2.1. SUJEITOS PARTICIPANTES DO PROTESTO POR JUSTIÇA | 108 |
| 4.2.1.1. ENTREVISTA COM O ORGANIZADOR DO PROTESTO POR JUSTIÇA | 109 |
| 4.2.1.2. ENTREVISTA COM O PRIMEIRO PARTICIPANTE DO PROTESTO POR JUSTIÇA | 113 |
| 4.2.1.3. ENTREVISTA SEGUNDO PARTICIPANTE DO PROTESTO POR JUSTIÇA | 116 |
| 4.2.2. ANÁLISE DO “PROTESTO POR JUSTIÇA” NO <i>FACEBOOK</i> | 119 |
| 4.2.3. AS IDENTIDADES COLETIVAS: SENTIMENTO POR JUSTIÇA E O PRINCÍPIO DE OPOSIÇÃO..... | 124 |
| 4.3. RELAÇÕES DAS MOBILIZAÇÕES SOCIAIS: CAMINHADA DA PAZ E PROTESTO POR JUSTIÇA | 139 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 143 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 148 |
| APÊNDICE A - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS..... | 151 |
| APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..... | 155 |

INTRODUÇÃO

Durante o estudo preliminar de nossa temática, pesquisamos amplamente o ambiente online à procura de fenômenos de colaboração e mobilização em rede. Já em fevereiro de 2013, após a ocorrência da tragédia da Boate *Kiss*, optamos por estudar o fenômeno comunicacional em torno das mobilizações organizadas nas redes sociais online.

A tragédia ocorreu na madrugada do domingo dia 27 de janeiro de 2013, numa conhecida casa noturna de Santa Maria-RS, a Boate *Kiss*. Foram 242 vítimas fatais e 145 pessoas internadas. O acontecimento se tornou o segundo¹ maior incêndio do Brasil e o maior do Rio Grande do Sul. Após o ocorrido, as pessoas encontraram nas redes um espaço potencial para organização de ações e circulação de informações sobre o fato.

Assim, como tema de nossa pesquisa, nos detivemos ao fenômeno comunicacional das redes sociais online para mobilização social no caso da tragédia da Boate *Kiss* em Santa Maria - RS. Percebemos que sujeitos formaram redes para mobilizar ações, promover voluntariado, reunir informações e fomentar debates sobre a responsabilidade do acidente, em suma, organizaram redes de comunicação, partilhando afetos, debatendo posicionamentos contrários e unindo-se para superação da dor em forma de ações de mobilização social.

Para a organização dos voluntários, por exemplo, foi criado um grupo no *Facebook*² chamado “Voluntário SM”, centralizando informações, telefones e escalas de horário dos voluntários nos hospitais da cidade. Foram organizadas mobilizações para a investigação do ocorrido, por exemplo, em protestos por justiça, manifestações públicas de homenagem às vítimas, como uma caminhada pela paz. Grupos foram criados no *Facebook* com o intuito de serem locais de orações para as vítimas. Com essas organizações pelas redes sociais online identificamos grande repercussão de seus usos e apropriações na mídia, o assunto pautou jornais e telejornais pelo país e no mundo.

Assim, no caso da Boate *Kiss*, percebemos novas formas de mobilizar-se, a partir das redes online, o que também ocorreu em outros contextos, como em movimentos, coletivos, associações e atores sociais independentes que se caracterizam por se apropriarem da internet e das redes para engajamento e mobilização social. Como exemplo, podemos indicar que a primeira iniciativa de mobilização pela internet foi em 1994 com o Movimento Zapatista, no México, convergindo suas ações pelo site do movimento. Ainda citamos as manifestações, em

¹ O maior incêndio no Brasil, em número de vítimas fatais foi em 1961, na cidade de Niterói – RJ. O incêndio criminal no circo GranCircus Norte-Americano vitimou 503 pessoas. Fonte: (<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/os-maiores-incendios-no-brasil>)

²www.facebook.com

1999, contra o encontro da Organização Mundial do Comércio, em Seattle (EUA), precedidas por ocupações, em espaços públicos, ao redor do mundo. No contexto atual, os movimentos em rede, assim nomeados por autores como Castells (2012), estão organizando grandes mobilizações em busca de objetivos em comum. Esses movimentos combinam ações no espaço online e organizam-se em rede. Como casos emblemáticos, temos a chamada Revolução no Egito, em 2011, que exigiu eleições democráticas e a queda do ditador Mubarak. A partir dessas mobilizações no Egito procederam-se outras tantas nos países Árabes, levando ao que ficou conhecido como Primavera Árabe.

Ainda identificamos movimentos em rede na Europa como os Indignados na Espanha, movimento exigindo mudanças políticas na sociedade espanhola. No contexto brasileiro, identificamos esses movimentos através das marchas da Maconha e das Vadias, que ocorreram em várias cidades brasileiras e ainda mais recentemente, em 2013, com protestos iniciados contra aumento da tarifa de ônibus do transporte público em Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e outras cidades, além de mobilizações contra os megaeventos promovidos no país, como a Copa das Confederações e a Copa do Mundo.

Com isso, percebemos que a característica em comum destes movimentos é a de que a comunicação se torna central para a organização e a mobilização. A produção de conteúdo pode ser feita pelos próprios sujeitos, com o protagonismo comunicacional e o empoderamento. Sujeitos utilizam-se das tecnologias da informação e comunicação (TICs) e criam espaços de contrapoder nas redes sociais online.

Outra questão a ser contemplada como fundante é que a prática cidadã, segundo Peruzzo (2007), pode se apresentar na participação em múltiplas formas, como a construção de espaços contra-hegêmonicos de informação no espaço online. Com a possibilidade de construir um espaço plural e próprio, este tipo de participação se apresenta como uma alternativa à ausência de múltiplas vozes nos veículos de comunicação tradicionais.

Justificamos a escolha do tema pela identificação da pesquisadora com movimentos sociais, por acreditar que a mudança social pode ser potencializada na ação destes sujeitos que estão descobrindo outras formas de organização, interação e comunicação. Também acreditamos que o uso e a apropriação das redes sociais online em acontecimentos como estes contribui para organização de voluntários e captação de informações de modo a auxiliar na resolução de problemas decorrentes.

O tema sobre a utilização das redes sociais para mobilizações faz parte de um contexto já abordado por muitos pesquisadores. Podemos indicar que a organização das mobilizações e as interações para mobilizar-se são ampliadas para o espaço online. Com estas constatações

nosso questionamento procurou apontar qual o papel da rede social online *Facebook* no processo de mobilização. Como se construíram identidades coletivas para a mobilização e que sentimentos foram percebidos no processo. Tendo em vista este foco, o problema que orienta nossa pesquisa é: que identidades coletivas e sentimentos foram acionados no *Facebook* para mobilizações sociais em torno da tragédia da Boate *Kiss*?

A partir dessa problemática definimos como objetivo principal da pesquisa: investigar as identidades coletivas e sentimentos acionados via redes sociais online, de modo a identificar o papel das redes sociais online para a organização das mobilizações em rede. Deste objetivo geral decorrem os específicos: identificar os sentimentos geradores destas mobilizações e possíveis implicações na construção de identidades coletivas; investigar como foi esta organização, quais os conflitos existentes e como as ações foram efetivadas por estes coletivos.

A partir desta problemática, nossa metodologia se caracterizou por ser um estudo de caso construído a partir da observação online e offline de duas mobilizações no espaço urbano de Santa Maria e oriundas de três eventos criados no *Facebook* em decorrência do incêndio: a **Caminhada da Paz** (organizada a partir dos eventos do *Facebook* Caminhada do Luto e Caminhada da Paz) e o **Protesto por Justiça** (organizado pelo evento Protesto por Justiça).

Para tanto, elaboramos um percurso de apresentação dos métodos, na pesquisa empírica, iniciamos com observações exploratórias no ambiente online, a fim de identificar possíveis movimentos ou mobilizações que se apropriaram das redes sociais online para as práticas cidadãs. Nesta etapa, observamos estes coletivos para identificar sua periodicidade de ações e entender sua organização. Percebemos a importância que as informações e apropriações das redes sociais online tiveram na organização dos voluntários e também na circulação de informações pontuais sobre feridos, vítimas e desaparecidos, já no dia do incêndio na Boate *Kiss*. Assim, optamos pela observação exploratória como técnica de coleta de dados.

Com o objeto escolhido, observamos o *Facebook* entre os dias 27 de janeiro de 2013 a 10 de fevereiro de 2013 para conhecermos as interações sociais no ambiente e identificarmos movimentos que organizaram caminhadas e protestos no caso da Boate *Kiss*. Após a pesquisa exploratória, partimos para a pesquisa aprofundada, organizando a nossa coleta de dados com a observação sistemática dos eventos selecionados. Por fim, desenvolvemos entrevistas semi-estruturadas com os sujeitos participantes das mobilizações.

Para organizar o percurso, o texto da dissertação foi composto, além da **Introdução** com a apresentação da pesquisa, pelo capítulo 1 sobre – Redes Sociais: Lógicas e

Mobilizações –, em que apresentamos uma contextualização teórica a partir da aproximação ao conceito de sociedade em rede, com base em Castells (1999), que identifica a lógica das redes permeando a organização de nossa sociedade. Nos subcapítulos seguintes, apresentamos um percurso teórico acerca das redes sociais, incluindo suas origens e características, desde os primeiros estudos até as abordagens nos estudos das Ciências Sociais; ainda indicamos como as redes se apresentam no ambiente online, temos como fontes pesquisadores como Lozares (1996), Recuero (2009) e Rizo García (2003). Finalizamos este capítulo apresentando as lógicas de funcionamento da rede social online *Facebook*, como são publicados os conteúdos neste ambiente comunicacional e de que forma os usuários interagem com o conteúdo. Ainda citamos parte do estado da arte, preocupada pontualmente, com as mobilizações no *Facebook*.

No Capítulo 2 – Mobilizações Sociais em Rede: Identidades e Afetos –, apresentamos como, através dos usos das TICs, emergem novas dinâmicas de práticas cidadãs. Refletimos como o sujeito pode, através dos usos das tecnologias, criar existências e resistências no ambiente online. Para isso se tornou importante entendermos a dimensão do sujeito nas mobilizações, identificando a relação indivíduo, sujeito e ator social proposto por Touraine (2009). No tópico seguinte, falamos como movimentos sociais e mobilizações se apresentam na contemporaneidade, através da visão de pesquisadores preocupados em entender estes fenômenos, como Gohn (2000) e o próprio Touraine (1994). Partimos para o conceito de mobilização através da visão contemporânea latino-americana, com o aporte de José Bernardo Toro (1996) e Henrique Mario Simeone (2007). Nos subcapítulos posteriores, abordamos o conceito de redes de mobilizações sociais, com Gohn (2007), Scherer-Warren (2006). Ainda partimos de algumas considerações sobre as identidades sociais e coletivas a partir de Hall (2000), Castells (2006) e Melucci (2001). No subcapítulo precedente, nos detivemos nos principais fatores de união destes movimentos espontâneos a partir dos afetos. Como contribuição teórica acerca deste capítulo, pensamos nas proposições de Castells (2012) sobre as emoções importantes para mobilização social e comportamento político, como o medo (emoção negativa) e o entusiasmo (emoção positiva), além de um sentimento enraizado de indignação.

No capítulo 3 – Entre o *Facebook* e as Ruas: Ações Solidárias na Tragédia –, apresentamos o contexto do acontecimento da Boate *Kiss* baseado em informações do inquérito policial, notícias e observações nos locais em que ocorreram os fatos. Ainda nesse capítulo, apresentamos nosso percurso metodológico, com base no estudo de caso das mobilizações. Ainda apresentamos dados coletados de nossa pesquisa exploratória com as iniciativas criadas no *Facebook* com temática Boate *Kiss*. Nosso intuito nessa apresentação

foi situar o leitor dos inúmeros locais online criados por sujeitos preocupados em realizar orações, discutir sobre ações ou homenagear as vítimas. Com isso, são descritos os eventos, grupos e páginas criados, seguidos de nossas considerações gerais sobre esta primeira aproximação empírica.

O capítulo 4 – Mobilizações Sociais no *Facebook*: Caminhada da Paz e Protesto por Justiça –, foi dedicado em esmiuçar os dados coletados, com a apresentação de nossa análise. O capítulo está estruturado em forma de tópicos para fim de organização e entendimento do nosso percurso. A primeira mobilização apresentada é a Caminhada da Paz/Luto. No primeiro tópico, contemplamos o contexto da ação, identificação dos entrevistados e seus papéis na mobilização. A seguir são expostas as análises do ambiente online em que ocorreu a sua organização, assim como a percepção das identidades e sentimentos que permearam a ação.

No próximo subcapítulo, explicitamos o Protesto por Justiça, que ocorreu no dia posterior a caminhada. A apresentação da ação ligada à justiça seguiu a mesma lógica, com a contextualização da ação, apresentação dos entrevistados, as análises no *Facebook*. E, por fim, as identidades, sentimentos e adversários que foram percebidos no decorrer da mobilização. Ao término desse capítulo, analisamos recorrências e diferenças dessas duas mobilizações.

Finalizamos a sistematização de nossa pesquisa com as considerações sobre todo o processo, através das reflexões teóricas, que serviram de base para as discussões analíticas, o que podemos inferir sobre a temática e que lacunas ainda ficaram sobre o nosso tema.

1. REDES SOCIAIS: LÓGICAS E MOBILIZAÇÕES

A importância das redes sociais online (RSO) no contexto brasileiro pode ser percebida em pesquisa do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI), composto por membros do governo, setor empresarial, do terceiro setor e da comunidade acadêmica. O órgão coordena e fiscaliza iniciativas dos serviços de internet no país. A pesquisa sobre os usos das tecnologias de informação e comunicação no Brasil, disponível no relatório de 2012 do CGI, apresenta dados coletados entre os dias 1º de setembro de 2012 e 13 de fevereiro de 2013, em todo território nacional, tendo como população-alvo todos os domicílios brasileiros e cidadãos a partir de 10 anos de idade. A pesquisa constatou que os computadores de mesa, portáteis e *tablets* ocupam o quarto lugar como equipamentos mais presentes nos domicílios, com 46%. A televisão é o mais presente (98%), seguida por telefone celular (88%) e rádio (79%). A pesquisa ressalta o avanço de nove pontos percentuais na presença dos computadores em 2012 em relação ao ano de 2011, de 41% para 50%. Nos domicílios brasileiros que têm acesso à internet, houve crescimento de quatro pontos percentuais em relação ao ano anterior, de 40% para 44%.

Apesar dos aumentos expressivos, as desigualdades econômicas e sociais entre os estados são refletidas no acesso à internet. O Sudeste prevalece como a região onde a tecnologia está em praticamente metade dos lares. A região Nordeste apresenta o menor índice, menos de quatro a cada dez têm acesso.

Os resultados apontam o perfil do usuário de internet no Brasil: jovens urbanos e com maior concentração na região Sudeste. Quando a pesquisa voltou-se para as atividades realizadas na internet percebeu-se que os usuários utilizam a internet para comunicação (uso das redes sociais), para busca de informação (com destaque para o site de busca Google) e ainda para lazer (jogos e vídeos). Os dados apresentaram que 78% dos usuários utilizam a internet para enviar e receber e-mails, 72% enviar mensagens instantâneas e 69% procuram as redes sociais online, em suma são usos para interação pessoal. Ao percebermos os dados da pesquisa, a comunicação interpessoal é a principal atividade dos usuários na internet, ficando em destaque para as redes sociais online, as quais se tornaram importantes ferramentas para a comunicação em rede. Ao pensarmos na participação das pessoas na mobilização social ou na própria rede de solidariedade formada para prestar ajuda no caso da Boate *Kiss*, precisamos considerar as questões do acesso à rede mundial de computadores, a internet. Também,

tornou-se necessário perceber quais usos são feitos pelas pessoas, ou seja, de que forma utilizam-se das redes sociais online.

O objetivo deste capítulo é compreender as redes sociais online e suas implicações para o processo de mobilização social. Nesse contexto, foi importante considerar que o conceito de redes sociais surgiu antes das redes sociais online, conceito esse abordado em diversas ciências, em especial nas Ciências Sociais. Como eixo central, o estudo das redes sociais perceberam os fenômenos através da relação uns com outros, em uma lógica sistêmica. Assim, compreendemos o conceito de rede social como uma estrutura social anterior às redes na internet, estas organizadas através de ferramentas para interação específicas em sites de redes sociais. Num segundo momento, apresentamos a lógica de funcionamento do *Facebook*, através de exemplos com movimentos e mobilizações que se apropriam das ferramentas do site de rede social para o processo de mobilização.

1.1. A organização da sociedade em rede

Ao entrarmos nos conceitos de redes sociais, concordamos com Castells (2009) quando considera a lógica das redes permeando a organização da sociedade. De acordo com o teórico, no fim do segundo milênio, acontecimentos de importância histórica transformaram o cenário social da vida humana. Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado (CASTELLS, 2009 p.39). Essa revolução interdependeu as economias globais e apresentou novas formas da relação economia, estado e sociedade. Castells percebe que a sociedade a que estamos assistindo se caracteriza como:

Integração dos mercados financeiros, o desenvolvimento da região do Pacífico asiático, como um novo centro industrial global dominante; a difícil unificação econômica da Europa, o surgimento de uma economia regional na América do Norte, a diversificação, depois desintegração, do ex-Terceiro Mundo; a transformação gradual da Rússia e da antiga área de influência soviética nas economias de mercado; a incorporação de preciosos segmentos de economias do mundo inteiro em um sistema interdependente que funciona como uma unidade em tempo real (CASTELLS, 2009, p. 40).

A partir dessa revolução tecnológica abordada, pelo autor, as tecnologias e as lógicas das redes globais centraram a sociedade em rede, Castells (1999) indica que as tecnologias da

informação e comunicação (TICs) não são simples ferramentas a serem aplicadas, mas seus sentidos foram construídos pelos usuários que se apropriaram e redefiniram as TICs. Ao reconfigurar as tecnologias, foram descobertos novos usos ou diferentes dos que foram propostos. Essas utilizações sociais já passaram por três estágios distintos, na última década: a automação de tarefas, experiências de usos e a reconfiguração das aplicações.

A organização da sociedade em torno das redes iniciou através do avanço tecnológico: da microeletrônica, computação e telefonia, transformou a dinâmica de armazenamento de informações em rede. Para Castells, “a lógica de funcionamento de redes, cujo símbolo é a internet, tornou-se aplicável a todos os tipos de atividades, a todos os contextos e a todos os locais que pudessem ser conectados eletronicamente” (CASTELLS, 1999, p.89). O conceito de sociedade em rede para Castells é a forma de se perceber a “estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias da comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes” (CASTELLS, 1999, p.20). O autor ainda considera que a sociedade em rede pode se manifestar em diferentes formas, de acordo com a cultura, as instituições e a trajetória histórica de cada sociedade, transcendendo as fronteiras pelas redes globais chegando aos países através das redes de capital, bens e serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia.

Castells (1999, p.108) reflete teoricamente as características do paradigma informacional, apresenta inicialmente que a informação tornou-se matéria-prima e as tecnologias agiram sobre a informação. O segundo aspecto do paradigma referiu-se à penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias “todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados pelo novo meio tecnológico” (Castells, 1999, p.108). A terceira característica refere-se à lógica das redes estruturando a organização das instituições, dos países, sujeitos e movimentos sociais.

Ainda, a lógica da sociedade em rede, pode ser percebida na apropriação pelos sujeitos que moldam novas práticas de mobilizações geradas a partir dos fluxos comunicacionais nas redes online a fim de projetar uma ação. Os fluxos de interação organizam-se em forma de redes, sujeitos agregam outros sujeitos, ampliando o debate e a deliberação no espaço online.

Baseado nesse pensamento, Cardoso (2005) comenta que os usos das tecnologias dependeram dos níveis de avanço social e tecnológico de cada sociedade. O pesquisador percebe que os usos também dependeram da cultura, da história social e política de cada sociedade e, ainda se diferenciam a cada geração. Todas as sociedades foram caracterizadas por um modelo de comunicação, atualmente estamos assistindo a emergência da comunicação

em rede, caracterizado “pela capacidade de globalização comunicacional, juntamente com a interligação em rede dos meios de comunicação de massa e interpessoais e, conseqüentemente, pela emergência de mediação em rede sob diferentes padrões de interação” (CARDOSO, 2011, p. 75). O pesquisador constata que esse paradigma comunicacional se constrói a partir da imagem em movimento e com as novas dinâmicas de acesso à informação. Já os conteúdos – sejam notícias, informação ou entretenimento – são fornecidos tanto pelas empresas midiáticas quanto pelos consumidores. A rede é o elemento central do modelo comunicacional, o qual se mantém a partir de uma rede interpessoal, de um para muitos e de massa: “conecta públicos, participantes, utilizadores, empresas de difusão e editoras sob uma só matriz de rede mediática” (CARDOSO, 2011, 76).

Cardoso (2005) preocupa-se com a mídia na sociedade em rede, enquanto o pesquisador Ugarte (2007) aproxima suas reflexões teóricas acerca da relação das TICs com os novos movimentos sociais que eclodem na sociedade em rede. Os sujeitos desses movimentos tem a possibilidade de se relacionar com milhões de pessoas a cada dia a partir da internet. O estabelecimento dessas relações é dado pela comunicação em rede. Os sujeitos convocam sujeitos pelas redes sociais online, pelos dispositivos móveis e outras plataformas informativas. Como exemplo desses movimentos, Ugarte (2007) cita as manifestações populares ocorridas em março de 2004 na Espanha, em que se convocaram os sujeitos principalmente através dos telefones móveis. O pesquisador indica que essa nova organização de mobilizações e movimentos, os quais priorizam a comunicação convocam sujeitos a partir da comunicação em rede, ampliam as formas de participação do cidadão, que não se vinculam exclusivamente a instituições, mas também a movimentos e ações espontâneos e efêmeros

Rocio Ortiz (2007) reflete sobre a participação cidadã na sociedade globalizada, problematizando as origens e dinâmicas das dimensões das lutas localizadas e (des)territorializadas. Essas lutas pontuais são determinadas por ações concretas e pequenas experiências individuais ou coletivas a partir de pautas do cotidiano. Percebemos que romperam com a participação política tradicional e construíram novas práticas cidadãs preocupadas em pautas globais, mas adequadas para as realidades locais.

Rocio Ortiz (2007) compreende e aproxima os processos de constituição da cidadania nas práticas ciberculturais, com uma visão complexa da relação entre tecnologias, cultura e política. A autora esboça cidadanias emergentes, entre elas a cibercidadania ou cidadania digital. Segundo a autora:

O ciberespaço flui informações, significações, novas práticas sociais e novos dispositivos de controle, é um cenário que nos faz pensar o subjetivo, o social e o político hoje. Esta nova lógica de produção e distribuição também é desigual que é própria do capitalismo (ROCIO ORTIZ, 2007, p.69)³

A autora identifica que no ciberespaço não se criam mundos paralelos, mas sim continuidades da nossa realidade. As desigualdades presentes refletem-se no online, em consequência, tecnologias, culturas e políticas, mais que âmbitos separados, requerem estudos complexos e relacionais.

Por uma parte a cultura é uma dimensão estruturante tanto projetos tecnológicos, como dos processos de aprendizagem, práticas, apropriações e usos das tecnologias. E por sua vez o tecnológico também é uma dimensão estrutural de transformação cultural em uma complexa relação com outros fenômenos e mudanças de época. (ROCIO ORTIZ, 2007, p.69)

As múltiplas expressões culturais e práticas sociais no ciberespaço nos levam a perguntar sobre o que as transformações produzem nas subjetividades políticas e nas identidades cidadãs. Segundo Rocio Ortiz (2007), se percebeu que as instituições e as práticas de política tradicional enfrentam sua fragmentação: “a diversidade de práticas culturais (vida cotidiana, meios massivos, TICs) estão constituindo novas formas de sentir, perceber, desejar, negociar, em fim de ser cidadãos” (ROCIO ORTIZ, 2007, p.69). Percebemos que a cidadania não fica limitada à política institucional, é cada vez mais percebida na vida social, através de novas formas de sociabilidade e comunidade, produzindo no ciberespaço a participação em *blogs*, *chats* e listas de discussão. Muitos dos espaços apropriados, além de serem usados para discussão, culminaram para organização de ações e mobilizações sociais.

A insurgência de outras práticas cidadãs, baseadas na comunicação em rede dão novos sentidos à emancipação social. Ao pensar sobre como abordarmos questões não hegemônicas nas Ciências Sociais, Santos (2007) procura refletir sobre a possibilidade de reinventar a emancipação social, através de novas perspectivas da sociologia das emergências. Neste projeto de emancipação social, o autor identifica que as experiências locais que não se adequaram à lógica do sistema acabaram sendo silenciadas. Segundo o autor, “experiências muito locais, não muito conhecidas nem legitimadas pelas ciências sociais hegemônicas, são hostilizadas pelos meios de comunicação social, e por isso têm permanecido invisíveis, *desacreditadas*” (Santos, 2007, p.24) A partir do silenciamento das experiências, Santos

³ Os textos em língua estrangeira foram traduzidos livremente pela autora.

(2007), junto com outros cientistas, organizaram um projeto no qual procuram identificar as contradições entre o Norte e Sul, quais as formas de democracia emergentes no Sul; o surgimento de outras formas de economias como as solidárias, popular principalmente a partir de iniciativas no Sul; o debate na diversidade de culturas, o direito indígena e a cidadania cultural e os conhecimentos rivais, o Norte negando a existência dos conhecimentos alternativos.

A partir do debate, podemos indicar que as experiências silenciadas ou, de acordo com Castells (1999), os lugares que correm o risco de tornarem-se não pertinentes à lógica do sistema, aos poucos, estão sendo refletidos pela comunidade científica. De acordo com Santos (2007, p.24): “o primeiro desafio é enfrentar esse desperdício de experiências sociais que é o mundo, e temos algumas teorias que nos dizem não haver alternativa, quando na realidade há muitas alternativas”. A partir da possibilidade de alternativas podemos identificar que a apropriação das TICs pelos sujeitos e a organização das mobilizações em rede indicaram uma alternativa, uma lógica do sistema reapropriada pelos sujeitos e pelos movimentos a fim de visibilizar as lutas sociais.

A reapropriação das TICs geradora de mobilizações tem como característica a ideia da revolução tecnológica abordada por Castells (2009, p.69) como uma “aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimento e de dispositivos de processamento/comunicação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso”. Para Castells (2009), o que mudou é a força de produção desenvolvida pela mente humana, que estabeleceu relação muito próxima com os processos sociais de criação e manipulação de símbolos como a cultura da sociedade e a capacidade de produzir e distribuir bens e serviços.

A partir destas considerações iniciais sobre o contexto de sociedade em rede, percebemos nosso objeto inserido e tensionado a partir das redes e fluxos globais, de exclusões e desigualdades. Os sujeitos das mobilizações apropriaram-se das TICs, dentro do sistema capitalista, organizando redes de mobilização que complexificaram a participação dos cidadãos. Foi necessário, a partir disso, aprofundarmos o conceito de redes sociais, pois consideramos que as mobilizações foram organizadas, conversadas e motivadas a partir das uniões entre organizações, movimentos, coletivos, sujeitos e as redes sociais online.

1.2 Redes sociais: estudo, origens e características

O que significa uma rede social? Segundo Lozares, a rede social se constitui em “um conjunto bem definido de indivíduos, grupos, organizações, comunidades, sociedades globais, etc. - que estão vinculados uns aos outros através de uma ou um dos conjuntos de relações sociais” (LOZARES, 1996, p.10). Vemos que uma rede social é composta por indivíduos, podem ser comunidades ou organizações, que se relacionam e mantêm laços a partir de alguma forma de interação - no caso da internet, uma interação online. Para entendermos as lógicas de organização a partir das redes sociais online nas mobilizações foi preciso compreender que, ao longo do tempo, houve o desenvolvimento de uma trajetória teórico-metodológica nos estudos e análises das redes sociais. De acordo com Brignol (2010):

Boa parte da trajetória desenvolvida pela análise de redes sociais está relacionada com uma perspectiva estrutural, cuja recuperação ajuda a entender a necessidade de diferentes estudos fazerem uso de metáforas como *teia* e *tecido* para compreender a realidade social de entrelaçamento e interconexões das interações humanas (BRIGNOL, 2010, p.67).

O conceito não se limita às redes sociais, mas o tema está presente em todos os campos do saber humano. Os estudos e análises das redes sociais foram abordados por diversas ciências durante o século XX como antropologia, sociologia e matemática (LOZARES,1996). Recuero (2009) identifica que, em séculos anteriores, os estudos se detinham apenas com partes dos fenômenos, estudando-os separadamente para compreender o todo, segundo o modelo chamado analítico-cartesiano. Somente no início do século XX, os estudos se preocuparam em entender as interações entre as partes. É com Bertalanffy que se desenvolve a “Teoria Geral dos Sistemas”, nos anos 1940 e 1950. O pesquisador defendeu que a perspectiva dos estudos sistêmicos foi fruto da necessidade da ciência compreender os fenômenos em sua totalidade e não mais como independentes uns dos outros. Ainda, outros estudos, tentaram superar o paradigma analítico-cartesiano, como os estudos da física quântica, na década de 1920, que se preocupou nas interações subatômicas com Einstein, Heisenberg e outros pesquisadores. O estudo da cibernética, com o pesquisador Wiener, por exemplo, percebeu o funcionamento das máquinas de modo semelhante ao dos sistemas vivos.

A partir dos estudos sistêmicos, a chamada complexidade impactou diversos campos científicos, como a matemática, com a teoria do caos, a biologia, educação e também a comunicação. Nos estudos matemáticos do pesquisador Euler, o termo rede foi utilizado pela primeira vez. Em seus estudos, o matemático abordou o enigma das Pontes de Königsberg⁴, criou o teorema da *teoria dos grafos*⁵. Em cima dessa teoria, cada ponto (considerado nó) se conectava com outro ponto através de linhas de conexão (as arestas), formando um grafo (a rede). De acordo com Recuero (2009, p.20), a teoria dos grafos é uma parte da matemática aplicada que se dedica a estudar as propriedades dos diferentes tipos de grafos, ou seja, das redes.

A ideia de rede, com a teoria dos grafos, foi apropriada nas Ciências Sociais a partir da Análise Estrutural de Redes Sociais, com diferentes pesquisadores. Dentro da proposta, a análise estrutural trabalha na observação de grupos de indivíduos conectados numa rede social. A partir de observações empíricas, as pesquisas utilizaram o teorema dos grafos, extraíram propriedades estruturais e funcionais daquela rede em que o indivíduo se encontrava.

As redes sociais, nas Ciências Sociais, representam redes de interação, nas quais os indivíduos formam articulações e relações num sistema. Em linhas gerais, Rizo García (2003) pontua que “as redes são, antes que nada, formas de interação social, espaços sociais de convivência e conectividade” (RIZO GARCÍA, 2003, p.1). Esta definição de rede passa pelos pontos de conectividade que os sujeitos formam espontaneamente entre eles, organizando assim, problemas, objetivos e interesses em comum. Os interesses comuns partilhados organizam as redes de mobilizações, ao longo do processo de organização das ações coletivas, para além dos interesses em comum outros sentidos de pertença vão sendo construídos, como sentimentos e identidades coletivas. A construção dos sentimentos de pertença ao grupo é dado através de conflitos e negociações proporcionado pela organização horizontal das redes sociais.

⁴ Recuero (2009) explica claramente sobre as pontes de Königsberg, cidade prussiana, localizada no meio de ilhas no centro do rio Pregolya. Segundo ela “a cidade continha ao todo sete pontes, e folcloricamente conta-se que, na época, era uma diversão para os habitantes tentar resolver o problema de atravessar a cidade através das sete pontes, cruzando cada uma apenas uma vez” (RECUERO, 2009, p. 19).

⁵A Teoria dos Grafos é o ramo da matemática que estuda as propriedades de grafos. Um grafo é um conjunto de pontos, chamados vértices (nós), conectados por linhas, chamadas de arestas (ou arcos). Dependendo da aplicação, arestas podem ou não ter direção, pode ser permitido ou não arestas ligarem um vértice a ele próprio e vértices e/ou arestas podem ter um peso numérico associado estruturas que podem ser representadas por grafos estão em toda parte e muitos problemas de interesse prático podem ser formulados como questões sobre certos grafos (http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_dos_grafos).

A construção de uma rede social, segundo Rizo García (2003), não pretende homogeneizar grupos, mas organizá-los numa base de interesses partilhados. Assim, a autora considera que as redes sociais podem ser sistemas abertos e horizontais nos quais os sujeitos se identificam com mesmas necessidades e problemas. Os sujeitos imbricados no processo de organização das mobilizações participam do processo ao expor seus interesses e ideias para a construção da mobilização, estes interesses são discutidos, e aceitos ou não, pelo grupo.

Ao abordarmos os estudos das redes sociais, como surgiram e de que forma o conceito foi apropriado pelas Ciências Sociais, percebemos que se tornou importante para o estudo das mobilizações em rede, entender como estas se apresentam na internet e quais as suas dinâmicas de funcionamento.

1.3 Redes sociais online: articulações para ações coletivas

Colaboração, dinamismo e interação são algumas palavras-chaves que norteiam as características de uma rede social online (RSO). As formas de interação via RSO são oportunizadas a partir de suas ferramentas como aplicativos, sistemas de mensagens instantâneas e outros recursos que caracterizam a lógica de funcionamento de cada site de rede social. Seus usos criam novas formas de relações sociais, as pessoas interagem com redes de amigos, as empresas têm oportunidade de interagir de forma direta com o seu público. Observamos, nas eleições de 2012, o uso das redes sociais online, pelos candidatos, como uma forma alternativa de chegar ao eleitor. Os partidos com pouco tempo de inserção no horário obrigatório eleitoral encontraram no *Twitter* e *Facebook* um canal para a visibilidade de suas propostas e um local para o debate.

Os estudos relacionados às redes sociais online se preocupam em como os cidadãos se apropriam das novas oportunidades de comunicação e se posicionam neste ambiente e também como acontecem as interações e relações sociais no espaço online. Para a análise das interações nas RSOs foi preciso considerar suas dinâmicas, pois os estudos não mostraram o momento exato destas interações e relações, mas identificaram o que já aconteceu, através de um recorte temporal dos atores no ambiente online, uma vez que a cada dia o comportamento e o uso das ferramentas são diferentes. Percebemos que as interligações sociais nas redes são resultados das relações e interações estabelecidas com outros atores, possibilitadas nas

ferramentas e aplicativos disponíveis em uma rede social online. Recuero (2009) comentou que “a expressão das redes sociais na Internet pode ser resultado do tipo de uso que os atores sociais fazem de suas ferramentas (os sites de redes sociais)” (RECUERO, 2009, p. 93). Estes usos podem modificar as relações de poder, pela oportunidade da informação surgir em qualquer nó do sistema da rede e circular por entre este sistema.

Ugarte (2007) reconheceu que a organização da informação nas redes informativas ou nas próprias RSOs modificam as relações de poder. Nesse sentido concordamos com o autor, ao considerar que, nesses espaços, há brechas e alternativas para a construção de conteúdos elaborados pelos próprios sujeitos, movimentos sociais ou outras organizações. Nos espaços construídos, há possibilidades de debate, deliberação e adesão às causas. Assim, as RSOs são mais do que ferramentas de interação social, podem agregar sujeitos dispostos a usar como ferramenta política para mobilizações.

Definimos, então, redes sociais online como “espaços utilizados para a expressão das redes sociais na internet” (RECUERO, 2009, p. 101). Nas redes online é possível construir uma personalidade através da construção de um perfil, interagir com os comentários e ainda se expor. Alguns principais sites de redes sociais são: *Twitter*⁶, *Orkut*⁷, *Facebook*⁸, *MySpace*⁹, *Instagram*¹⁰, *Pinterest*¹¹, entre outros.

Santaella (2010) percebeu evolução das redes sociais online, inicialmente baseadas nas interações entre os indivíduos através do *ICQ* e *MSN*. Numa segunda fase, as RSOs agregaram entretenimento, contatos profissionais e visibilidade pessoal através de sites como *Orkut* e *MySpace* e, atualmente, o terceiro momento, no qual os sites agregaram aplicativos e mobilidade, como *Facebook* e *Instagram*.

Os elementos estruturais e dinâmicos das redes sociais online são bases de qualquer rede social. O primeiro elemento são os nós, que representam os indivíduos ou atores sociais. Aguiar (2007) comenta que os sujeitos atuam através dos elos de dois ou mais nós, criando tipos de vínculos pelas interações e relações. A representação do ator pode ser de um único nó (representando o perfil de um *blog*) ou representar vários autores, como por exemplo, um *blog* colaborativo.

Recuero (2009) aborda que a constituição de um ator social na internet se apresenta de forma complexa, os atores se apropriaram das ferramentas e apresentaram suas representações

⁶www.twitter.com

⁷<http://www.orkut.com>

⁸<http://www.facebook.com>

⁹<http://www.myspace.com.br>

¹⁰<http://instagram.com/>

¹¹<https://pinterest.com/>

e construções identitárias a partir de *blogs*, perfis no *Facebook*, *Orkut*, *Twitter*, etc. Essa construção identitária representa o modo pelos quais os sujeitos se posicionam nestes sites de rede sociais, como constroem seus perfis. Podemos perceber a identidade de cada ator em suas descrições, nos seus interesses culturais e profissionais, nas postagens, fotos e nas próprias relações estabelecidas com outros atores ou empresas.

Os atores representam os nós, já as conexões são constituídas a partir dos vínculos ou laços sociais mantidos pelos autores com suas interações sociais. As interações podem ser percebidas através dos rastros dos atores sociais, comentários, compartilhamentos, fotos e textos postados. Recuero define a interação como “aquela ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares, como reflexo social” (RECUERO, 2009, p. 30).

A partir das conexões estabelecem-se os laços sociais, elemento principal nas interações entre os atores, sendo que a ação de um indivíduo depende da reação do outro. A partir dos laços sociais, os indivíduos podem criar vínculos com outros usuários, movimentos ou empresas. Ou seja, o indivíduo mantém um diálogo a partir das trocas de mensagens, começa a relação através do convite de adicionar outro ator, que só é incluído na rede social se for aceito. Essas interações são coordenadas a partir da ação do indivíduo e sua percepção do que o outro está dizendo.

Nesse sentido, a interação social no ciberespaço se apresenta de maneira diferente, como por exemplo, a comunicação entre os atores sociais pode ocorrer mesmo que eles não se conheçam, sem uma interação física ou face-a-face. Outra diferença é a possibilidade de os atores sociais utilizarem ferramentas para manterem essa interação, através da mediação via computador. A partir das ferramentas na RSO, a interação pode acontecer em tempo real, atuando como uma conversa entre os atores, nos canais de *chats*, sistemas de mensagens que possuem característica síncrona. Ou, então, os atores mantêm uma comunicação em que a resposta não é imediata, como por exemplo, fóruns e *e-mails*, de forma assíncrona.

Os vínculos ou laços nas redes sociais online são constituídos a partir das interações e das relações entre sujeitos. Para Recuero, “o laço é a efetiva conexão entre atores que estão envolvidos nas interações. Ele é resultado deste modo, da sedimentação das relações estabelecidas entre atores, constituídos no tempo e através da interação social” (RECUERO, 2009, p. 37).

Entretanto, Recuero (2009) esclarece sobre a existência de tipos de laços dentro do ciberespaço, um deles é o laço de associação, que independe de uma interação direta; é necessário apenas um pertencimento a um determinado local, instituição ou grupo. Exemplo disso, podemos apontar a aderência de alguns sujeitos às mobilizações organizadas a partir

das redes, mas que não se envolvem e nem interagem dentro do grupo de pertença. Outro laço é o dialógico que acontece a partir da relação social e se estabelece com a interação de vários atores numa rede social quando se conversa com alguém em um programa de mensagem, por exemplo. Para a autora:

O laço social é, deste modo, composto pelas relações sociais, que são compostas pela interação, constituída em laços relacionais. Tais laços podem ser fortes ou fracos, de acordo com o grau de intimidade, sua persistência no tempo e quantidade de recursos trocada. Além disso, os laços têm composições diversas, derivadas dos tipos de relação e do conteúdo das mensagens (RECUERO, 2009, p.42).

A apropriação das redes sociais online para mobilizar voluntários em catástrofes naturais e manifestações já foi tema de pesquisa de Recuero (2009). Nestas ocasiões, a autora percebe o surgimento de *blogs*, ferramentas de mensagens no *Twitter* e outras ferramentas utilizadas para informar a respeito dos acontecimentos. Essas ferramentas mobilizam as pessoas, agregando informações e criando campanhas de apoio. A partir desse exemplo, abordado pela autora, consideramos que a apropriação das redes no caso da Boate *Kiss* protagonizou a linha de frente na organização das mobilizações e na organização dos voluntários. Estes fenômenos de apropriação das redes “representam aquilo que está mudando profundamente as formas de organização, identidade, conversação e mobilização social” (RECUERO, 2009, p.16).

Os estudos dos aspectos sociais do ciberespaço estão diretamente relacionados com os estudos das redes, pois, segundo Recuero (2009), “permite estudar, por exemplo, a criação das estruturas sociais, suas dinâmicas, tais como a criação de capital social e sua manutenção, a emergência da cooperação e da competição; as funções das estruturas e, mesmo as diferenças entre os variados grupos e seu impacto nos indivíduos” (RECUERO, 2009, p. 20). A partir dessas reflexões, o estudo nas redes se tornou importante para compreender os aspectos sociais do ciberespaço. Os estudos focam no problema, de como as estruturas sociais surgiram, de que tipos e como foram compostas através da comunicação online. A partir disso, vemos que nosso estudo se preocupou em entender como essas interações são capazes de gerar mobilizações.

1.4 Facebook e as mobilizações a partir da internet

A partir da apresentação dos elementos que constituem as redes sociais na internet se tornou necessário apresentar a lógica pela qual o site de rede social *Facebook* funciona. É imprescindível abordarmos os elementos que constituem as redes sociais online, assim como suas limitações, potencialidades nas interações e ainda possíveis dificuldades encontradas nos estudos dos ambientes interacionais online.

A popularização do *Facebook* foi rápida e abarcou usuários no mundo todo. A sua história já foi retratada em filme “A Rede Social”, de David Ficher, que abordou o contexto em que o *Facebook* foi criado em 2004, por Mark Zuckerberg e seus colegas de quarto, enquanto alunos da Universidade de *Harvard*, nos Estados Unidos. Inicialmente, a rede era exclusiva para os alunos de *Harvard*, porém, logo foi expandida para outras universidades e colégios secundaristas dos Estados Unidos. Em 2006, tornou-se uma rede aberta ao público, e em 2012 atingiu 1 bilhão¹² de usuários ativos.

O *Facebook* funciona através de perfis, grupos, páginas, eventos e aplicativos. Os usuários criam perfis onde podem adicionar informações pessoais tais como: idade, profissão, local de trabalho, relacionamento e círculo familiar. Os usuários podem adicionar fotos, vídeos e através dos perfis interagirem com outros pelas postagens nos murais ou mensagens privadas. As pessoas também podem acompanhar as atualizações de seus amigos e das páginas seguidas no seu *feed* de notícias. Na figura 1, mostramos o *feed de notícias* da autora, com os grupos temáticos ao lado esquerdo, atualizações dos amigos e páginas ao centro da página e no lado direito os anúncios publicitários. Na figura 2, os principais comandos que possibilitam a interações entre usuários. O “curtir” indica que o usuário gostou da publicação de um amigo ou quando aceita receber atualizações de páginas. No “comentar” é possível explicitar o posicionamento em relação alguma publicação e o “compartilhar” permite reproduzir uma mesma publicação para seus próprios seguidores.

¹² Fonte: http://olhardigital.uol.com.br/jovem/digital_news/noticias/facebook-tem-751-milhoes-de-usuarios-em-plataformas-moveis (acesso em 19 de junho 2013).



Figura 1 - Página inicial do usuário, com o feed de notícias.



Figura 2 - “Curtir”, “comentar” e “compartilhar”: principais comandos.

As páginas permitem que organizações, empresas, artistas ou usuários se comuniquem com outras pessoas que as curtem. As páginas são públicas e disponíveis para qualquer pessoa, que pode curtir, ficando conectada a ela (seguindo), assim, recebendo suas atualizações no seu *feed* de notícias. As atualizações são realizadas pelos administradores da página que podem compartilhar as informações para as pessoas que seguem a página. Os administradores da página também podem criar aplicativos personalizados e ainda acompanhar sua popularidade através dos dados de acesso à página e sua evolução.

Os grupos podem ser criados por qualquer usuário e podem ter uma configuração aberta, fechadas e/ou secreta. Nos de configuração fechada, as publicações ficam visíveis somente para os membros dos grupos. Já nos abertos, as publicações são visíveis para qualquer pessoa. Os membros dos grupos podem participar de bate-papos, carregar fotos para álbuns compartilhados, colaborar em documentos, convidar os membros para eventos do grupo e inserir novos membros. Essas são algumas dinâmicas e lógicas de funcionamento do *Facebook*, sendo que o entendimento de sua estrutura nos ajudou a compreender o papel da ferramenta para organizar as mobilizações.

Ao compreendermos as principais ferramentas que possibilitam as interações foi necessário conhecermos pesquisas referentes ao uso do *Facebook* em mobilizações e movimentos sociais. Essas pesquisas nos situam aos conceitos que permeiam os estudos e metodologias empregadas nas análises.

A partir de pesquisa na internet no site de busca como Google Acadêmico¹³, nos principais eventos científicos de comunicação (Intercom e Compós) e na plataforma de busca de Teses e Dissertações da Capes¹⁴, encontramos estudos relacionados ao *Facebook* e mobilizações sociais. Nossa busca foi através das palavras-chaves *Facebook* e cidadania e *Facebook* e mobilização social. Dessa pesquisa percebemos um crescimento dos estudos relacionados com a temática a partir de 2011, ano em que o *Facebook* atingiu 30,9 milhões de usuários no Brasil e ultrapassou o *Orkut* em número de usuários¹⁵, tornando-se, assim, o site de rede social mais utilizado no país. Outro fator importante para que ocorresse aumento do número de pesquisas relacionadas ao *Facebook* e as mobilizações, devem-se ao fato de que a partir de 2011 houve apropriação de sites de redes sociais na organização de grandes ações de protesto pelo mundo, como exemplo, a Primavera Árabe, o movimento dos Indignados na Espanha e os protestos no Brasil em junho 2013. A partir dessa busca, selecionamos trabalhos que se relacionaram diretamente com a pesquisa e que foram exemplos de estudos de movimentos sociais em rede.

Iniciamos citando o trabalho de Henrique Antoun e Fábio Malini apresentado na Compós, em junho de 2013. O artigo “Mobilizações Nas Redes Sociais: a narratividade do #15M e a democracia na cibercultura” abordou três momentos no desenvolvimento da internet, correlacionou os tipos de apropriação e lutas pelos sujeitos. No artigo, foram utilizadas referências teóricas diferentes de nossa pesquisa, como por exemplo, os conceitos de multidão trabalho por Antonio Negri e biopolítica, por Foucault. Os autores apresentaram no artigo a ideia das redes sociais online como um rizoma, conceito este trabalho por Deleuze. Ao decorrer da leitura, os autores elaboraram um histórico de resistências na internet, como por exemplo, os hackers que privilegiaram as biolutas através da comunicação distribuída. Num segundo momento, estes hackers ampliaram o ciberespaço e desenvolveram a cibercultura. Apresentam, ainda, um terceiro momento, a comunicação em rede como um lugar de lutas por autonomia e contra as leis e regulações desse espaço.

Ponto importante que destacamos no artigo, e que podemos relacionar à nossa pesquisa, é a percepção dos autores do emergir, nos últimos anos, de movimentos que ocupam o espaço urbano e o das redes sociais online. A hibridização dos espaços, entre a rua e a internet, onde a dinâmica das ocupações são articuladas via internet e pela rua. A análise dos autores centrou-se no movimento #15m ou Indignados. O movimento espanhol surgiu a partir

¹³ <http://scholar.google.com.br/>

¹⁴ <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/>

¹⁵ Dados a partir da fonte <http://blogs.estadao.com.br/rodrigo-martins/2011/09/10/e-oficial-facebook-passa-orkut-no-brasil-em-usuarios/> (acesso em outubro de 2013).

da insatisfação com a política no seu país, jovens ocuparam a partir do dia 15 de maio de 2010 ruas e praças de diversas cidades espanholas e protagonizaram a ocupação narrativa das redes sociais online como *Twitter* e *Facebook*. Dos mesmos autores, foi lançado o livro “A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais”, em 2013. O livro tem como objetivo apontar caminhos, mapear e refletir sobre os novos modos de convocação popular, partindo do pressuposto de que as redes sociais online foram apropriadas pelos sujeitos, produzindo resistência e existência. Emergiram nesses movimentos e mobilizações, convocadas nas redes e nas ruas, referências de novas lutas globais.

Também destacamos o trabalho de conclusão de curso de especialização em Mídia, Informação e Cultura de ECA/USP de 2013, de Juliana Pascoal. O objetivo do estudo foi refletir que pontos positivos e negativos podem ser percebidos nos movimentos e mobilizações a partir das redes sociais online. Em sua análise, Pascoal (2013) explorou o movimento AMOR SIM, RUSSOMANO NÃO, que iniciou no *Facebook*. Em 2012, o movimento organizou uma celebração da diversidade, na Praça Roosevelt no centro de São Paulo-SP, com a criação de um evento no *Facebook* para acabar com o comício de Celso Russomano¹⁶. De acordo com Pascoal (2013), foram criados cerca de 240 eventos no *Facebook* chamando para a manifestação, esses eventos foram propostos por diversos atores. Em suas considerações finais a autora argumentou que as redes sociais online participaram das mobilizações como uma ferramenta centralizadora da organização, ou seja, mobilizaram atores e convocaram novos sujeitos para as ações coletivas. Ainda, geraram visibilidade midiática, ao pautar o debate na sociedade.

Outra obra destacada é “*Occupy: movimentos de protestos que tomaram as ruas*”, publicado pela editora Boitempo em 2011. Trata-se de uma coletânea com diversos artigos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, como Slavoj Žižek, Immanuel Wallerstein e Emir Sader. Os pesquisadores traçaram uma análise dos principais movimentos de protestos ocorridos, como por exemplo, os Indignados, a Primavera Árabe e os *Occupy*. Com base na apresentação da obra, os autores fazem reflexões sobre o ano de 2011, com base nos movimentos em rede que aconteceram pelo mundo. Os autores perceberam que estes movimentos indicaram insatisfações populares, como por exemplo, com as ditaduras nos países Árabes ou as reivindicações para a educação na América Latina. De acordo com a obra, estes movimentos se aproximaram no modo de organização, mas adaptaram as suas insatisfações a contexto.

¹⁶ Candidato à prefeitura de São Paulo pelo Partido Republicano Brasileiro (PRB) nas eleições de 2012.

Mais especificamente sobre nosso tema de pesquisa, ao completar um ano da tragédia, em janeiro de 2014, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, lançou o e-book “Midiatização da tragédia de Santa Maria¹⁷” no I Congresso Internacional Novos Caminhos, da Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM). A coletânea de artigos de diversos pesquisadores refletiu sobre a comunicação e o acontecimento da Boate *Kiss*. A obra foi estruturada em três partes. Na primeira, “Cobertura midiática e discursos privados no espaço público”, a preocupação dos autores foi compreender e avaliar o comportamento dos profissionais de mídia no trabalho da apuração das notícias referentes à tragédia. Na segunda parte, “Mobilizações e desdobramentos midiáticos”, foram abordados os diversos ambientes comunicacionais criados em torno da tragédia, evidenciando que as redes sociais online foram importantes para as estratégias solidárias. Ainda nesta segunda parte o artigo “Mobilização social no *Facebook*: conectando solidariedade e justiça no caso da Boate *Kiss*”, apresentou as análises preliminares de nossa pesquisa. Já na terceira parte do e-book, “Catástrofe biopolítica e narrativas do trágico”, foram articuladas reflexões mais abrangentes, como questões éticas de narrar a dor do outro, a cobertura jornalística no trabalho de memória da tragédia e as relações das narrativas midiáticas de outras tragédias com as da Boate *Kiss*.

Consideramos que os estudos mapeados nos mostraram alguns exemplos de como o *Facebook* foi apropriado por movimentos espontâneos ou tradicionais. A partir da combinação da organização/ocupação nas redes sociais online e no espaço urbano, as ações coletivas ganharam força tanto pela recorrência, quanto pelo número de ativistas e participantes. As pautas podem ser diversas e pontuais, a partir das redes sociais online, organizaram grandes ações coletivas e atos de protestos. No próximo capítulo, nos detivemos nas mobilizações em rede e como estas dialogam com novas dinâmicas de luta na internet.

¹⁷ Link para acesso ao e-book:

http://comunicacaoeidentidades.files.wordpress.com/2014/01/midiatizacao_da_tragedia_de_santa_maria_facos-ufsm-1-atualizado.pdf

2. MOBILIZAÇÕES SOCIAIS EM REDE: IDENTIDADES E AFETOS

O objetivo deste capítulo é apresentar como, através da apropriação social das tecnologias da informação e da comunicação, emergem diferentes dinâmicas de mobilizações, configurando outras formas de atuação e organização das ações. Abordamos, ainda, os conceitos de identidades coletivas e como a afetividade aparece nos movimentos e mobilizações sociais.

Num primeiro momento, apresentamos os conceitos de indivíduo-sujeito e ator social proposto por Touraine (1994, 1997, 2006 e 2009). Foi necessário compreendermos as diferentes denominações utilizadas pelo sociólogo, pois para o autor, os atores sociais só tornam-se agentes de lutas nos movimentos sociais. Posteriormente, nos detivemos a conceitos e abordagens sobre movimentos sociais a partir do aporte teórico de Touraine (1977), e complementamos as reflexões com as colocações da pesquisadora brasileira Gohn (2013).

Refletimos, também, o que caracteriza uma mobilização social e quais os principais elementos convocatórios para a efetivação das ações. Através da visão contemporânea latino-americana, com o José Bernardo Toro (1996) abordamos como as mobilizações são organizadas, baseados na busca de objetivos em comum. Nos subcapítulos posteriores, o conceito de redes de mobilizações sociais a partir de Gohn (2013) e Scherer-Warren (2006) foi explorado. Percebemos a dimensão do sujeito nestas mobilizações e como as identidades coletivas são elementos importantes para o vínculo com o grupo.

No subcapítulo posterior, nos detivemos sobre outros fatores de união dos movimentos espontâneos, como a da afetividade. Como contribuição teórica acerca do capítulo, baseamos-nos com as proposições de Castells (2012). O sociólogo entende que as emoções também se tornam importantes para a mobilização social e o comportamento político. As principais emoções percebidas nestes movimentos são o medo (emoção negativa) e o entusiasmo (emoção positiva), além de emoção enraizada de indignação.

2.1. Em busca de outros paradigmas para a compreensão dos atores sociais

Consideramos que o autor fundante de nossa pesquisa é o sociólogo Castells, pois seus estudos contemplam a relação complexa das tecnologias com os movimentos sociais em rede e as mobilizações. O pesquisador possui importantes obras que percebem a lógica das redes em nossa sociedade como salientamos no capítulo 1. Em *O Poder da Identidade* (2009), o autor destaca o papel das identidades na sociedade em rede, em que percebe novas formas de atuações dos movimentos sociais. Nesta obra, Castells dialoga com as reflexões teóricas de Alain Touraine sobre os conceitos de indivíduo, sujeito e ator social – conceitos estes que percebemos importante para refletirmos, a fim de esclarecermos os usos ao longo da dissertação.

A partir das influências da globalização na sociedade, Touraine acredita não em uma ruptura, mas mudanças importantes para analisar a sociedade pós-industrial. O autor propõe a sociologia do sujeito. Ao longo de suas reflexões, o sociólogo preocupa-se com os processos de subjetivação, centra suas análises nas singularidades e não, mais, na compreensão dos sujeitos a partir das instituições, religiões ou política.

Touraine questiona se dispomos de novos termos para caracterizar tantas situações novas, propõem a emergência de um novo paradigma para se pensar o sujeito e os processos culturais na contemporaneidade. De acordo com o pensamento do autor, emerge a necessidade de um outro paradigma para se pensar a sociedade hoje. A partir da falta de teorias para analisar a sociedade contemporânea, Touraine (2009) comenta que, ao longo dos últimos dez anos, surge o discurso interpretativo dominante partindo dos “intelectuais ou dos formadores de opinião pública que buscaram nas lembranças do passado as armas para melhor combater as novas ideias” (Touraine, 2009, p.11). O teórico exemplifica que a ideologia justifica o poder dominante e trata “os colonizados como selvagens, como seres inferiores a eles. Do mesmo modo, muitas ideologias das sociedades industriais apresentaram os operários como pessoas habituadas à rotina e preguiçosas” e continua “o pensamento masculino multiplicou as imagens da mulher que a inferiorizavam, acentuando principalmente o quanto ela não era um ser racional” (p. 12).

O pensamento de Santos (2007) apresenta a forma hegemônica na qual as análises e percepções da sociedade são centradas, através da sociologia das ausências. Mostra que as experiências dos povos e comunidades dos países colonizados são abafadas ou representadas como bárbaras. Para Santos, a insurgência do paradigma combinaria com o que o autor chama

de ecologia dos saberes, em que as sociologias insurgentes abafadas pelo pensamento dominante sejam reconhecidas como, por exemplo, as diferentes culturas agrícolas, os diferentes tratamentos médicos, o fim das dicotomias e o respeito à temporalidade de cada local. A ecologia dos saberes proposta por Santos culminaria num diálogo entre o hegemônico e as práticas contra-hegemônicas.

Numa direção de também propor um outro modelo, mas, para pensar o sujeito na sociedade contemporânea, Touraine argumenta que, a partir do fracasso da maioria dos novos nacionalismos, a difusão das tecnologias da informação e da comunicação reduziram as barreiras nacionais e perceberam-se novas demandas da vida cotidiana. Assim, segundo Touraine, é necessário formular formas de pensamento que sejam capazes de explicar as situações e condutas atuais e, ainda, olhar para o passado, para “criticar as representações da vida social cuja influência predominante nos impediu, por muito tempo, de fazer penetrar uma maior clareza nas realidades sociais” (TOURAINÉ, 2009, p. 12).

Assim, o autor propõe abandonar o pensamento interpretativo dominante, que pensa o “indivíduo por aquilo que ele é para outra definição fundada naquilo que ele faz” (TOURAINÉ, 2009, p.14). Ainda, “os aparatos sociais e culturais já não conseguem mais enquadrar todos os aspectos da experiência vivida” (TOURAINÉ, 2009, p.12). A mudança geral que estamos passando é de que “por toda a parte e sob as mais variadas formas, o que mais se deseja é o reconhecimento do indivíduo e do grupo como portadores de direito de serem reconhecidos e respeitados, independentemente das leis e normas filtradas pelas instituições” (TOURAINÉ, 2009, p.12). A partir das constatações, Touraine volta-se para a análise tendo como hipótese o indivíduo consciente de si e não vitimado e assujeitado. Se antes falávamos no sujeito através das religiões, das liberdades frente ao poder monárquico e na sociedade industrial em termos de classe e consciência de classe, no último período, numa sociedade representada em termos econômicos, o autor pensa num outro paradigma onde os problemas culturais adquirem importância maior do que o político, social ou econômico. A afirmação do paradigma se dá nas liberdades e capacidades “dos seres humanos de criar-se e de transformar-se individual e coletivamente” (TOURAINÉ, 2009, p.15). O paradigma centra-se nas formas de resistências não sociais de legitimação. Dessa forma, o teórico compreende e propõe a necessidade de um outro paradigma, o cultural, para se pensar a sociedade, centrado nos aspectos culturais e não mais econômicos, sociais ou políticos.

Touraine propõem nos distanciarmos de “todas as formas de definição da Sociologia como estudo dos sistemas sociais e de suas funções” (TOURAINÉ, 2009, p.16) e encontramos formas de esclarecer o período do discurso interpretativo dominante. Com esse

outro paradigma, se permite nomear novos atores e novos conflitos, já que as representações do eu e das coletividades requerem um olhar diferente. Enquanto os velhos paradigmas estavam voltados para a conquista do mundo por meio da dominação e da colonização, o paradigma cultural se volta para a conquista das pessoas. A partir dessa contextualização e com a necessidade de pensarmos outras formas de se perceber o sujeito e a subjetividade, Touraine volta-se ao sujeito.

A sociologia dos sujeitos proposta por Touraine possibilita perceber o sujeito não somente nos processos de dominação e colonização, mas engajado nas lutas sociais e culturais e nas relações cotidianas. Assim, o autor constrói os conceitos de indivíduo, sujeito e ator social como codependentes e coexistentes na subjetividade humana. A análise volta a reconhecer os indivíduos como possuidores de capacidades e de se reconhecerem como sujeitos e atores de suas escolhas. Nesse mesmo caminho, Gohn (2008) identifica que o termo ator vem sendo incorporado nas pesquisas das ciências humanas identificando-os como atores protagonistas nas ações de um movimento social.

O sociólogo francês comenta que o indivíduo é onde se misturam “a vida e o pensamento, a experiência e a consciência” (TOURAINÉ, 1994, p. 220). Sendo que o indivíduo transitaria de acordo com as regras e instituições sociais. Segundo Veronese (2011), “ele é alvo dos direitos universais, políticos e culturais promovidos pelas instâncias públicas, constituindo-se como a parte formal, modelada socialmente” (VERONESE, 2011, p. 4).

A passagem da ideia do indivíduo ao sujeito acontece quando se tem um controle exercido sobre o viver e o indivíduo encontra um “sentido pessoal”. Veronese (2011) considera que o sujeito une os desejos e as necessidades pessoais à consciência de também pertencer a uma empresa, nação. O indivíduo passa a se reconhecer como sujeito singular, capaz de reivindicar suas liberdades e, a partir dos movimentos sociais, “modificar o meio material e, sobretudo, o social o qual está colocado. Modificando a divisão do trabalho, as formas de decisão, as relações de dominação ou as orientações culturais” (TOURAINÉ, 1994, p. 220-221). Ao modificar o seu meio, o sujeito passa-se a ator social, este movimento, da passagem do indivíduo para sujeito e então ator social é chamado por Touraine (1994) de subjetivação e o processo não é estanque, os três coexistem, mas o autor percebe que na sociedade moderna o indivíduo, sujeito e o ator social podem se afastar:

somos frequentemente atingidos por esta doença da civilização. Por um lado, vivemos um individualismo narcisista; por outro, somos tomados pela nostalgia do ser ou do sujeito, no sentido antigo que se dava a este termo, e lhe damos expressões estéticas ou religiosas; por outro lado ainda, nós fazemos o nosso trabalho,

desempenhamos nossos papéis e vamos consumir, votar ou viajar como se espera que façamos (TOURAINÉ, 1994, p.221).

Diante desse desafio da sociedade contemporânea, o autor explica que o movimento de subjetivação e o reconhecimento do sujeito, não basta para dar uma unidade para a nova modernidade. Primeiro, porque para uma sociedade ativa, devemos afirmar o indivíduo e seu desejo e do mesmo modo à nação e à cultura. Segundo Touraine (1994), o sujeito não deve ser entendido como um meio de unir os elementos fragmentados da modernidade, mas sim ele, sujeito, tece de um a outro “uma malha cerrada de relações de complementariedade e de oposição” (p.232). Dessa forma, se torna importante compreendermos o conceito de ator social, pois para Touraine (1994), o sujeito passa a atuar como ator a partir da participação em movimentos e mobilizações sociais.

2.2. Movimentos sociais e mobilizações: locais de encontro e reconhecimento dos atores sociais

Os estudos e análises de movimentos sociais compreendem diferentes paradigmas e correntes. Em nosso estudo, concordamos com a ideia do paradigma dos novos movimentos sociais (NMS), especificamente o paradigma europeu de Alain Touraine e Melucci. O termo “novo” ainda é uma questão aberta e é discutida pelos teóricos. Como afirma Gohn (2000), o termo surge em contrapartida aos movimentos operários ou de classe, possuem novos no nome, pois se caracterizam por terem interesses difusos e se aterem aos direitos culturais. Ainda, os NMS são mais preocupados em assegurar direitos sociais, já existentes ou a serem adquiridos, a pesquisadora apresenta outros pontos em comum que podem ser percebidos nesses movimentos:

Eles usam a mídia e as atividades de protestos para mobilizar a opinião pública a seu favor, como forma de pressão sobre órgãos e políticas estatais. Por meio de ações diretas buscam promover mudanças nos valores dominantes e alterar situações de discriminação, principalmente dentro de instituições da própria sociedade civil (GOHN, 2000 p.125).

Acreditamos que alguns pontos abordados por Gohn podem ser percebidos quando pensamos nas mobilizações em torno da Boate *Kiss*, pois os sujeitos fizeram uso das mídias para o engajamento e, ainda, as mobilizações foram representadas de diversas formas em jornais locais, regionais, nacionais e internacionais. Outras mobilizações como as que ocorreram no Brasil, em junho de 2013, foram, também, construídas também pelo uso da internet ao convocarem-se movimentos sociais e sujeitos para a rua através das redes sociais online.

O paradigma dos Novos Movimentos Sociais (NMS) surge a partir da percepção que as análises marxistas, não se adequavam aos movimentos sociais que emergiram, principalmente na Europa, a partir da década de 1960. De acordo com Gohn (2000), ao perceber a não adequação das análises marxistas os teóricos dos NMS pensaram em novas abordagens interpretativas, “partiram para a criação de esquemas interpretativos que enfatizavam a cultura, a ideologia, as lutas sociais cotidianas, a solidariedade entre as pessoas de um grupo ou movimento social e o processo de identidade criado” (GOHN, 2000, p. 121). Percebemos a concordância da preocupação do paradigma dos NMS com nossa pesquisa, pois nos detivemos às identidades coletivas e aos processos de interação social que contribuíram para a construção de significados à ação coletiva.

Gohn (2000) explora as características do paradigma dos NMS, aponta que os teóricos centram suas análises na cultura e negam sua visão funcionalista como fixa ou determinada. Apesar de abordarem o conceito de cultura baseado na visão marxista, ou seja, como ideologia, os teóricos dos novos movimentos sociais perceberam a ideologia “como processo de conflitos dados pelas estruturas de poder e desigualdades sociais, em que o econômico tem prevalência, irá influenciar os conflitos dos movimentos” (GOHN, 2000, p.122). Gohn cita que os estudos dos NMS eliminam a ideia do sujeito histórico, o novo sujeito é um coletivo difuso, não hierarquizado. De acordo com a pesquisadora “a nova abordagem elimina a centralidade de um sujeito específico, predeterminando, e vê os participantes das ações coletivas como atores sociais” (GOHN, 2000, p.123). A percepção deste sujeito de lutas é através de suas ações coletivas e pelas identidades coletivas que foram criadas no processo de mobilização.

Apresentamos inicialmente as abordagens da corrente francesa de Alain Touraine e o que refletiu no nosso objeto de pesquisa. Num segundo momento, abordamos algumas considerações do teórico Melucci. Em suas abordagens, o pesquisador apresenta reflexões interessantes acerca das identidades coletivas criadas no processo de organização das ações, que são aprofundadas no próximo subcapítulo.

Touraine entende o ator social inserido nos movimentos sociais, entende que os movimentos possuem em seu processo central o conflito e a tensão entre adversários na sociedade civil, como afirma:

a combinação de um conflito com um adversário social organizado e da referência comum dos dois adversários a um mecanismo cultural sem o qual os adversários não se enfrentariam, pois poderiam se situar em campos de batalha ou em domínios de discussão completamente separados – o que impediria, por definição, tanto o conflito e o enfrentamento quanto o compromisso ou a resolução de conflito (TOURAINÉ, 2006, p.3).

Os conflitos para Touraine (2006) podem ser limitados, não se restringindo a um conflito geral: “não há necessidade que um conflito social ou que uma ação coletiva se apresente armada de uma ideologia muito elaborada para que possamos concluir a presença de um movimento social” (TOURAINÉ, 2006, p.4). Dessa forma, o autor exemplifica conflitos que não são gerais, mas limitados como: as condições de trabalho ou as formas de remuneração. O estudioso argumenta que “ideologias apelando a conflitos fundamentais na sociedade não são obrigatoriamente manifestações de um movimento social ou de antagonismos sociais” (TOURAINÉ, 2006, p.4). O autor acredita que os movimentos sociais são condutas coletivas e não crises ou formas de evolução de um sistema.

Ampliando o debate, Touraine (2006) introduz elementos sobre o sujeito e os movimentos. Argumenta que os movimentos sociais seriam o agente de união dos sujeitos e a ação coletiva nestes movimentos submeteria a razão aos interesses daqueles sujeitos. Falarmos sobre movimento social é “colocarmo-nos no ponto de vista dos atores, isto é, dos atores que são, ao mesmo tempo, conscientes do que têm em comum, ou seja, dos mecanismos de conflitos e dos interesses particulares que os definem uns contra os outros” (TOURAINÉ, 2006, p.4).

Touraine (1977) utiliza categorias de análise dos movimentos sociais que tem como características, a identificação de um princípio de Identidade, (I); que ator nomeie o seu adversário, definindo um princípio de oposição, (O); reconheça o objeto da luta em um princípio de totalidade (T), que se interpunha entre ele e seu adversário. O autor considera que o movimento social implica nas três combinações, os atores sociais no movimento, seus adversários e o que está em jogo no conflito, indicando como acontecem as ações em busca de um objetivo em comum.

Em concordância com o autor acreditamos que as mobilizações organizadas em torno do incêndio da Boate *Kiss*, se configuram, não como um movimento social, mas como uma

mobilização em rede, composta com os elementos a que Touraine apresenta. Apesar de não ter uma ideologia clara e exposta ou uma frequência de ação histórica, acreditamos que o conflito existiu a partir de um objetivo em comum entre os sujeitos. Para Touraine, a formação do sujeito não se realiza individualmente, mas somente na interlocução com outros indivíduos. Assim, o autor vê a ligação de sujeito e movimento social.

Para esclarecer o conceito de mobilização em rede, achamos necessário abordar conceitos básicos como a mobilização social. Toro (1996) aborda que o conceito de mobilização às vezes é pensado em manifestações públicas, passeatas ou concentrações de pessoas, mas a mobilização social é mais do que isso, ocorre “quando um grupo de pessoas, uma comunidade ou uma sociedade decide e age com um objetivo comum, buscando, quotidianamente, resultados decididos e desejados por todos” (TORO, 1996, p.5). Ou seja, a mobilização envolve a busca de um propósito comum a partir do compartilhamento dos sujeitos com este objetivo. O autor ainda discorre que a participação à causa é um ato de escolha pessoal. Segundo o teórico, “convocar vontades significa convocar discursos, decisões e ações no sentido de um objetivo comum, para um ato de paixão, para uma escolha que contamina todo o quotidiano” (Toro, 1996, p.5). Toro considera a mobilização anterior ao movimento social, sendo que o movimento seria resultado do processo, esta proposição percebe que os sujeitos passam à mobilização para resoluções pontuais de problemas sociais. Para Gohn (2008), o conceito de mobilização social “é um processo político e cultural presente em todas as formas de organizações das ações coletivas” (p.448). A pesquisadora salienta que é uma tarefa integral:

mobilizar corpos, emoções, pensamentos e ação de forma que se provoquem mudanças nos hábitos e comportamentos dos indivíduos, alterando o resultado de sua participação política, inserindo-o na comunidade próxima, ajudando a desenvolver um espírito fraterno e comunitário (GOHN, 2008, p. 93)

Outra questão importante das mobilizações é que, a partir do ato de comunicação, há o compartilhamento de discursos e informações fundamentais para a construção dos objetivos em comum. Ainda no processo de construção e explicitação do projeto em comum deve-se convocar sujeitos, também pelas emoções. Para Toro (1996), o horizonte deve sintetizar “uma forma atraente e válida dos grandes objetivos que se busca alcançar. Ele deve expressar o sentido e a finalidade da mobilização. Ele deve tocar a emoção das pessoas. Não deve ser só racional, mas ser capaz de despertar a paixão” (TORO, 1996, p. 20). É importante que o propósito ou causa da mobilização reflita num consenso coletivo, que Toro (1996) define

“como a escolha e construção de um interesse compartilhado” (TORO, 1996, p.21). O autor destaca que este tipo de consentimento não é um acordo em que os sujeitos negam as diferenças, mas que são preservadas: “As pessoas não estão necessariamente de acordo entre si, mas de acordo com alguma coisa, com uma ideia, que é colocada acima de suas divergências” (TORO, 1996, p.21).

O autor ainda esclarece que o processo de mobilização passa por dois momentos, “o primeiro é o do despertar e da consciência da necessidade de uma atitude ou mudança. O segundo é o da transformação desse desejo e dessa consciência em disposição para a ação e na própria ação” (TORO, 1996, p. 43). Percebemos que os processos de organizações das mobilizações estão passando por transformações. Simeone (2007) pontua que é necessário complexificarmos a análise das mobilizações para entendermos as novas dimensões da ação social. A partir destas novas dimensões, Simeone (2007) reconhece algumas mudanças significativas já identificadas, como: a ampliação do exercício cidadão, o surgimento de movimentos constituídos por sujeitos plurais, a ampliação da representatividade social ao organizar grandes mobilizações, outras formas de alianças através das redes de movimentos, combinando diversas atividades e ações e, ainda, a atuação em redes de solidariedades.

Ao observarmos as formas estruturais de organização das mobilizações, Withaker (1993) indica que estas passam de uma organização piramidal para as redes. O autor aponta que a forma piramidal corresponde a níveis hierárquicos, através do escalonamento dos participantes, com identificação de líderes, já a organização em rede interliga os participantes através de uma malha de interações e relações:

Seus integrantes se ligam horizontalmente a todos os demais, diretamente ou através dos que os cercam. O conjunto resultante é como um malha de múltiplos fios, que se pode se espalhar indefinidamente para todos os lados, sem que nenhum dos seus nós possa ser considerado principal ou central, nem representante dos demais. Não há um “chefe”, o que há é uma vontade coletiva de realizar determinado objetivo (WINTHAKER, 1993, p.1).

Configurando uma alternativa à estrutura piramidal, as redes surgem como outra forma de organizar a mobilização, que, no entanto, não pretendem substituir ou se contrapor às estruturas piramidais, “há situações em que somente estas parecem ser possíveis ou desejáveis. Em outras, a estrutura em rede pode ser mais favorável à realização dos objetivos perseguidos. E há ainda situações em que o melhor seria exatamente a combinação de ambas as estruturas” (WINTAHKER, 1993, p.1). O autor apresenta algumas características das organizações em rede: todos têm o mesmo poder de decisão, porque decidem somente sobre

sua própria ação e não sobre a dos outros, não há dirigentes nem dirigidos ou os que mandam mais e os que mandam menos. E todos têm o mesmo nível de responsabilidade – que se transforma em co-responsabilidade – na realização dos objetivos da rede. Os elos básicos que dão consistência à rede são a partir das informações que transitam nas conexões estabelecidas pelos integrantes, inclusive os sujeitos podem se organizar em rede apenas com o objetivo de intercâmbio de informações.

A rede de mobilização pode interligar pessoas, entidades/movimentos ou pessoas e entidades/movimentos, interligando diferentes sujeitos e movimentos com objetivos a que se pretendem alcançar. Segundo Winthaker (1993), os objetivos podem ser “circulação de informações, base comum do funcionamento de todo e qualquer tipo de rede; a formação de seus membros; a criação de laços de solidariedade entre os membros; a realização de ações em conjunto” (Winthaker, 1993, p.3). O autor esclarece que numa rede a ação conjunta não precisa ser assumida por todos os sujeitos, já que a participação deve ser livre e consciente.

A mobilização em rede se move quando todos e cada um de seus membros, por decisão própria, decidem-se mover. A rede é como um corpo, em que todos os seus membros a fazem funcionar, “todos são a rede, nas suas ligações uns com os outros”, segundo Winthaker (1993, p.5).

Uma rede está sempre aberta à entrada de novos membros que aceitem as regras de intercomunicação estabelecidas, ainda que as mesmas possam e devam ser revistas à medida que a rede vá realizando seus objetivos ou definindo novos objetivos. O auto-desligamento de qualquer de seus membros não deve, por outro lado, constituir problema, para que se assegure a plena liberdade de opção de cada um (Winthaker 1993, p.5).

Ainda, a pesquisadora Gohn (2013) entende as redes de mobilizações no “cenário de políticas globalizadas, de cidadãos participantes nas políticas públicas, onde o termo movimento aparece como resultado de uma ação e não como sujeito principal da mesma” (GOHN, 2013, p.37). A pesquisadora percebe que as redes de mobilizações englobam diferentes sujeitos nas ações, estes sujeitos participam de outras mobilizações e ações conforme suas vinculações e identificações. Outra pesquisadora preocupada com as redes sociais, mobilizações e movimentos é Sherer-Warren (2004). A autora diferencia mobilizações em rede e redes de movimentos sociais, para a pesquisadora o primeiro conceito contempla as conexões de atores e organizações para difundir informações, buscar apoios em projetos e estabelecer conexões estratégicas através da internet e de outros meios alternativos a partir de uma causa em comum, já os movimentos sociais em rede são percebidos como:

Redes sociais complexas que transcendem organizações empiricamente delimitadas e conectam de forma simbólica, solidária e estratégica sujeitos individuais e atores coletivos, cujas identidades vão se construindo em um processo dialógico (SHERER-WARRER, 2004, p.79).

Acreditamos que nosso objeto de pesquisa se constituiu como uma rede de mobilização organizada a partir do *Facebook*, ambiente de comunicação em rede, onde os sujeitos construíram projetos (ações) solidários, mas, salientamos que nesse espaço também se construíram identidades coletivas, fator essencial para a concretização das ações.

Historicamente, as mobilizações sempre dependeram dos mecanismos de comunicação para as manifestações. Segundo Castells (2012), os movimentos utilizavam panfletos e manifestos, sermões, divulgados de pessoa para pessoa ou por qualquer outro meio de comunicação. Em nossa época, as mobilizações estão investindo na comunicação multimodal, em especial as redes sociais online. Para Castells (2012), este tipo de interação via comunicação nas redes para as mobilizações configura-se como uma comunicação mais rápida, autônoma, interativa, reprogramável e autopropagável. O autor complementa que “as características dos processos de comunicação entre indivíduos comprometidos no movimento social determinam as características organizacionais do próprio movimento social” (CASTELLS, 2012, p.32). Para o teórico, “quanto mais interativa e autoconfigurável é a comunicação, menos hierárquica é a organização e mais participativo é o movimento” (CASTELLS, 2012, p.32).

Outro ponto interessante apontado por Castells (2012) é indicar a possibilidade do exercício do contrapoder mediante o processo de comunicação autônoma, a internet e a comunicação sem fio se tornam fundamentais para as mobilizações a que estamos tratando nessa seção. Os sujeitos participantes das mobilizações “surgem através das contradições e dos conflitos de sociedades específicas” (CASTELLS, 2012, p. 219), a comunicação nos dias atuais, com as TICs, desempenha papel decisivo, pois é por meio da comunicação via redes que “as pessoas podem desafiar a dominação conectando-se entre si” (p.219). Desta conexão entre os sujeitos surge o compartilhamento da indignação e dos sentimentos de união para a construção de projetos alternativos para a sociedade.

Os espaços online se destacam como importantes práticas de mudanças sociais e têm se caracterizado por criar comunidades baseadas no companheirismo. Para Castells (2012), “o companheirismo é um mecanismo psicológico fundamental para superar o medo. E superar o

medo é fundamental para os indivíduos se comprometerem em um movimento social” (Castells, 2012, p. 27).

Ao construir uma comunidade em um espaço online, se constrói um espaço de comunicação, de reunião. O espaço público das mobilizações e dos movimentos sociais apresenta-se como um espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado. Para o autor, os espaços ocupados “normalmente estão carregados com o poder simbólico da invasão nos centros de poder do estado e nas instituições financeiras” (CASTELLS, 2012, p. 28).

A importância de ocupar o espaço urbano é a de que “ao tomar o espaço urbano os cidadãos recuperam sua própria cidade, uma cidade que foi desalojada pela especulação imobiliária e a burocracia municipal” (CASTELLS, 2012, p. 28). E ainda complementamos o pensamento do autor identificando a ocupação do espaço online como importante, pela possibilidade de visibilidade das lutas. Dessa forma, novos sujeitos podem participar das ações.

Constatamos que as mobilizações em rede possuem características comuns. Castells (2012) pontua que a conexão em rede se dá de diversas formas: “o uso da internet e das redes de comunicações móveis são fundamentais, mas a forma de conexão em rede é multimodal” (p.212). Os movimentos conectam-se nas redes sociais online e offline, e ainda outras, já formadas durante as ações. Dessa forma, as redes estão nas mobilizações, também, no ciberespaço, nos meios de comunicação e na sociedade.

2.3. Identidades Coletivas: os vínculos criados nas mobilizações

A participação é um processo de vivência que contém sentidos e significados ao grupo ou movimento social. Para Gohn (2008), no processo de participação, o sentido “é a direção, é diretriz, é orientação, é norte, é rumo, é destino que conduz a desdobramentos” (GOHN, 2008 p.31). De acordo com a pesquisadora, a partir da participação o movimento desenvolve consciência de suas lutas e se torna protagonista de sua história ao gerar novos valores e uma nova cultura política. Antes que se produzamos desdobramentos, há o processo subjetivo, quando os atores sociais percebem significados aos fenômenos os quais se envolveram. Diante dessa percepção, Gohn aborda que o conceito de significado:

é o conceito de algo, como ele se define e é para os sujeitos que participam das ações coletivas, por exemplo. Os significados são aprendidos e apreendidos, são socializados; são identificados, confirmados e testemunhados por aqueles que se defrontam com o outro (GOHN, 2008, p.31).

Os sujeitos e os movimentos dão sentido à sua participação na ação coletiva ao decodificarem os significados do que foi construído pelos próprios sujeitos. Como cita Gohn, decodificar “conteúdos das mensagens implícitas, determinar quem é o emissor e o receptor, que universos simbólicos contém, que valores defendem ou rejeitam” (GOHN, 2008, p. 31). Criam-se processos identitários, individuais ou coletivos. Os indivíduos defrontam-se com seus referenciais e quando os significados são desvelados, produzem, através do estímulo-resposta ações discursivas, gestuais ou ações coletivas e movimentos.

A questão da identidade remete ao reconhecimento. Hall (2000) esclarece que a identificação é construída a partir do reconhecimento a algo em comum: “é em cima dessa fundação que ocorre o natural fechamento que forma a base da solidariedade e da fidelidade do grupo em questão” (HALL, 2000, p.106). Assim, o autor argumenta que o sujeito não passa a ser aquele mesmo do início ao fim, mas que as identidades são fragmentadas e fraturadas, e que elas são “multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas”. (HALL, 2000, p. 108). Hall (2000) entende que as identidades estão constantemente em processo de mudança e transformação, percebendo que não se trata de uma essência, mas de uma construção baseada na similaridade, continuidade, diferença e ruptura. A identidade tem a ver com a utilização dos recursos da história, linguagem e da cultura para a produção daquilo que nos tornamos, o conceito é através do estratégico e posicional e, não essencial.

Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (HALL, 2000, p.109).

Ou seja, são multidimensionais, flexíveis, dinâmicas, construídas por meio da diferença. Dessa forma, o estudioso aponta que o reconhecimento de si é feito por meio da relação com o Outro. Embora permita pensar em escolhas na definição da identidade, esse processo não é totalmente livre, as estratégias levam em conta as questões de poder, através de elementos como relações sociais, as relações de força entre os grupos e relações entre grupos sociais. As identidades:

são as posições que o sujeito é obrigado a assumir embora sabendo, sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo do Outro e que, assim, elas não podem, nunca ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito a uma posição que são nelas investidos (HALL, 2000, p. 112).

Ao pensarmos nas identidades coletivas construídas nas mobilizações percebemos mudanças nas temáticas de atuações sociais: hoje mais relacionadas aos direitos humanos, ecologia, gênero e justiça social. Essa mudança já foi observada por Castells (2006). O autor comenta sobre o esvaziamento dos movimentos sociais tradicionais para outros que se organizam em torno de projetos concretos. Woodward (2000) identifica que os movimentos estão preocupados nas questões da identidade e, que hoje a identidade se torna essencial para a mobilização.

Segundo Castells, a tendência social e política característica da década de 1990 era a construção da ação social e da política em torno de identidades primárias – ou atribuídas, enraizadas na história e geografia, ou recém-construídas, em uma busca ansiosa por significado e espiritualidade. Os primeiros passos históricos das sociedades informacionais se caracterizavam pela preeminência da identidade como seu propósito organizacional. Hoje, “em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca da identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significação social” (Castells, 2006,p.15). O autor entende identidade como:

processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais (Castells, 2006, p.58).

Assim como Hall (2000), Castells (2006) observa que os atores sociais ou coletivos não possuem apenas uma identidade, mas múltiplas. A construção da identidade segue o processo de reconhecimento a um atributo ou vários atributos culturais, que se inter-relacionam. A apropriação ou não dos atributos pelos atores sociais depende do significado pelo qual os atributos têm para os sujeitos. O autor define significado como “a identificação simbólica, por parte, de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator” (Castells, 2006, p.23). Os seres humanos constroem o significado, quando interagem com o entorno natural e social e, interconectam as redes neurais com as redes da natureza e as redes sociais. A construção de significado é mediante o ato da comunicação, “comunicar é compartilhar significados mediante o intercambio de informação. Para a sociedade em sentido amplo, a

principal fonte de produção social de significado é o processo de comunicação socializada” (CASTELLS, 2012, p. 23). Castells complementa que as mudanças no entorno da comunicação afetam diretamente na forma como os seres humanos constroem o significado e, portanto modificam as relações de poder. Dessa forma, consideramos que as redes de comunicação são fontes de construção de poder, pois há possibilidades de reprogramação das redes para interesses e valores alternativos, interrompendo as conexões dominantes conectando redes de resistência e de mudança social.

Preocupado com as identidades coletivas e não individuais, Castells (2006) centra nas questões de como, a partir de que, por quem e para que essas identidades são constituídas. Esses questionamentos são bases para suas pesquisas, sendo que a construção identitária tem como matéria prima a “história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva, e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso” (Castells, 2006, p.23). Ainda de acordo com o autor:

Todos esses materiais são processos pelos indivíduos, grupos sociais e sociedade que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço (Castells, 2006, p.23).

A partir da sociedade em rede instauram-se novas formas de transformação social e redefine-se a identidade em ser “totalmente autônoma em relação à lógica de formação de rede das instituições e organizações dominantes” (CASTELLS, 2006, p.27). Assim, “a busca pelo significado ocorre no âmbito da reconstrução de identidades defensivas em torno de princípios comuns” (CASTELLS, 2006, p.27).

Melucci (2001) conceitua identidade coletiva como a interação e o compartilhamento, produzida por indivíduos ou grupos mais complexos em relação aos objetivos das ações, as oportunidades e constrangimentos que as ações podem trazer. Percebe a criação das identidades coletivas através dos processos de interação relacional, baseada na “capacidade e a tendência dos movimentos para constituir, identificar e poder interrogar sua própria identidade” (GOHN, 2000, p. 158). De acordo Gohn (2000), os atores coletivos são criados nas atividades de organização e nas ações, e a identidade coletiva é construída e negociada através dos relacionamentos sociais que conectam os membros do movimento. Dessa forma, Gohn (2000) reconhece que nas interações há trocas emocionais, afetivas e de marcos referenciais.

Melucci (2001) contempla que as identidades coletivas não são apenas negociadas, mas que são dotadas de significados, como os sentimentos e afetos, fatores que também fazem parte do processo de mobilização. Quando pensamos nas mobilizações acerca da tragédia, percebemos o forte envolvimento dos sentimentos nas ações. Castells (2012), assim como Melucci, contempla que há fatores de união do ponto de vista dos indivíduos, que envolvem as emoções. Com estes fatores de união culminariam em mobilizações gerando, então, identidades coletivas. Esses sentimentos e afetos são explorados no próximo subcapítulo.

A partir da visibilidade de outras culturas, insurgências de novas demandas sociais, necessidades de luta surgem junto à tecnologia outras formas de mobilização. Observamos que a internet e as mobilizações em rede se apresentam como novas formas de trabalhar com a identidade dos movimentos e, que o sujeito constrói a sua identidade também através da adesão a estas manifestações no ambiente online.

Com estas constatações podemos observar como a questão da identidade reflete na internet, um ambiente de diversidade, de encontros culturais, de convivência e conflitos. As diversas identidades podem ser observadas a partir da participação a questões que o identificam e definem os sujeitos. Imbricado nesse espaço seguem a concepção de identidade mutável e híbrida. As mobilizações podem se apresentar como um recurso, a qual Hall se refere, de história, linguagem e cultura, que transforma as adesões do sujeito em identidades. Quando pensamos as mobilizações da Boate *Kiss*, no processo de organização das ações coletivas, percebemos que as interações ocorreram no ambiente online, as identidades coletivas do grupo foram construídas de forma negociada no ambiente online, de comunicação em rede. A escolha de participar ou não das ações coletivas foi por meio do envolvimento e vínculos criados naquele espaço, o qual determinou a escolha do indivíduo em aderir à ação.

2.4. Afetividades nas mobilizações sociais

Do ponto de vista dos indivíduos, as mobilizações envolvem emoções e sentimentos. Os movimentos surgem não com planos e estratégias políticas definidas, mas a partir das experiências é que aparecem as estratégias, os planos e pessoas à frente do movimento. Castells (2012) destaca a importância das emoções para que o movimento social transforme os objetivos em ação. Outro autor que traz a questão dos afetos para os movimentos sociais é

Melucci (2001). O autor considera que, no processo de construção das identidades coletivas dos movimentos sociais, as experiências corporais, emocionais e afetivas também são importantes para mobilizar. O sociólogo não considera os movimentos apenas como respostas às crises econômicas, mas sim que os indivíduos produzem sentidos para si mesmos. Diante disso, percebemos que autores vêm constatando a importância dos afetos para a efetivação das ações coletivas nos movimentos sociais.

Gohn (2000) explica que Melucci percebe a ação coletiva como “um processo interativo dentro de um campo de múltiplas possibilidades, onde a incerteza e a diversidade poderão ser base para a criação de solidariedades” (GOHN, 2000, p. 160) sendo as emoções e sentimentos contemplados pelo teórico. Nosso intuito na pesquisa foi considerar a afetividade como elementos das identidades coletivas construídas, não foi nosso objetivo aprofundar sobre emoções e sentimentos das mobilizações, mas perceber que foram fatores importantes na criação dos vínculos e da união entre os membros do grupo.

Apresentamos conceitos para compreender o papel dos sentimentos e emoções. A partir da conceituação teórica de sentimentos e emoções, contemplamos os principais sentimentos que circundam os movimentos de modo a trazer uma aproximação ao debate. Entendemos que não abarcamos o universo teórico da temática, pois há disciplinas específicas na psicologia social e na antropologia, preocupadas em entender os fatores afetivos na união dos sujeitos.

As mobilizações em torno da Boate *Kiss*, inicialmente por terem caráter espontâneo, expressaram emoções acerca do acontecido e sobre a mobilização para a ação coletiva. Os sentimentos que envolveram o grupo podem ser percebidos num momento posterior à ação. Consideramos as emoções no processo da mobilização como um dos elementos da identidade coletiva e também como fator de união dos sujeitos. As conceituações apresentadas podem ser diferentes dependendo do autor e abordagem da temática, nosso intuito foi perceber as emoções que prevaleceram nas duas mobilizações.

Jasper (2013) explica que, por cerca de vinte anos, as emoções foram deixadas de lado em pesquisas sobre política, protestos e movimento sociais. De acordo com o autor, as emoções estão presentes em todas as fases das ações e dos movimentos sociais e considerar as emoções no processo é perceber a mobilização, a ação coletiva e os movimentos sociais de forma integral. O pesquisador aponta alguns problemas nos estudos das emoções. Um deles o equívoco de considerar os sentimentos de forma inata, ou seja, perceber, por exemplo, que o medo e a ira correspondem a algo dado e intacto. Mas os sentimentos são construídos pelos sujeitos através de relações com a cultura, a mídia e pelas interações sociais. Suas construções

são acionadas a partir de diferentes classes de emoções e de situações diversas. Breton (2013) contempla a afirmação e percebe que “as emoções são condições sociais de existência que se traduzem em movimentos fisiológicos e psicológicos”(BRETON, 2013, p.70).

Castells (2012) esclarece que, durante o processo de surgimento de uma mobilização, podem ser percebidas emoções como a ira, o sujeito identifica uma ação injusta e identifica os agentes responsáveis dessa ação. Quando se supera o medo, a partir do compartilhamento e identificação com outros sujeitos com a ação comunicativa entre os sujeitos, induz-se a mobilização de ações coletivas. Para o autor, “quando o processo de ação comunicativa induz a ação coletiva e se efetua a mudança, a emoção positiva mais forte que prevalece é o entusiasmo, que potencializa a mobilização social” (CASTELLS, 2012, p.210).

A motivação e o surgimento das mobilizações e movimentos sociais desencadeiam a partir das emoções algum acontecimento ocorrido, como, “emoções derivadas de algum acontecimento que ajuda os manifestantes a superar o medo e desafiar o poder, apesar do perigo inerente de suas ações” (CASTELLS, 2012, p. 210). Essa afirmação nos permite identificar a mobilização gerada pela tragédia da Boate *Kiss*, pressupondo que as emoções e os sentimentos de indignação com o ocorrido e a esperança de justiça podem ter sido motivadores.

Castells (2012) utiliza-se da teoria da inteligência afetiva, considera que as emoções mais importantes para a mobilização social e o comportamento político são o medo (uma emoção negativa) e o entusiasmo (uma emoção positiva). As emoções positivas e negativas se relacionam com o sistema de motivação básico da evolução humana: a aproximação e o distanciamento. O autor comenta que no sistema de aproximação se relacionam a busca de objetivos individuais com experiências satisfatórias: “os indivíduos se mostram entusiasmados quando se mobilizam por um objetivo que os importa” (CASTELLS, 2012, p.31). Relacionamos o entusiasmo com outra emoção positiva: a esperança.

A esperança projeta o comportamento para o futuro. Uma das características diferenciadoras da mente humana é a capacidade de imaginar o futuro, e a esperança é um ingrediente fundamental para apoiar a ação na busca de objetivos (CASTELLS, 2012, p.31).

Para que ocorra isso, Castells observa a necessidade das emoções positivas e a superação da emoção negativa, que é o distanciamento. A emoção negativa gera outra emoção negativa, denominada ansiedade. Outra condição para que os indivíduos se conectem e formem um movimento é a existência dos processos de comunicação. Para Castells (2012), o

processo de comunicação propaga os acontecimentos e as emoções entre os indivíduos. Sendo que “quanto mais rápido e interativo é o processo de comunicação, mais provável que se forme o processo de ação coletiva, enraizado pela indignação, impulsionado pelo entusiasmo e motivado pela experiência” (CASTELLS, 2012 p. 32).

Essas mobilizações em rede surgem para além de ideologias e são caracterizadas pela experiência humana reivindicando causas pontuais em problemas reais. Os sujeitos compartilham as dores e as esperanças no espaço público das redes, conectando-se entre si e projetam uma mudança. Castells (2012) percebe que os indivíduos formam redes, conectando-se a outros indivíduos sem levar em conta opiniões particulares e filiações ideológicas se unem para superar o medo: “transformam o medo em indignação e a indignação em esperança de uma humanidade melhor” (p. 20). Dessa forma, percebemos que ao compartilhar sentimentos, os atores sociais mobilizados na tragédia da Boate *Kiss*, como indicaremos na análise, uniram-se a partir da indignação e da esperança e superaram o medo ao pensar num projeto coletivo de ajuda e redes de solidariedades.

Castells (2012) não leva em consideração apenas as emoções para a criação de vínculos para a mobilização social, pontua que as ideias, ideologias e propostas pragmáticas são indispensáveis para o passo da ação impulsionada pela emoção. Para o autor, a forma de incorporação da matéria de mudança social é um processo de comunicação como “a forma como está se construindo este processo determina o papel destes materiais ideacionais no significado, evolução e impacto dos movimentos sociais” (CASTELLS, 2012, p. 33).

Castells (2012) ainda comenta que as redes multimodais, tanto na internet quando no espaço urbano, dão unidade às mobilizações. Para o teórico, esta unidade é fator chave para a superação do medo, porque as pessoas unidas superam o medo e descobrem a esperança. Consideramos que, nas mobilizações, os sujeitos aderiram às manifestações por seus próprios objetivos e motivações. Partindo dessas proposições teóricas, pontuamos como foram observados os sentimentos e as identidades nas mobilizações sociais em torno do incêndio da Boate *Kiss*.

3. ENTRE O *FACEBOOK* E AS RUAS: AÇÕES SOLIDÁRIAS NA TRAGÉDIA

O capítulo 3 apresenta a recuperação do acontecimento, a escolha metodológica e as técnicas de pesquisa. Assim como, expõe o resultado de nossa pesquisa exploratória e explica os passos de coleta e análise da pesquisa aprofundada.

O contexto do acontecimento foi baseado em observações da pesquisadora com o acompanhamento do fato nos locais e pelas informações em jornais de circulação local, regional e nacional, como, Diário de Santa Maria, A Razão, Zero Hora e Folha de São Paulo. Acompanhamos também o relatório de conclusão do inquérito da Polícia Civil de Santa Maria-RS, divulgado para conhecimento público. O intuito da contextualização do acontecimento foi situar o leitor sobre o que foi a tragédia e que impactos foram sofridos por Santa Maria –RS.

No item 3.2, apresentamos nossa metodologia através da abordagem teórica da mesma, bem como as técnicas de pesquisa utilizadas. No subcapítulo 3.3, expomos o resultado de nossa pesquisa exploratória, construída entre os dias 27 de janeiro e 10 de fevereiro no *Facebook*, com objetivo de nos aproximarmos do objeto de estudo e identificarmos iniciativas de ajuda ou ações com a temática *Kiss*. Finalizamos este capítulo com apresentação das técnicas de coleta dos dados e as temáticas de análise da pesquisa aprofundada.

3.1. Contexto do acontecimento

A recuperação do acontecimento foi baseada em observações iniciais no ambiente online, onde identificamos os principais usos do *Facebook* relacionados ao caso, e, em observações no local onde ocorreram as mobilizações voluntárias no Centro Desportivo Municipal¹⁸ da cidade de Santa Maria. Ainda complementamos nossas observações com informações jornalísticas a partir de informações de veículos comunicacionais nacionais, regionais e locais. Complementamos o contexto com a leitura do relatório final do inquérito

¹⁸ O Centro Desportivo Municipal Miguel Sevi Viero, de Santa Maria – RS se localiza na Rua Appel,795 Bairro Fátima.

policial¹⁹ da 1ª Delegacia de Polícia de Santa Maria, o qual apresentou conclusões parciais sobre a investigação do incêndio ocorrido na Boate *Kiss*. Acompanhamos dois jornais locais: Diário de Santa Maria e A Razão, um de abrangência estadual: Zero Hora e outro de abrangência nacional: A Folha de São Paulo. As notícias foram de segunda-feira, 28 de janeiro de 2013, e terça-feira, dia 29 de janeiro de 2013.

A cidade de Santa Maria se localiza no centro do Estado do Rio Grande do Sul, a 292 km de Porto Alegre. Segundo dados do IBGE²⁰, Santa Maria tem em média 260 mil habitantes, com a população jovem de 15-29 anos composta de 64 mil habitantes. O município é referência em saúde, possui o segundo maior centro militar do Brasil com onze quartéis e uma escola de formação militar, mas é mais conhecida como cidade universitária, com sete unidades de ensino superior, sendo a principal a Universidade Federal de Santa Maria, com cerca de 30 mil estudantes. Por conta das instituições de ensino, a cidade tem como característica receber jovens provenientes de diversas cidades do estado.

A cidade possui diversas casas noturnas, bares e boates pela concentração de jovens que abarca. Entre elas existia a Boate *Kiss*, localizada na Rua Dos Andradas, no centro da cidade. A casa começou suas atividades em 2009, tendo como idealizador Elissandro Callegaro Spohr, o Kiko, sócio principal. Entretanto, de acordo com o inquérito policial, a empresa estava em nome de sua irmã, Ângela Aurélia Callegaro e da mãe dele, Marlene Terezinha Callegaro.

De acordo com informações da reportagem especial, publicado no site da revista Época em 01 de fevereiro de 2013²¹, a boate tinha como característica recepcionar e organizar diversas festas, *shows* e comemorações voltadas ao público universitário, com média, por noite, de mil clientes. Durante um tempo, a *Kiss* ficou conhecida na cidade por permitir a entrada de menores em festas, foi apelidada como “*kids*”. Em 2012, Mauro Londero Hoffmann, um empresário do ramo de bares, restaurantes e casas de shows, incluindo outra boate em Santa Maria, comprou metade da *Kiss* para salvar a empresa da falência. O objetivo do novo sócio da boate era restringir o público juvenil e receber frequentadores mais velhos, com mais recursos financeiros. Para atender a esse novo público a boate passou por uma série de reformas, modernizou o ambiente e intensificou a fiscalização na entrada para não permitir,

¹⁹ O relatório do inquérito policial está disponível em http://www.desaparecidos.rs.gov.br/upload/20130322165718relatorio_kiss_definitivo.pdf

²⁰ <http://www.ibge.gov.br/cidadesat>

²¹ Fonte das informações Revista Época, 2013. Disponível em [\[http://revistaepoca.globo.com/Brasil/noticia/2013/02/quem-sao-e-como-viviam-os-proprietarios-da-boate-kiss.html\]](http://revistaepoca.globo.com/Brasil/noticia/2013/02/quem-sao-e-como-viviam-os-proprietarios-da-boate-kiss.html). Acesso em 28 de dezembro de 2013.

mais, a entrada de menores na boate. Uma das medidas foi melhorar o isolamento acústico, revestindo com espumas e outros materiais a boate.

Na noite do acidente, madrugada de domingo dia 27 de janeiro de 2013, foi promovida a festa “Agromerados”, organizada por estudantes dos cursos de Agronomia, Medicina Veterinária, Zootecnia, Pedagogia, Técnico em Agronegócio e Técnico em Alimentos, todos da UFSM. O papel da *Kiss* na festa foi contratar as bandas, divulgar o evento e oferecer uma comissão para os estudantes que vendessem grande número de ingressos. O valor seria revertido para a organização das festas de formatura dos cursos. Assim, a casa promovia de três a quatro festas por semana, com o custo de 15 a 25 reais por pagante. Segundo as conclusões do inquérito policial, a lotação máxima da boate era de 769 pessoas e no dia do acidente estariam na boate no mínimo 864 pessoas, grande parte estudantes da UFSM.

A festa iniciou por volta da meia noite e estavam programadas duas bandas e três DJs. A primeira banda, Gurizada Fandangueira, iniciou seu show perto das duas horas da manhã e, na quinta música do show, o vocalista da banda, Marcelo de Jesus dos Santos, lançou um sinalizador, estilo *Sputnik*²² em cima do palco. De acordo com a investigação, as chamas do artefato, que podem chegar a 1,70 metros de altura, alcançaram o isolamento acústico no teto do palco e iniciou o incêndio que se alastrou rapidamente pelo teto da boate. A espuma, que revestia a casa não era adequada e, mais, era altamente inflamável. Dessa forma, produziu a partir da combustão, fumaça altamente tóxica, gases que rapidamente levaram as pessoas ao desmaio. A conclusão do inquérito aponta que as saídas da boate não eram adequadas, o sinalizador não poderia ter sido lançado em local fechado, além de haver excesso de pessoas na boate. Segundo as informações coletadas nas notícias do Diário de Santa Maria, na hora da saída, diversas pessoas foram pisoteadas, o que contribuiu para que a saída da boate se tornasse mais difícil. Também foram encontradas muitas vítimas, já falecidas, aglomeradas nos banheiros, para onde teriam ido com esperança de salvarem-se.

No empurra-empurra, dezenas foram de pessoas foram pisoteadas. Ficaram no chão. Os frequentadores que inalaram muita da fumaça tóxica que se desprendia do revestimento do isopor e gesso. Muitos perderam a vida ali. Outras dezenas encontraram a morte dentro dos banheiros da boate, iludidos pela possibilidade de proteção ou fuga por basculares (Diário de Santa Maria, 28 de janeiro, p. 4).

²² Os fogos estilo Sputnik lançam centelhas prateados ou coloridos de aproximadamente 2 metros de altura e duram cerca de 20 segundos.

Fonte: http://www.inmetro.gov.br/barreirastecnicas/pontofocal/..%5Cpontofocal%5Ctextos%5Cregulamentos%5CBRA_149.pdf

Foram 242 vítimas fatais e 145 pessoas internadas em hospitais com diversas enfermidades em consequência do incêndio. A maioria delas precisou de atendimento por intoxicação proveniente da fumaça de gases tóxicos da espuma utilizada no isolamento acústico, que revestia o teto e outras partes da Boate *Kiss*.

Na tarde de domingo, dia 27, houve abertura de inquérito para investigar o acontecimento e, já na segunda-feira, posterior ao incêndio, o Ministério Público do Estado expediu mandado de prisão preventiva aos dois sócios da boate e ainda a dois dos integrantes da banda Gurizada Fandangueira. O inquérito policial indiciou criminalmente 16 pessoas e apontou outras 28 como responsáveis pela tragédia. As conclusões do inquérito e os indiciamentos foram encaminhados ao Ministério Público do Rio Grande do Sul, onde oito pessoas foram apontadas e acusadas criminalmente pelo acontecido, duas pessoas foram acusadas por fraude e duas por falso testemunho. As conclusões do Ministério Público foram encaminhadas ao juiz da 1ª Vara Criminal de Santa Maria, que ficou responsável em aceitar ou não as denúncias.

No dia 29 de maio de 2013, foram expedidas, pela 1ª Câmara Criminal do Rio Grande do Sul, a liberdade provisória dos principais indiciados, os sócios da casa noturna, Elissandro Spohr e Mauro Hoffmann e os integrantes da banda Gurizada Fandagueira, o cantor Marcelo dos Santos e o produtor Luciano Bonilha Leão. A partir da soltura dos responsáveis pela boate e dos músicos, o caso voltou a repercutir na mídia local e nacional e incitou novas mobilizações provenientes dos familiares e parentes das vítimas, que se organizaram em associações como Associação Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM) e movimentos sociais como Movimento do Luto à Luta.

No dia do incêndio, 27 de janeiro de 2013, o resgate às vítimas começou logo e contou com a ajuda de voluntários que conseguiram sair da boate, além de militares, policiais e bombeiros. Os feridos foram encaminhados aos hospitais e os corpos das vítimas, encaminhados fatais ao Centro Desportivo Municipal (CDM) da cidade, onde diversos voluntários se mobilizaram, organizando frentes de ajuda, como assistência para informações, distribuições de alimentos e água, auxílio psicológico, entre outras ações.

Para a organização das doações e dos voluntários foram montadas tendas no CDM e em frente aos hospitais que receberam os feridos e a cada troca de turno dos voluntários, uma chamada para novos voluntários foi postada no *Facebook*. Dentro do ginásio em que aconteciam os velórios, também foram montadas tendas: uma para organizar as informações, outra para atendimento médico aos familiares. Ainda havia circulação de voluntários pelo

ginásio com distribuição de alimentos e bebidas para os familiares e profissionais que estavam trabalhando no local.

Ao considerarmos a temática de nossa pesquisa, a mobilização gerada em consequência do incêndio, percebemos que a organização de ações solidárias ocorreu de diversas formas. Tais como, ajuda no resgate, na identificação dos corpos, no auxílio psicológico às famílias, fornecimento de água e comida aos voluntários e parentes das vítimas, que passavam pelo processo de identificação dos corpos. Na rede social online *Facebook*, as mensagens de usuários centraram-se em informações sobre a necessidade de voluntários nos locais, doações de sangue, circulação de fotos de desaparecidos, listas de feridos e listas de óbitos. Foram divulgadas informações sobre investigações, organização dos voluntários e mensagens de solidariedade e orações, organização de caminhadas em homenagem às vítimas e protestos por justiça.

Além disso, a investigação da polícia levou em consideração informações, fotos e outros dados postados nas redes sociais online para anexar ao inquérito. Os policiais organizaram um formulário de identificação online. O delegado Marcelo Arigony, um dos responsáveis pelas investigações, divulgou no seu perfil o formulário de identificação de pessoas que estavam no local no dia da tragédia.



Figura 3 - Postagem do Delegado responsável pela investigação da Boate Kiss.

Polícia Civil - Rio Grande do Sul

Esse formulário contém informações sobre os participantes da festa "Agrupados" realizada nos dias 26/27 de janeiro de 2013 na Boate Kiss, em Santa Maria.

Somente preencha as informações abaixo se você esteve no local

Dados Pessoais

Nome:

Apelido:

RG:

Nascimento:

Endereço:

Cidade:

Outras informações

Facebook:

E-mail:

Twitter:

Telefone:

Celular:

Informações sobre o dia do evento

Foi foto:

Foi vítima:

Recebeu atendimento médico:

Enviar

Figura 4 - Formulário online disponibilizado pela Polícia Civil.

O formulário serviu para que, durante as investigações, os delegados pudessem identificar as pessoas que estavam na boate e permitiu comprovar, a partir dos dados coletados, a lotação da boate naquela noite.

Em suma, na nossa observação preliminar percebemos que as redes sociais online, em especial o *Facebook*, foram utilizadas para diversos fins, protagonizaram a organização das mobilizações para auxílio às famílias e, ainda percebemos postagens com mensagens de apoio ao luto e utilização das ferramentas online na coleta de dados pela polícia.

3.2.O Estudo de Caso a partir da perspectiva da observação online e offline

O ponto de partida de nosso percurso teórico levou em conta a penetrabilidade das TICs em todas as esferas da atividade humana. Proposição abordada por Castells, que acredita que devemos levar a tecnologia a sério, utilizando-a como ponto de partida de qualquer investigação (CASTELLS, 2009, p.58). Segundo o autor, precisamos localizar o processo de transformação tecnológico no contexto social em que ele ocorre; e ainda devemos nos lembrar de que a busca da identidade é um conceito importante tanto quanto a transformação econômica e tecnológica no registro da nova história. Ao considerar que as TICs exercem papel importante na vida social, não podemos teorizar a partir de um determinismo tecnológico e acreditar que a tecnologia sozinha molda a sociedade, mas é nosso papel entender e levar em conta as mudanças proporcionadas pelo seu uso nas interações sociais, na economia, na política.

A representação da sociedade que leva em conta as suas tecnologias mostra a capacidade de transformação nos campos sociais com apropriações e usos sociais das

tecnologias da informação e da comunicação (TICs). Como já discutimos, Castells (2009) utiliza como pano de fundo a ideia da sociedade em rede e, a partir desta constatação, as mobilizações em rede estão inseridas na sociedade em rede.

Concordamos com Castells (2009) ao identificar que a apropriação tecnológica pelos sujeitos implica em fenômenos que acrescentam outras práticas sociais, como a sociabilidade a partir do ambiente online. No caso de nosso objeto de estudo, os sujeitos inventam e criam diferentes formas de organizar manifestações e se apropriam das ferramentas do site de rede social *Facebook*²³ para a prática cidadã no encontro de diferentes sujeitos com um propósito comum. Pensarmos essas mobilizações à luz da comunicação é percebemos que o espaço comunicacional criado no ambiente online foi de suma importância para a construção das identidades coletivas e o compartilhamento dos sentimentos. Esses fatores contribuíram no processo de mobilização, as pessoas sentiram-se pertencentes ao grupo, criaram vínculos e a partir disso se integraram aos protestos e caminhadas. A preparação inicial da mobilização foi carregada de conflitos e de afetos, os sentidos e rumos foram compartilhados a partir do diálogo e das interações entre os atores sociais no ambiente online. Com isso, nossa metodologia foi construída a partir do pensamento de Laville (1999), ao argumentar que, para escolhermos os métodos de pesquisa, o primeiro passo é pensar no que consiste a problemática do estudo e, assim, “delimitar seu problema, e situá-lo no terreno da pesquisa, esclarecer conceitos, informar-se sobre as visões teóricas apropriadas, especificar suas perspectivas e expectativas” (LAVILLE, 1999, p. 124).

É na base de uma problemática bem elaborada que se pode pensar num método sob medida. Nosso objeto de estudo está inserido em um processo complexo, onde não se identifica claramente receptores e produtores e a circulação das informações dos ambientes é volátil, efêmera e rápida. A partir desta ideia, tentamos adequar um método de pesquisa que nos auxiliasse a analisar de forma mais profunda os processos comunicativos que deram origem às mobilizações no ambiente online.

Nossa metodologia se caracteriza por ser um estudo de caso, construído a partir de observações online e offline, tendo como objeto empírico de análise duas mobilizações realizadas no espaço urbano de Santa Maria e oriundas de três eventos criados no *Facebook* em decorrência do incêndio da boate *Kiss*: a **Caminhada da Paz** (organizados pelos eventos Caminhada do Luto e Caminhada da Paz) e o **Protesto por Justiça** (organizado pelo evento Protesto por Justiça).

²³ www.facebook.com

Para tanto, elaboramos um percurso de apresentação e reflexão sobre os métodos, contempla nossa coleta e análise de dados e contribui para o aprofundamento das questões tratadas.

Escolhemos o estudo de caso, pois este pode envolver o estudo de um pequeno número de fenômenos e, às vezes, se restringir apenas a um. Para Becker, o estudo de caso tem dois propósitos: “chegar a uma compreensão abrangente do grupo em estudo: quem são seus membros? Quais são suas modalidades de atividade e interação recorrentes estáveis? Como elas se relacionam com o resto do mundo?” (BECKER, 1997, p.118). E também “desenvolver declarações teóricas mais gerais sobre as regularidades do processo e estrutura sociais” (BECKER, 1997, p. 118).

A escolha do método para o nosso estudo pode ser justificado, pois pretendemos chegar uma compressão mais profunda dos processos sociais e culturais dos sujeitos que atuaram e se apropriaram para organização das ações coletivas e redes de solidariedade no acontecimento na Boate *Kiss*.

De acordo com Yin (2001), o estudo de caso costuma ser aplicado em pesquisas que colocam questões “como” e “por que”. Nosso problema de pesquisa foca em entender de que forma, logo o “como” está presente. Ainda de acordo com Yin, o estudo de caso se preocupa em entender fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos, em pesquisas da psicologia, sociologia, na ciência política, na administração. Yin (2001) contempla outras duas condições para a escolha do método, além da questão ou do tipo de pergunta de pesquisa que seria “a extensão do controle que um investigador tem sobre os eventos comportamentais reais e o grau de enfoque sobre eventos contemporâneos em oposição aos eventos históricos” (YIN, 2001, p. 28).

Segundo Goldenberg (2003), o estudo de caso reúne um maior número de informações, utilizando-se diferentes técnicas de pesquisa. Para a autora, a escolha das técnicas vai depender da problemática do trabalho e do pesquisador. Ainda há uma divisão em fases do estudo de caso, esta divisão é proposta por Nisbet e Watt e de acordo com Duarte (2006) é dividido em três fases: 1) a fase exploratória (momento em que o pesquisador entra em contato com a situação a ser investigada pra definir o caso); 2) a fase de coleta dos dados e 3) fase de análise sistemática dos dados (DUARTE, 2006, p. 225). Dessa forma, propomos a combinação de técnicas de investigação para nosso estudo de caso, combinando pesquisa documental, pesquisa bibliográfica e a pesquisa empírica, sendo considerados dois momentos complementares, o exploratório e o aprofundado.

3.2.1. A construção das técnicas de pesquisa

Como explicamos, as técnicas de pesquisa para coletarmos os dados seguem a perspectiva da observação online e offline, que se fundamenta, portanto em uma abordagem qualitativa que prioriza a observação prolongada e a interpretação dos fenômenos a partir da perspectiva de seus atores.

Como procedimentos, adotamos a observação exploratória, a observação sistemática e entrevistas semi-estruturadas. Consideramos que o ato de observar envolve não o simples olhar, mas o destaque de um conjunto. Triviños (1987 p. 153) considera que a observação de um fenômeno significa que “determinado evento social, simples ou complexo, tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua dimensão singular, seja estudado em seus atos, atividades, significados e relações”.

Consideramos que, ao aliarmos nossas observações no ambiente online e entrevistas com os sujeitos, teremos uma compreensão mais abrangente do fenômeno e da relação das apropriações da tecnologia com a mobilização social. Assim, consideramos que as nossas observações no ambiente online, onde as manifestações foram organizadas, aliando às entrevistas aprofundadas presenciais com os sujeitos nos auxiliará na interpretação das características das mobilizações.

Dessa forma, elencamos inicialmente a observação exploratória para a aproximação com o objeto. Segundo Becker (1997), é um tipo de observação direta e sem intermediação da realidade estudada a partir de anotações de campo. O autor afirma que, para a observação exploratória ser aplicada de forma correta, há a necessidade dos investigadores, estarem inclusos na situação estudada, possibilitando apreensão das informações que serão necessárias ao andamento da pesquisa.

No segundo momento, optamos pela observação sistemática, que, segundo Gil (2008) prevê que o pesquisador elabore um plano, estabelecendo o que deve ser observado, em que momentos, bem como a forma de registro e organização das informações (p. 104). Assim podemos elaborar o que observar no contexto em que o fenômeno se encontra.

A entrevista como técnica de coleta de dados é um procedimento orientado a partir dos nossos objetivos e tema de pesquisa. Nossa opção foi pela entrevista semi-estruturada, que, segundo Haguette (2001), pode ser definida “como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado” (2001, p. 86). Assim, foi construído um pré-roteiro de questões com a possibilidade de podermos explorar de forma mais ampla o assunto pretendido. Este

tipo de entrevista “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (DESLANDES, 2010, p.34).

Inicialmente, como aproximação com nosso tema de pesquisa buscamos com a pesquisa documental, fontes primárias para o nosso estudo. Segundo Lakatos e Marconi (1995), "a característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias". (p.182). Nessa etapa, selecionamos notícias publicadas nos quinze dias após o incêndio nos jornais Diário de Santa Maria, A Razão, Zero Hora, Folha de São Paulo e a leitura da conclusão do inquérito policial sobre o caso, os quais contribuíram para que contextualizássemos o ocorrido através das fontes.

Na pesquisa bibliográfica e teórica nos detivemos a uma varredura sobre o que já foi investigado e publicado sobre a temática estudada, em livros, monografias, teses, artigos e resenhas que trataram de redes sociais na internet, movimentos sociais em rede, sociedade em rede, interação entre sujeitos e tecnologias, cidadania e movimentos sociais. Dessa forma, construímos nosso estado da arte identificando as temáticas, metodologias recorrentes e os principais pesquisadores afins. Ainda a partir de nossa pesquisa bibliográfica elaboramos nosso referencial teórico.

Na pesquisa empírica, iniciamos com observações no ambiente online de forma exploratória a fim de identificar possíveis coletivos, movimentos ou sujeitos que se apropriaram das redes sociais digitais para as práticas cidadãs. Nessa etapa, observamos os coletivos com o objetivo de identificar sua periodicidade de ações e entender sua organização. Dessa forma, nosso objeto de estudo estava a se definir. No final de janeiro de 2013, no dia do incêndio na Boate *Kiss*, percebemos a importância que as informações e apropriações das redes sociais online tiveram na organização dos voluntários e também na circulação de informações pontuais sobre feridos, vítimas e desaparecidos. Decidimos que nosso objeto de estudo seriam as apropriações das ferramentas dos sites de redes sociais, em específico no *Facebook*, na organização das redes de mobilização.

Assim, optamos pela observação exploratória como técnica de coleta de dados. A primeira etapa da observação no *Facebook* foi realizada entre os dias 27 de janeiro e 10 de fevereiro de 2013. O objetivo foi conhecermos as interações sociais no ambiente e identificarmos movimentos que organizaram as caminhadas e protestos no caso da Boate *Kiss*. O intuito da observação foi a identificação de páginas, eventos e grupos que foram criados com o tema Boate *Kiss*.

Após a pesquisa exploratória, partimos para a pesquisa aprofundada, organizamos nossa coleta de dados a partir da observação sistemática do recorte selecionado e de entrevistas semi-estruturadas com os sujeitos participantes da mobilização.

3.3. A pesquisa exploratória

Nos dias que decorreram do acontecimento na Boate *Kiss*, 27 de janeiro até 10 de fevereiro, executamos uma observação exploratória no ambiente digital, ou seja, observamos as interações dos sujeitos nos eventos, páginas e grupos no *Facebook*, identificamos os compartilhamentos e as informações acerca do ocorrido.

Dessa forma, percebemos rico material para análise do nosso objeto de estudo, por representar uma efetiva apropriação dos sujeitos às causas e ações de mobilização social referentes ao acontecido. Com essa observação exploratória no *Facebook*, encontramos eventos, grupos, páginas e perfis criados a partir da tragédia com uma busca no *Facebook* com as seguintes palavras-chaves: boate *Kiss*; tragédia; santa maria; vítimas.

A partir da busca, encontramos 143 páginas, 12 eventos e 10 grupos. Destes, selecionamos todos os 12 eventos encontrados, 6 páginas (aquelas que possuíam número igual ou superior a 2 mil curtidas), e 5 grupos (com número igual ou superior a 700 participantes). Para que pudéssemos contemplar um número mais amplo de interações possibilitadas nos ambientes comunicacionais e encontrássemos maior diversidade de posicionamentos, a seleção das páginas e grupos foi baseada numa média do número de participantes. Elaboramos uma tabela para coleta de dados, considerando os seguintes elementos: **nome** (do evento, grupo ou página); **número de membros** (de cada evento, grupo e página); **tipo** (se o grupo é público ou fechado); **criação** (com a data de criação do grupo, página ou evento); **objetivo** (da criação daquele espaço); **propositor** (sujeito que criou espaço); **sentimentos** (principais sentimentos percebidos no processo de mobilização); e **ação** (que tipo de ação coletiva gerou). Como nos mostra o cabeçalho no quadro 1:

| Nome | Número de membros | Tipo | Criação | Objetivo | Propositor (es) | Ação |
|------|-------------------|------|---------|----------|-----------------|------|
|------|-------------------|------|---------|----------|-----------------|------|

Quadro 1 - Cabeçalho da tabela para coleta de dados da observação exploratória
Fonte: Da autora.

A partir da seleção, observamos os eventos, páginas e grupos para nos aproximarmos do nosso objeto a fim de verificar recorrências, interações entre os sujeitos e o processo de organização. Nessa etapa, nosso intuito foi identificar a problemática central de nossa pesquisa, bem como a seleção de nosso recorte para a análise em profundidade. Dessa forma, descrevemos breves considerações sobre nossas observações em cada item selecionado. Primeiramente, apresentaremos os itens selecionados (eventos, grupos e páginas) com descrição de cada um, finalizando com considerações acerca de nossas percepções dos usos e apropriações pelos usuários.

3.3.1. Eventos Observados

Um evento criado no *Facebook* tem o intuito de ser um convite para um acontecimento, como festas, *shows*, manifestações, protestos, entre outros. Quando o usuário cria um evento no *Facebook*, ele marca detalhes do evento como nome, data, local horário e decide se ele irá ser restrito ou público. Assim, o evento criado pode ter uma abrangência pública, qualquer usuário pode ir, ou restrita, apenas para amigos. O usuário tem a opção de incluir imagens e convidar seus amigos para o evento.

No caso, os eventos que organizaram os protestos da Boate *Kiss* foram públicos, ou seja, qualquer usuário do *Facebook* tinha acesso ao conteúdo do evento e a decisão de participar ou não do protesto ficava a critério de cada usuário. Nossa observação exploratória contemplou os seguintes eventos:

| Nome | Objetivo | Ação efetiva |
|--------------------------------------|--|--|
| 1)Caminhada do Luto ²⁴ | Homenagear as vítimas da tragédia com uma caminhada. | Caminhada da Paz, com a participação de cerca de 30 mil pessoas. |
| 2)Caminhada da Paz ²⁵ | Homenagear as vítimas do incêndio em forma de uma caminhada. | Caminhada da Paz, com a participação de cerca de 30 mil pessoas. (mesma caminhada do Luto) |
| 3)Protesto por Justiça ²⁶ | Manifestação por justiça. | O Protesto reuniu cerca de 700 pessoas, que ao longo do trajeto foram dispersando. |
| 4)Recepção alunos UFSM ²⁷ | Homenagem aos | Caminhada da entrada da |

²⁴<https://www.facebook.com/events/117976728379617/?ref=2>

²⁵<https://www.facebook.com/events/492350674139988/>

²⁶<https://www.facebook.com/events/278941605566018/>

²⁷<https://www.facebook.com/events/498389760202652/>

| | | |
|---|---|---|
| | estudantes da Universidade Federal de Santa Maria vítimas e sobreviventes no incêndio. | UFSM até o planetário. |
| 5) Reunião na Concha Acústica Itaimbé ²⁸ | Reunir pessoas interessadas em seguir com as manifestações com a temática Boate <i>Kiss</i> . | O evento não se concretizou. |
| 6) Caminhada 7º dia ²⁹ | Evento criado para organização de uma caminhada. | A ação ocorreu após a missa de 7º dia realizada na Igreja Medianeira. |
| 7) Homenagem Allana/Emerson ³⁰ | Intuito de homenagear dois estudantes da Comunicação Social – UFSM. | Na homenagem foi realizada a gravação de um vídeo. |
| 8) Não vou ao carnaval Avajaces ³¹ | A mobilização consistia em organizar um protesto no ambiente digital para pressionar o cancelamento dos bailes de carnaval. | A mobilização resultou no cancelamento de todos os bailes de carnaval programados na região central do Rio Grande do Sul. |
| 9) Cancelamento Evento – Ajuda Gurias Pedroso Lucas | A mobilização se organizou apenas no ambiente digital com o intuito de arrecadar dinheiro. | O dinheiro arrecadado foi destinado à família Pedroso Lucas. |
| 10) Esperança in Concert ³² | Organizando uma homenagem musical para às vítimas | Não ocorreu |
| 11) Pelo monumento em Homenagem as vítimas da tragédia ³³ | Apenas no ambiente digital para exigir a construção de um memorial. | Coleta de assinaturas no ambiente digital. |
| 12) Doações de Sangue para as vítimas ainda hospitalizadas de Santa Maria ³⁴ | Intuito de mobilizar as pessoas para doação de sangue no hemocentro em Porto Alegre. | Mobilização para as doações foi atendida. |

Quadro 2 - Resumo dos eventos com os objetivos e as ações efetivadas

Fonte: Da autora.

A partir da observação inicial, percebemos que dos doze eventos analisados, sete eventos construíram ações offline (eventos números 1; 2; 3; 4; 6; 7 e 12), três deles foram ações apenas no ambiente online (8; 9 e 11) e dois eventos não ocorreram (5 e 10).

Os eventos foram criados para homenagear as vítimas, e ainda para promover

²⁸ <https://www.facebook.com/events/501554969886748/>

²⁹ <https://www.facebook.com/events/205338869605872/>

³⁰ <https://www.facebook.com/events/281652331964533/>

³¹ <https://www.facebook.com/events/525293210844780/>

³² <https://www.facebook.com/events/473087769395402/?ref=2>

³³ <https://www.facebook.com/events/473087769395402/>

³⁴ <https://www.facebook.com/events/404390092983995/>

protestos por justiça. Os eventos Caminhada da Paz e do Luto (1 e 2) organizaram uma caminhada em homenagem às vítimas, com a participação de cerca de 30 mil pessoas na cidade. No espaço de organização da mobilização percebemos que o sentimento predominante foi o de solidariedade com as famílias, vítimas e com a cidade. O evento “Protesto por Justiça” (2) organizou uma manifestação contra a impunidade, predominando o sentimento de indignação com o processo de investigação.

Percebemos nos espaços de mobilização a construção coletiva das ações. Inicialmente um usuário tomou a iniciativa da ação e quando outros usuários aderiram ao evento já acrescentaram palpites e ideias. Assim, não identificamos uma pessoa que centralizou a organização, mas sim diferentes sujeitos que participaram. Essa característica pode ser identificada nas mobilizações baseadas a partir das estruturas em redes.

Nas postagens, identificamos sentimentos de pertença à comunidade santa-mariense. Esse pertencimento traz a preocupação em ajudar de alguma forma. Além disso, percebemos postagens alertando para que a sociedade acompanhasse as investigações e clamasse por justiça. Esses elementos podem nos dar pistas para entendermos as identidades construídas nessas mobilizações, o ser santa-mariense é fator em comum nas mobilizações e um dos motivadores para a ação.

Os sujeitos que não poderiam estar presentes em algumas das manifestações se mostraram presentes no ambiente online com mensagens de apoio ao movimento, acrescentaram ideias para próximas manifestações e sugestões nas ações a serem efetuadas, reconhecendo-se como pertencentes àquela mobilização. Percebe-se que a hibridização do espaço online e offline, pois mesmo sem poder comparecer à ação, os sujeitos participaram do processo de mobilização e organização.

Ainda identificamos a construção coletiva das manifestações, com os sujeitos se posicionando a partir de iniciativas a fim de acrescentar elementos nas ações coletivas. Dessa forma, podemos caracterizá-los como um espaço digital onde as pessoas construíram de forma coletiva as mobilizações e manifestações solidárias, uniram-se para acompanhar e exigir explicações para com o Poder Público acerca do caso e clamaram por justiça às vítimas do incêndio.

3.3.2. Grupos Observados

Apresentamos os dados coletados dos grupos, detalhando cinco grupos selecionados através do número de membros maior ou igual a 700 pessoas. Os grupos oferecem um espaço para que as pessoas se comuniquem sobre interesses em comum. A privacidade dos grupos se caracteriza por serem abertos, secretos ou fechados, nestes, as publicações ficam visíveis somente para os membros dos grupos. Assim, através de nossa busca por grupos do *Facebook* só tivemos acesso àqueles grupos públicos, indicados no quadro 3.

| Nome | Objetivo | Ação efetiva |
|--|---|---|
| 1) Luto Tragédia da Boate <i>Kiss</i> ³⁵ | O grupo foi criado no dia 27 de janeiro de 2013 com o intuito de organizar corrente de orações às vítimas e desabafos sobre ocorrido. | O proponente do grupo foi Noticiário Sanjoanense. Percebemos no grupo muitas mensagens de desrespeito com o acontecido, mensagens postadas por alguns membros do grupo. |
| 2) Voluntários – SM ³⁶ | Com o intuito de organizar o trabalho dos voluntários. | O grupo, no momento da coleta de dados, continuava com atualizações ativas e abarcando outros tipos de necessidades como doações voluntárias de sangue, ajuda em desastres naturais e outras necessidades. Eventualmente postada por algum membro do grupo. |
| 3) Homenagem às vítimas da tragédia ³⁷ | O intuito do grupo foi organizar uma caminhada em homenagem às vítimas do incêndio em Santa Maria, na cidade de São Borja –RS. | Mobilizou uma caminhada na cidade de São Borja - RS. Por volta de 6 mil pessoas participaram da ação. |
| 4) Doações para a tragédia <i>Kiss</i> em SM ³⁸ | O intuito do grupo foi de arrecadar donativos na região da cidade de Frederico Westphalen – RS. As postagens informavam os pontos de | Os donativos foram destinados às famílias. |

³⁵ <https://www.facebook.com/groups/101014840079666/?fref=ts>

³⁶ <https://www.facebook.com/groups/333440580094460/?fref=ts>

³⁷ <https://www.facebook.com/groups/430794050328077/?fref=ts>

³⁸ <https://www.facebook.com/groups/399024173524984/?fref=ts>

| | | |
|---|--|---|
| | recolhimento das doações, assim como o transporte para Santa Maria. | |
| 5) Grupo de Apoio à tragédia em Santa Maria ³⁹ | Com o intuito de organizar informações sobre a necessidade de doações para os voluntários e as famílias, ainda informações sobre listas dos sobreviventes e desaparecidos. | O grupo não seguiu o propósito, foram observadas mensagens solidárias ao incêndio e não propriamente informações sobre. |

Quadro 3 - Resumo dos grupos com os objetivos e as ações efetivadas

Fonte: Da autora.

Percebemos que dois grupos (números 1 e 5) priorizaram mensagens de apoio, homenagens e desabafos sobre a tragédia. Um grupo (de número 4) arrecadou donativos e outro organizou uma caminhada (3). O grupo dos Voluntários centralizou informações para as pessoas interessadas no trabalho voluntário na tragédia (2). De forma geral, identificamos postagens de desabafo e compartilhamento de sentimentos de esperança, em grande parte com poesias e textos de auto-ajuda. Não há muitas discussões referentes à culpabilidade do ocorrido. Percebemos que o espaço serviu como um mural para dividir sentimentos e organizar um espaço de oração e reflexão.

Observamos três grupos que geraram mobilizações: “Homenagem às vítimas da tragédia”, organizou a caminhada em homenagem às vítimas em São Borja – RS, e “Doações para a tragédia Kiss SM”, organizou doações em Frederico Westphalen – RS, e o grupo dos Voluntários-SM, organizou o trabalho voluntário:

O uso do espaço online e a comunicação na rede social online permitiram que o grupo dos voluntários organizassem as escalas de horários, bem como número de pessoas em cada hospital, até que todas as vítimas saíssem dos hospitais. O espaço combinou a mobilização a partir do online e no offline, ao ocupar o espaço urbano com tendas montadas nos hospitais e no Centro Desportivo Municipal, onde ocorriam os velórios e o reconhecimento dos corpos. Percebemos que o espaço criado para os grupos, centraram na homenagem e publicação de pensamentos sobre a tragédia e nos grupos destinados a uma ação coletiva, houve dificuldade em organizar as mobilizações, pois não elegeram uma data específica para a ação.

³⁹<https://www.facebook.com/groups/507595869291912/?fref=ts>

3.3.3. Páginas Observadas

Foram selecionadas páginas com mais de 2 mil curtidas, totalizando seis páginas. Elas permitem que organizações, empresas, celebridades e marcas reais se comuniquem amplamente com pessoas que as seguem. As páginas podem ser criadas e gerenciadas somente pelos usuários. A privacidade das informações e publicações é pública, ficando disponíveis para qualquer pessoa usuária do *Facebook*. No quadro abaixo, indicamos os principais objetivos de cada página observada.

| Nome | Objetivo |
|---|---|
| 1) Vergonha Boate <i>Kiss</i> ⁴⁰ | A página reúne mensagens em homenagem às vítimas e fotos sobre o ocorrido. Sua imagem de abertura é uma foto com a frase “aqui você morre queimado, mas não sai sem pagar”, indica que a página tem um caráter apelativo e não reúne informações sobre a tragédia apenas mensagens e fotos. |
| 2) Luto Tragédia da Boate <i>Kiss</i> ⁴¹ | Como postagens a página possui fotos sobre o ocorrido, cartazes de campanhas e informações sobre o andamento do inquérito policial. |
| 3) Abaixo Assinado – Boate <i>Kiss</i> ⁴² | Em sua descrição a página traz “curtam a página em favor das vítimas da Boate <i>Kiss</i> e contra a impunidade”. |
| 4) Memorial às vítimas da tragédia em Santa Maria ⁴³ | As postagens são centradas em realizar homenagens às vítimas. Com textos e imagens enviados por amigos e familiares das vítimas, tornando um mural de lembranças, um memorial digital. |
| 5) Informações da Tragédia da Boate <i>Kiss</i> ⁴⁴ | Como postagem inicial indica que foi criada para concentrar as notícias sobre a tragédia. A página reuniu informações pontuais como listas de feridos e hospitalizados, locais de coletas de doação de sangue. Ainda apontou a necessidade de profissionais da saúde no atendimento às famílias, postagens sobre a organização das mobilizações como a Caminhada da Paz/Luto, divulgação do atendimento psicológico aos necessitados. Foi a página com maior número de curtidas, foi criada logo após o incêndio e conseguiu reunir informações pontuais. |

⁴⁰<https://www.facebook.com/VergonhaBoateKiss?fref=ts>

⁴¹<https://www.facebook.com/SerDivertindoComChiquititas2013?fref=ts>

⁴²<https://www.facebook.com/AbaixoAssinadoKiss?fref=ts>

⁴³<https://www.facebook.com/pages/Memorial-%C3%A0s-V%C3%ADtimas-da-Trag%C3%A9dia-em-Santa-Maria-RS/491967614177999?fref=ts>

⁴⁴<https://www.facebook.com/informacoestragediaboatekiss?fref=ts>

| | |
|---|---|
| 6) Informação da Tragédia da Boate Kiss ⁴⁵ | Reúne apenas mensagens de apoio às vítimas. |
|---|---|

Quadro 4 - Resumo dos objetivos das páginas criadas com a temática.
Fonte: Da autora.

Percebemos que as páginas foram um espaço centralizador das informações sobre a tragédia. A página com a maior quantidade de curtidas “Informações da Tragédia da Boate Kiss”, com cerca de 50 mil curtidas, conseguiu reunir informações pontuais e atualizadas sobre o ocorrido, como necessidade de doações de sangue, doação de mantimentos e necessidade de voluntários da área da saúde, configurando-se como importante espaço informativo. As páginas não foram espaço gerador de ações coletivas, mas contribuíram para as mobilizações através das informações postadas. Como exemplo na figura 5, há o clamor para que se cobrem leis mais severas para vistoriais.

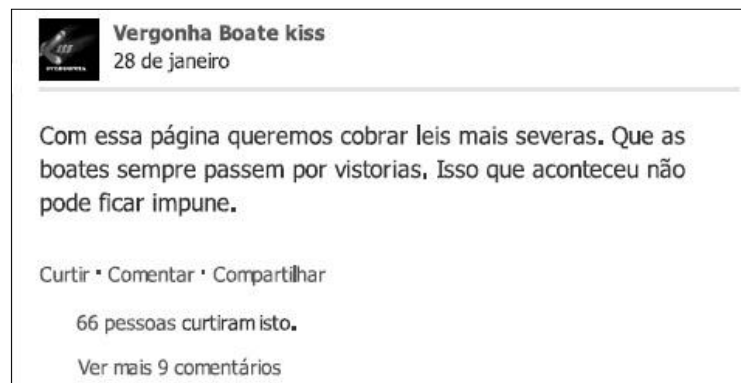


Figura 5 - Postagem indicando o intuito da página.

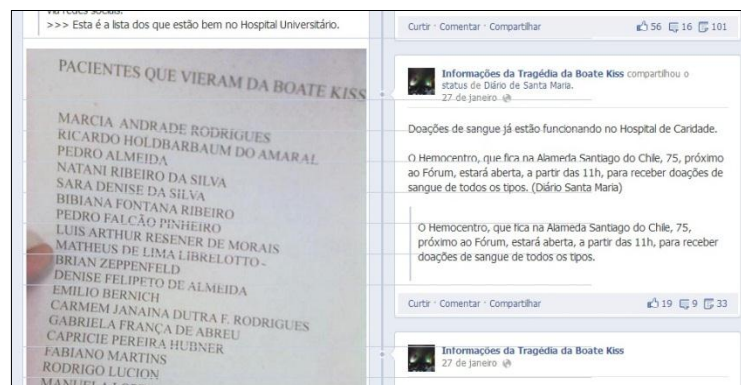


Figura 6 - Postagem da página “Informações da Tragédia da Boate Kiss”.

⁴⁵ <https://www.facebook.com/pages/Informa%C3%A7%C3%B5es-da-Trag%C3%A9dia-da-Boate-Kiss/335346029914304?fref=ts>

3.3.4. Considerações gerais sobre a pesquisa exploratória

Percebemos, a partir de nossa observação exploratória, que as discussões são mais fundamentadas nos eventos, espaço em que a participação e conteúdo gerado pelos usuários contribuíram para a construção coletiva das ações a partir do ambiente digital ali criado e mantido. O intuito dos eventos era mobilizar para ações ou para as doações. A partir dos eventos se efetivaram ações coletivas no espaço público da cidade de Santa Maria e outras cidades do Estado com grande abrangência e rápida organização. Com a observação, percebemos que os eventos foram os que conseguiram mobilizar grande número de pessoas, por isso nos detivemos a três eventos: Caminhada da Paz, Caminhada do Luto e Protesto por Justiça, em nossa pesquisa em profundidade.

Os grupos construíram um espaço de oração e compartilhamento de dor e, ainda, mobilizações de doações e homenagens em outras cidades. As páginas seguiram a linha informativa, com mensagens pontuais sobre o ocorrido, postagens de fotos das vítimas, lista de óbitos e dos desaparecidos, locais para doações dos doativos e necessidade de doação de sangue, bem como os locais para as doações.

A mobilização gerada em consequência do incêndio ocorreu de diversas formas, tais como, a ajuda no resgate, na identificação dos corpos, no auxílio psicológico às famílias, fornecimento de água e comida aos voluntários e parentes das vítimas que estavam no processo de identificação dos corpos. Na rede social online *Facebook*, as mensagens de usuários centraram em informações sobre a necessidade de voluntários nos locais, doações de sangue, circulação de fotos de desaparecidos, listas de feridos e listas de óbitos. Eram divulgadas informações sobre investigações, organização dos voluntários e mensagens de solidariedade e orações, organização de caminhadas em homenagem às vítimas e protestos por justiça.

Em suma, a observação preliminar percebeu que as apropriações das redes sociais online, em especial do *Facebook*, foram utilizadas para diversos fins. Protagonizaram a organização nas mobilizações para o auxílio às famílias e mensagens de apoio ao luto e utilização das ferramentas digitais na coleta de dados pela polícia. Percebemos a hibridização dos espaços online e offline ao mobilizar ações a partir do online e ocupar o espaço urbano através das ações organizadas. Outras ações ocorreram a partir das mobilizações apenas no espaço online como o cancelamento do carnaval, assinatura para abaixo-assinados e campanha para doação de sangue.

Estas mobilizações sociais iniciais organizaram as famílias e amigos para algo maior. A partir destas, foram criadas associações, movimentos organizados cobrando justiça, para vigílias e acompanhamento dos indiciamentos dos acusados e da CPI instaurada na Câmara de Vereadores de Santa Maria⁴⁶. Nos meses de abril, maio e junho de 2013, percebemos que a Associação de Familiares de Vítimas e Sobreviventes (AVTSM) e o Movimento do Luto à Luta⁴⁷ vêm se articulando em rede, com outros movimentos sociais a fim de conseguir parcerias nas ações organizadas. Percebemos que, em uma aproximação com os protestos organizados no Brasil no mês de junho de 2013, originados em torno da luta contra o aumento da passagem, estes movimentos organizados a partir da tragédia também estiveram presentes nos protestos em Santa Maria –RS, com faixas, camisetas e cartazes com pedido justiça.

Na pesquisa em profundidade nos detivemos nos três eventos do *Facebook*, a Caminhada do Luto e a Caminhada da Paz, que deram origem a Caminhada da Luto/Paz, e o evento Protesto por Justiça, que deu origem ao Protesto por Justiça. No primeiro momento, retomamos os dados dos eventos no *Facebook*, com a observação sistemática, para o estudo das interações entre os sujeitos de modo a identificar sentimentos de mobilização gerados nos debates e construir um panorama do conteúdo postado, de modo a identificar: o que é mais postado, frequência das postagens, como os propositores se posicionaram na mobilização. Ainda identificamos os elementos definidos como opositores dos movimentos e, por fim, a partir de todos os elementos analisados, buscamos perceber que identidades coletivas foram criadas a partir da mobilização. Após essa análise, realizamos entrevistas em profundidade com os sujeitos propositores de cada protesto e quatro sujeitos participantes da manifestação.

⁴⁶A ocupação da Câmara de Vereadores de Santa Maria- RS foi uma ação organizada pelos movimentos sociais e associações organizadas em torno da temática Boate Kiss em conjunto com o movimento estudantil de Santa Maria. Cerca de 300 pessoas participaram dos seis dias de ocupação da Câmara. As pautas exigidas pelos movimentos eram: a anulação da CPI instaurada na Câmara de Vereadores para investigação do executivo municipal no Caso da Boate Kiss e a saída do procurador da Câmara. Essas exigências e a ação aconteceram após o vazamento de áudio da presidente da CPI, Maria de Lourdes, o vice-presidente, Tavares Fernandes, e um assessor, que avaliavam a possibilidade do pedido de indiciamento do secretário de Relações de Governo e Comunicação de Santa Maria, Giovani Mânica, e do prefeito Cezar Schirmer. O procurador da Câmara Robson Zinn, articulava para que a investigação não atingisse o Executivo Municipal. Após negociações, foi assinado termo de compromisso do presidente da Câmara de Vereadores, Marcelo Bisogno (PDT) em afastar o procurador jurídico da casa em até 30 dias. No dia 31 de julho de 2013 foi indicado o novo procurador da câmara Vitor Hugo do Amaral Ferreira, em janeiro de 2014 a mesa diretora da Câmara foi modificada e foi nomeado Glauber Rios como novo procurador da casa. (fonte: Agência Brasil - <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-07-01/apos-seis-dias-ocupacao-da-camara-de-veredores-de-santa-maria-chega-ao-fim>).

⁴⁷ A AVTSM (Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria) surgiu no dia 23 de fevereiro de 2013. Os principais objetivos da AVTSM é trabalhar pela recuperação psicológica de todos; lutar pela defesa dos direitos e interesses dos familiares das vítimas e os sobreviventes e exigir a apuração, em todas as esferas, das causas que levaram à tragédia na Boate Kiss. (fonte: <http://avtsm.org/a-avtsm/>)
O Movimento do Luto à luta foi criado 27 de fevereiro, por familiares e amigos de vítimas da tragédia. O objetivo é a busca pela justiça, atuando através da ação e mobilização popular. (fonte: <https://www.facebook.com/MovimentoSmDoLutoALuta?fref=ts>)

3.4 Pesquisa em profundidade

Na pesquisa aprofundada nos detivemos em três eventos do *Facebook*, a Caminhada do Luto e a Caminhada da Paz, que deram origem a Caminhada da Luto/Paz, e o evento Protesto por Justiça, que deu origem ao Protesto por Justiça. Consideramos os elementos para análise, as identidades coletivas construídas, o papel dos sentimentos no vínculo às mobilizações e os adversários, com o princípio de oposição. Como coleta dos dados das postagens, no ambiente online, utilizamos a identificação do conteúdo nos eventos. Com isso, chegamos às nossas categorias de sistematização dos dados em forma de tabela. Já num segundo momento partimos para o contato com os sujeitos como possíveis entrevistados, por fim realizamos as entrevistas semi-estruturadas.

Ao retomarmos os dados dos eventos no *Facebook*, com a identificação dos principais conteúdos nos eventos, nosso objetivo foi compreender as interações entre os sujeitos de modo a identificar: que temas foram postados, o que foi mais postado, a frequência das postagens e como os propositores se posicionaram na mobilização. Ainda, perceber os sentimentos construídos, as definições dos opositores das mobilizações e, por fim, a partir de todos os elementos analisados, perceber que identidades coletivas foram criadas.

Para isso, no primeiro item, organizamos informações sobre o Protesto de Justiça e a Caminhada da Paz/Luto baseadas em postagens dos organizadores, documentos publicados no evento, observações, bem como, nas falas dos entrevistados. Assim, apresentamos o contexto das duas mobilizações (Caminhada da Paz/Luto e Protesto por Justiça) com dados gerais: data da criação, quem criou, qual local marcado.

A caracterização analítica do evento foi baseada em nossa observação sistemática dos eventos no *Facebook*, a partir da tabela elaborada para a coleta de dados (apresentada a seguir). Ao total, foram analisadas 75 de 275 postagens do evento “Protesto por Justiça”, 1703 da “Caminha da Paz” e da “Caminhada do Luto” e 129 constam em nossa análise. Encontramos nos eventos inúmeras postagens de confirmação de participação no evento, essas foram excluídas e consideramos para a análise aquelas que continham o posicionamento do participante. As postagens abrangem o antes, o durante e o depois das manifestações. O critério de escolha das postagens foram: não ser postagens de links sem o posicionamento do sujeito e não ser confirmação de participação do evento.

| Postagem | Tema | Conteúdo | Momento da postagem | Tipo de mídia | Oposição | Sentimentos | Adversários |
|----------|------|----------|---------------------|---------------|----------|-------------|-------------|
|----------|------|----------|---------------------|---------------|----------|-------------|-------------|

Quadro 5 - Cabeçalho da tabela de coleta de dados para análise das postagens dos eventos.
Fonte: Da autora.

Chegamos nas categorias após a identificação dos principais conteúdos das postagens. As tabelas foram elaboradas uma para cada evento, as postagens foram organizadas em oito itens:

- 1) **número da postagem:** o número da postagem correspondente a uma postagem analisada no evento.
- 2) **tema:** agrupados em cinco eixos:
 - a) Postagens de **apoio a outros eventos**, quando o sujeito postava no grupo links para abaixo-assinados e de outros protestos que estavam marcados.
 - b) **Opinativos** apresentam contribuição à mobilização como ideia de trajeto, horário ou frases para a confecção de cartazes.
 - c) As postagens de **apoio** indicavam relatos vinculados alguma experiência pessoal com a tragédia.
 - d) **Postagens da mídia** indicam mensagens com links ou comentários sobre alguma matéria dos veículos de comunicação que abordava o tema *Boate Kiss*.
 - e) **Palavras de ordem** indicam uma convocação e direcionamento do protesto, muitas vezes postadas pelos autodenominados organizadores da mobilização.
- 3) **Conteúdo:** sobre que assunto específico tratava a postagem.
- 4) **momento da postagem:** se antes, durante ou depois da ação.
- 5) **tipo de mídia:** o formato que o conteúdo foi postado se em vídeo, foto, texto ou hiperlink.
- 6) **oposição:** quem a postagem indicava como principal opositor.
- 7) **sentimento:** o sentimento que prevaleceu na mensagem (ira, esperança, indignação ou solidariedade).
- 8) **identidade:** o que de comum foi percebido nas mensagens e que pudéssemos indicar os vínculos criados.

Partimos para as entrevistas, já nesse momento nos detivemos nas experiências dos sujeitos nas mobilizações, quais usos fazem da internet e do *Facebook*, percebemos estes usos também como uma constituição identitária dos sujeitos. Abordamos como são as apropriações

da tecnologia para mobilização e o papel articulador das redes sociais online nas trajetórias dos sujeitos entrevistados. Com as entrevistas, refletimos a participação do sujeito nas mobilizações da *Kiss* e os sentidos construídos para identidades coletivas a partir das mobilizações.

Para a seleção dos entrevistados, voltamos aos eventos no *Facebook* a fim de contatar o propositor do Protesto por Justiça e dois participantes do mesmo evento; o propositor da Caminhada da Paz e o propositor da Caminhada do Luto, ainda dois participantes da Caminhada. Nosso critério de escolha dos participantes dos dois eventos foi de que encontrássemos pelo menos algum posicionamento do escolhido nos eventos. Entramos em contato com os sujeitos através do *Facebook*, com solicitação de amizade e uma mensagem convite, explicando os propósitos da pesquisa. Foram inúmeras abordagens e também recusas.

Nos eventos Caminhada da Paz e do Luto, os propositores aceitaram na primeira tentativa, com os participantes o processo de seleção foi complicado. Foram inúmeros convites, muitos deles com recusa e outros sem resposta. Os que respondiam negativamente justificavam que não se sentiam à vontade em conversar sobre o assunto, relataram que não queriam voltar a lembrar do ocorrido. Apesar da dificuldade, conseguimos entrevistar os dois propositores e dois participantes.

No Protesto por Justiça as pessoas abordadas aceitaram prontamente. A abordagem seguiu a mesma sistemática, através de solicitações de amizade, foram entrevistados presencialmente o propositor do evento e dois participantes.

Ao total, foram realizadas sete entrevistas nos meses de outubro e novembro de 2013, os locais e horários de encontro foram combinados conforme a solicitação de cada entrevistado. Ocorreram em locais públicos como cafeterias e na própria universidade. A duração de cada entrevista foi entre 1 hora a 1 hora e 30 minutos com os propositores e de 30 minutos a 50 minutos com os participantes.

O roteiro das entrevistas (apêndice A) constou com cinco eixos temáticos em primeiro solicitava os dados de identificação, os principais usos da internet e do *Facebook* no dia-a-dia, histórico de participação em movimentos sociais. Ainda, foram contemplados questionamentos sobre as motivações ao organizar o protesto e participar do mesmo. No final das entrevistas, solicitamos uma avaliação por parte dos entrevistados na participação na mobilização social.

Após a apresentação analítica dos eventos, elaboramos o perfil de cada informante a partir das entrevistas e ao acompanhar o perfil do *Facebook* de cada entrevistado. Cada

informante assinou o termo de consentimento (apêndice B) para o uso das informações na pesquisa e por isso as identidades foram preservadas.

Na Caminhada da Paz, concederam entrevistas: o organizador e uma participante, na Caminhada do Luto, o organizador e participante. Já no Protesto por Justiça o organizador e dois participantes. Os perfis foram explorados na análise:

| Evento | Tipo | Idade | Escolaridade | Profissão | Cidade origem | Cidade onde vive |
|----------------------|--------------|-------|----------------------------|------------------------|---------------------|------------------|
| Caminhada da Paz | Organizador | 21 | Sup. Incompleto | Estudante | Sapiranga (RS) | Santa Maria (RS) |
| Caminhada da Paz | Participante | 24 | Pós-Graduação em andamento | Estudante e empresário | Santa Maria (RS) | Santa Maria (RS) |
| Caminhada do Luto | Organizador | 23 | Sup. Incompleto | Estudante | Jóia (RS) | Santa Maria (RS) |
| Caminhada do Luto | Participante | 24 | Sup. Incompleto | Estudante | Rosário do Sul (RS) | Santa Maria (RS) |
| Protesto por Justiça | Organizador | 20 | Sup. Incompleto | Estudante | Santa Maria (RS) | Santa Maria (RS) |
| Protesto por Justiça | Participante | 63 | Superior | Aposentado | São Sepé (RS) | Santa Maria (RS) |
| Protesto por Justiça | Participante | 29 | Pós-Graduado | Funcionário Público | Jarí (RS) | Santa Maria (RS) |

Quadro 6 - Apresentação inicial dos entrevistados.

Fonte: Da autora.

Após a apresentação dos eventos e dos perfis dos entrevistados, reunimos três eixos de análises baseados em nossas observações, entrevistas e análises dos eventos no *Facebook*: (1) o papel dos sentimentos nas mobilizações sociais; (2) os adversários e o princípio de oposição e (3) as identidades coletivas construídas.

4. MOBILIZAÇÕES SOCIAIS NO *FACEBOOK*: CAMINHADA DA PAZ E PROTESTO POR JUSTIÇA

O objetivo do capítulo 4 é apresentar a análise das duas mobilizações sociais referentes à temática Boate *Kiss*. Apresentamos primeiro a Caminhada da Paz/Luto com os dados da manifestação, apresentação dos participantes e dos organizadores, análise do *Facebook* e a identificação das identidades coletivas e sentimentos. O Protesto por Justiça segue a mesma sequência da caminhada, porém no item das identidades coletivas, apresentamos os adversários da ação. A forma de apresentação dos eventos segue a sequência em que as mobilizações ocorreram, a Caminha da Paz/Luto, no dia 28 de janeiro de 2013, e o Protesto por Justiça, no dia 29 de janeiro.

4.1. Caminhada da Paz/Luto

Os eventos públicos organizados no *Facebook* “Caminhada do Luto” e “Caminhada da Paz” foram criados no mesmo dia, 27 de janeiro de 2013. A Caminhada da Paz foi criada às 12 horas e 47 minutos e a Caminhada do Luto, às 14 horas e 36 minutos. Os dois eventos tiveram propositores diferentes e foram instituídos poucas horas depois do acontecimento. A ação coletiva foi marcada para o dia seguinte, segunda-feira, dia 28, às 22 horas, no centro da cidade de Santa Maria.

A Caminhada da Paz teve um organizador, 47.099 convidados, 571 pessoas recusaram, 38.456 confirmaram, 679 talvez participassem. Já a Caminhada do Luto teve um organizador, 47.573 convidados, 749 pessoas recusaram, 10.844 confirmaram, 983 talvez participassem. Segundo notícia publicada no Diário de Santa Maria, dia 29 de janeiro de 2013, mais de 30 mil pessoas participaram da caminhada. A notícia referiu sobre a mobilização e identificou que a ação partiu das redes sociais online: “Depois do difícil adeus às vítimas da tragédia, a cidade se mobilizou pelas redes sociais para um culto ecumênico na Praça Saldanha Marinho e também para realizar caminhada” (Diário de Santa Maria, 29 de janeiro de 2013, p.3). Na descrição dos dois eventos já podemos identificar as motivações, o trajeto, os objetivos e indicações da caminhada:

CAMINHADA DA PAZ, SAÍDA AS 22:00 HORAS, SAINDO DA PRAÇA SALDANHA MARINHO, PASSANDO PELO BURACO DO BEHR SEGUINDO ACAMPAMENTO, DESCENDO A PRESIDENTE VARGAS ATÉ O CDM.. VAMOS TODOS DE BRANCO. LEVEM BALÕES, LANTERNAS, CELULARES, FAIXAS, CARTAZES, FLORES (SE ACHAREM). NÃO LEVEM VELAS, ELAS LEMBRAM FOGO E NÃO SERIA COERENTE UMA CAMINHADA COM FOGO PERANTE A SITUAÇÃO... VAMOS NOS UNIR E LEVAR UM POUCO DE PAZ E LUZ PARA NOSSOS FAMILIARES, AMIGOS E CONHECIDOS QUE ESTAVAM LA E NÃO CONSEGUIRAM ESCAPAR A TEMPO. VAMOS DEDICAR UM PEDACINHO DO NOSSO TEMPO DE VIDA PARA AQUELES QUE HOJE NÃO ESTÃO MAIS ENTRE NÓS!! TROQUEI O HORÁRIO EM HOMENAGEM PELO FATO TER SIDO A NOITE E TAMBÉM ASSIM TODOS PODERÃO PARTICIPAR EM FUNÇÃO DE QUE MUITOS TRABALHAM DE DIA.. OBRIGADO A TODOS!! (DESCRIÇÃO POSTADA NO EVENTO CAMINHADA DA PAZ).

Caminhada do luto para com as 233 vítimas da fatalidade na boate *Kiss*. A caminhada acontece as 22h, saindo da praça Saldanha Marinho, de camiseta BRANCA. Vamos até a boate *Kiss*, prestaremos nossas homenagens e depois seguiremos com a Caminhada da Paz ate o CDM. Balões e CELULARES ou LANTERNAS. NÃO LEVEM VELAS. Velas lembra fogo e não seria coerente uma caminhada com fogo perante esta situação(DESCRIÇÃO POSTADA NO EVENTO CAMINHADA DO LUTO).

Durante a organização nos eventos do *Facebook* foi definida a confecção dos cartazes para um pouco antes da manifestação, com mensagens de homenagens às vítimas, frases de apoio para os santa-marienses e às famílias que perderam parentes na tragédia. Os organizadores do evento publicaram o trajeto da caminhada, com a concentração na Praça Saldanha Marinho, região central da cidade, e homenagens em frente à *Kiss* e no Centro Desportivo Municipal, onde os corpos das vítimas foram velados.

Os propositores de cada caminhada, apesar de não se conhecerem, tiveram ideias semelhantes com diferença de poucas horas entre a criação de uma para a outra. Esse fato foi motivo de confusão entre os participantes que, ao longo da organização, questionavam qual seria a “verdadeira” caminhada e que horário e trajetos seriam corretos. Com posicionamentos dos participantes, o organizador da Caminhada do Luto e a organizadora da Caminhada da Paz resolveram unir esses dois eventos (figura 7).



Figura 7 - Cartaz elaborado pelos propositores unindo as duas caminhadas.

Durante a manifestação, o grupo caminhou de forma silenciosa, apenas com salvas de palmas. As pessoas seguravam os cartazes em homenagem aos voluntários, famílias e à cidade. Cartazes com mensagens de indignação com a fiscalização do poder público, já indicavam para o encaminhamento a novos protestos, ligados à busca por justiça. Naquele momento, o sentimento era de solidariedade: muitos dos participantes vestiam branco e seguravam balões brancos, um ato combinado no *Facebook*, como símbolo da paz.

No trajeto, o grupo seguiu para frente do local do incêndio, onde a Polícia Militar havia isolado a rua com cordões. Quando os participantes chegaram à Rua dos Andradas, o policiamento liberou a passagem para que os manifestantes pudessem colocar cartazes, velas e objetos como forma de homenagear as vítimas. Logo após, a caminhada seguiu pelas ruas principais de Santa Maria rumo ao Centro Desportivo Municipal, onde prestaram homenagens aos voluntários e as vítimas através de uma salva de palmas e de abraços distribuídos entre os participantes.



Figura 8 - Manifestantes tomaram conta das ruas da cidade.
Fonte: Retirado do evento Caminhada da Paz



Figura 9 - Os participantes realizaram homenagens no Centro Desportivo Municipal.
Fonte: Retirado do evento Caminhada da Paz

Com a manifestação os familiares tiveram oportunidade para se encontrarem e com apoio de outros participantes, se uniram com a caminhada para o início a novas manifestações e para criação de associações e movimentos sociais. Já ao final da caminhada foi postada no evento Caminhada da Paz, (figura 11), a necessidade de novas mobilizações com carácter de exigir as punições para com os responsáveis.



Figura 10 - Cartazes já indicando os primeiros sentimentos de indignação para com o poder público.
Fonte: Retirado do evento Caminhada da Paz



Figura 11 - Cartazes já indicando os primeiros sentimentos de indignação para com o poder público.

4.1.1. Participantes da Caminhada Paz/Luto

Entrevistamos os propositores dos eventos Caminhada do Luto e Caminhada da Paz e dois participantes, um ativo e outro que não interagiu nos eventos analisados.

4.1.1.1. Entrevista com a organizadora da Caminhada da Paz

Idade: 21 anos.

Ocupação: bailarina e estudante do curso de Administração na Faculdade Integrada de Santa Maria- FISMA.

Cidade de nascimento: Sapiranga – RS.

Cidade que vive atualmente: Santa Maria – RS.

Renda mensal familiar: 2 a 3 salários mínimos.

Quadro 7 - Apresentação dados de identificação da organizadora da Caminhada da Paz.

Fonte: Da autora.

A organizadora costumava frequentar a Boate *Kiss*. No dia do acontecimento iria à boate comemorar o aniversário de uma amiga. De última hora foi chamada por amigos para outra festa e acabou não indo à *Kiss*. Por costumar ir à boate todos os finais de semana, a propositora tinha conhecidos e amigos envolvidos na tragédia. Ao ficar sabendo da perda de dois de seus amigos motivou-se a ajudar de alguma forma as pessoas envolvidas.

Eu fiquei muito apavorada porque tinha muita gente conhecida lá dentro. Aquele dia de manhã ainda fiz contatos com meus amigos, postei no *Facebook* dizendo que estava bem e tudo mais. Aí fui lá no centro vê se não precisavam de voluntários, e de alguma coisa assim. Se tinha alguém conhecido, de algum parente, porque nesses lugares de repente acha que não tem e tu conhece um monte. Voltei para casa...sabe aquele necessidade de ajudar alguém e tu não ter o que fazer e não ter como fazer (Propositora da Caminhada da Paz, entrevista realizada 03 de outubro de 2013).

O acesso à internet é através do celular e do computador. Costuma consultar diariamente em casa e na universidade, seus principais usos são para o lazer com o *Facebook*. Utiliza-o para manter contatos com os amigos e acessar grupos relacionados à música, moda e dança de rua. Possui perfil em outros sites de redes sociais, como *Twitter*⁴⁸ e *Instagram*⁴⁹.

Na busca por informações não costuma confiar no *Facebook* e sempre procura notícias em sites informativos e portais, como nos confirma em entrevista. Também, utiliza a internet como ferramenta profissional através dos contatos por e-mail, pesquisas para a faculdade e estudo.

⁴⁸ www.twitter.com

⁴⁹ <http://instagram.com/>

Eu acho o *Facebook* muito manipulado. Um posta uma foto ali e o cara vai compartilhando e vira verdade...informação é mais em site mesmo. Site de jornal mesmo (Propositora da Caminhada da Paz, entrevista realizada 03 de outubro de 2013).

Como atuação social, nunca participou de organizações, partidos políticos ou movimentos sociais. Sua participação é através de projetos em instituições sociais na cidade vinculados à faculdade e por meio de seus posicionamentos no *Facebook*. No espaço online costuma compartilhar e criar conteúdos ligados à defesa das lutas contra a violência da mulher e informações dos movimentos sociais ligados a questões homoafetivas.

Postei um texto sobre a cura gay, no caso para o amor não tem cura, se não tem cura para o amor de mãe, de irmão, o amor de um casal também não tem cura de homem e mulher (Propositora da Caminhada da Paz, entrevista realizada 03 de outubro de 2013).

A motivação para a criação do evento veio da necessidade de ser solidária, num momento de dor para toda a cidade, ajudar as pessoas que estavam sofrendo para que tivessem um acalento e pudessem expressar a dor que estavam passando.

Foi algo bem espontâneo não foi algo para aparecer. Foi só pela necessidade de ajudar. Não foi para a mim a caminhada, para dizer eu fiz a caminhada. Foi para as pessoas poderem desabafar dizer o que elas estavam sentindo e de repente elas não tinham para quem dizer. Foi um sentimento único de várias pessoas (Propositora da Caminhada da Paz, entrevista realizada 03 de outubro de 2013).

Foi o primeiro evento que criou nas redes com a proposta inicial de unir os familiares, amigos e pessoas que estavam sensibilizadas com a causa e, ainda, prestar homenagens para os voluntários e para que as pessoas pudessem expor seus sentimentos relacionados à tragédia. Escolheu o *Facebook* para organizar a mobilização, pois acredita ser a rede social online mais popular e acessada atualmente, além de agregar diversas ferramentas de outras redes sociais.

No *Facebook* tu compartilha o que tu postou nas outras redes sociais. E tudo o que tu fizer nas outras redes sociais está no *Facebook*. É a rede social mais popular e mais acessada (Propositora da Caminhada da Paz, entrevista realizada 03 de outubro de 2013).

O que mais surpreendeu a entrevistada em relação à mobilização foi o número de pessoas que participaram, mais de 30 mil. Ainda comentou que apesar da organização ter sido rápida, a caminhada seguiu o horário e o trajeto combinado no *Facebook*. Com as homenagens em frente à boate e no CDM como havia sido organizado no evento.

Eu tinha muito medo de que eu fosse convidar e as pessoas recusassem. E depois meu medo foi quando eu vi muita gente. (Propositora da Caminhada da Paz, entrevista realizada 03 de outubro de 2013).

A repercussão da caminhada na mídia também deixou surpresa a entrevistada. No dia da caminhada, estiveram presentes diversos veículos de comunicação, inclusive de outros países, foi amplamente divulgada.

Identificamos que a organizadora da Caminha da Paz foi ativa, no evento do *Facebook*, durante todo o processo de organização. Ao todo, foram postadas 26 mensagens, além de curtidas e comentários nas postagens dos participantes no evento. As mensagens identificadas foram referentes à organização da mobilização, como as postagens do horário (figura 12), a união das caminhadas, do que levar na hora da manifestação, como luzes, balões brancos e que a cor de vestimenta adequada era o branco. Estas informações postadas pela organizadora direcionaram os participantes ao trajeto, horário e os objetivos da ação.

COMPARTILHEM.. URGENTE!!!
Ver tradução

**CAMINHADA DA PAZ /
CAMINHADA DO LUTO**

Horário: 22 horas
Saída: Praça Saldanha Marinho
**Trajetória: Desde o início da
Acampamento, descendo a
Presidente Vargas até o CDM!!**
**Manifestações: Blusas brancas,
celulares e lanternas.**

***Quem quiser pode levar balões
brancos, faixas, cartazes, fotos e
flores se encontrarem.**

Esperamos você lá!

Curtir · Comentar · Compartilhar · 28 de janeiro de 2013 às 15:43

👍 12 pessoas curtiram isso.

Figura 12 - Definição do horário e concentração da Caminhada.

PESSOAL É HORA DE NOS UNIRMOS, VAMOS FAZER AS DUAS CAMINHADAS QUE NA VERDADE É UMA SÓ AS 22H QUE É O HORARIO QUE TODOS PODERÃO PARTICIPAR! JÁ FOI DIVULGADO PARA A EQUIPE DO CDM ESTE HORARIO ASSIM ELES PODERÃO DAR ASSINTENCIA A TODOS OS PARTICIPANTES DA CAMINHADA.. A INTENÇÃO É A MESMA VAMOS NOS UNIR!! OBRIGADO!!

Curtir · Comentar · Compartilhar · 28 de janeiro de 2013 às 14:50 próximo a Santa Maria (Rio Grande do Sul)

👍 [Redacted] e outras 6 pessoas curtiram isso.

💬 Ver mais 2 comentários

Figura 13 - O processo de união das duas caminhadas foi postado pela organizadora.

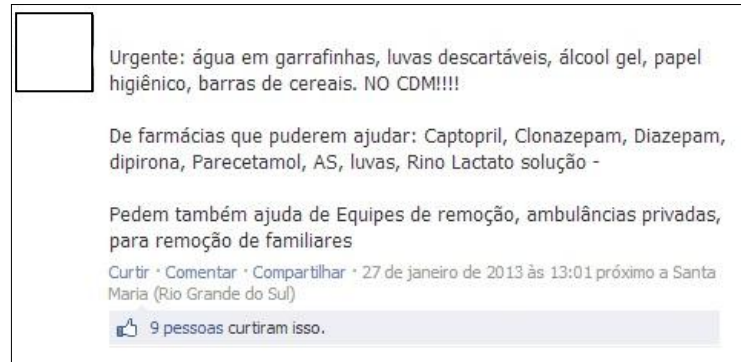


Figura 14 - Informações sobre a necessidade de materiais no CDM.

4.1.1.2. Entrevista com o organizador da Caminhada do Luto

Idade: 23.

Ocupação: estudante do curso de Produção Editorial (UFSM).

Cidade de nascimento: Jóia – RS.

Cidade que vive atualmente: Santa Maria – RS.

Renda mensal familiar: 3 a 5 salários mínimos.

Quadro 8 - Apresentação dados de identificação do proponente da Caminhada do Luto.

Fonte: Da autora

O organizador trabalha com internet e por isso está sempre conectado por meio de dispositivo móvel (celular) e pelo computador. Costuma acessar em todos os locais, em casa, trabalho, na universidade e pelo celular. Logo pela manhã, consulta os e-mails, o *Twitter* e notícias. Nos acessos às redes sociais online possui conta no *Twitter*, *Facebook*, *Instagram*, *Foursquare*⁵⁰, *Pinterest*⁵¹, *Tumblr*⁵² e *Medium*⁵³.

⁵⁰Foursquare é um aplicativo de localização em que as pessoas compartilhem e salvem os lugares que visita. Também, é possível visualizar as recomendações e ofertas personalizadas baseadas no local do usuário (Fonte: <https://pt.foursquare.com/>).

⁵¹O Pinterest é uma ferramenta para colecionar e organizar itens, através de imagens, que inspiram o usuário. (Fonte: <http://br.about.pinterest.com/>).

⁵²O Tumblr permite que o usuário publique e compartilhe textos, fotos, citações, links, músicas e vídeos usando o navegador, celular, computador ou e-mail (Fonte: <https://www.tumblr.com/>).

⁵³Medium permite que o usuário crie ideias ou histórias que podem ser alimentados por outros usuários de forma colaborativa, através de recados e recomendações. (Fonte: <https://medium.com/>).

Como usos do *Facebook*, o propositor gerencia páginas das empresas que trabalha. Costuma criar nos eventos festas com os amigos, mas para mobilização social organizou apenas o da caminhada. É integrante de grupos voltados à comunicação, design editorial, livraria, sebo e da graduação que frequenta. Também acompanha grupos de coletivos sociais como da Marcha das Vadias e o Coletivo Voe.

Militante do movimento afro, o organizador participa no Museu Treze de Maio, centro de cultura afro na cidade de Santa Maria – RS. Outra causa importante para o entrevistado é a defesa da diversidade sexual e das crenças religiosas. Costuma atuar nestas causas por meio da internet ao denunciar e comentar notícias que ferem os direitos humanos.

Tento entrar em contato com órgãos públicos ou alguém que consiga fazer com que essa notícia saia do ar ou consiga derrubar isso. Acho até por eu trabalhar com essa questão de internet é que eu acabo militando bastante nessa área, de tentar ver o que esta acontecendo nesse meio e tento, no caso da notícia, derrubar ela (Propositor da Caminhada do Luto, entrevista realizada 09 de novembro de 2013).

No espaço online, o entrevistado costuma acompanhar as pautas e as mobilizações através de grupo no *Facebook* construído pelo Coletivo Voe. Também, acompanha via internet e presencialmente o grupo do movimento social Marcha das Vadias.

O propositor da Caminhada do Luto entende que suas motivações para criar a caminhada foram a necessidade de ajudar as pessoas e realizar homenagens. O objetivo da caminhada foi de construir um ato em que os participantes pudessem externar a dor e prestar agradecimentos para as pessoas que estavam trabalhando como voluntárias nos hospitais e no CDM.

E foi através disso assim que eu tentei, porque estava todo mundo angustiado, ninguém falava sobre, ninguém conseguia externar isso que estava acontecendo. Foi através disso, da caminhada que eu tentei que as pessoas pudessem liberar aquilo assim que querendo ou não estava engasgado. Foi o que aconteceu, a gente não ofendeu ninguém durante a caminhada e foi o que a gente pediu pra que não fosse, que não tivesse ofensa contra ninguém, a gente orou durante a caminhada, a gente agradeceu (Propositor da Caminhada do Luto, entrevista realizada 09 de novembro de 2013).

O caráter espontâneo já nos indicou que a caminhada teve um forte apelo emocional, de unir as pessoas para a solidariedade. Com o encontro dos familiares e pessoas sensibilizadas à causa na caminhada, surgiram novas manifestações ligadas ao pedido de

justiça. A caminhada foi o momento inicial de emoção e posterior a ela, percebemos objetivos diferentes das outras mobilizações, vinculados à indignação.

O propósito de poder mostrar ali que ninguém estava sozinho, que a gente não estava contente, mas nem por isso a agressão verbal ou qualquer tipo de agressão seria bem vinda porque o que a gente queria mesmo naquele momento era a paz, era estar de bem, era ficar bem. A proposta era a gente ver que não estava sozinho, que a gente não queria que as coisas ficassem assim, mas a gente queria que as coisas ficassem bem (Propositor da Caminhada do Luto, entrevista realizada 09 de novembro de 2013).

A sementinha pra gente buscar justiça foi ali, muitos começaram a fazer as caminhadas de justiça vieram me procurar. Para poder ajudar, se eu podia dar um apoio, mas eu não queria organizar sabe, porque acho que para essa questão da justiça deve ser feita pela justiça sabe (Propositor da Caminhada do Luto, entrevista realizada 09 de novembro de 2013).

Foi a primeira vez que o entrevistado organizou uma mobilização na internet. A escolha de propor um evento no *Facebook* se deu por ser a rede social na internet com maior número de membros e com a capacidade de proporcionar um grande número de acessos e pessoas interessadas a participar da ação. O impacto pessoal foi o de conhecer pessoas que possuem trajetória em movimentos sociais na cidade.

O que mais surpreendeu na hora da organização da caminhada foi a quantidade de pessoas confirmadas nos dois eventos, cerca de 16 mil. Com isso, houve a procura de diversos veículos de comunicação para noticiar a mobilização, inclusive pedido de que o horário da caminhada fosse modificado para entrar ao vivo no Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. A produção do jornal entrou em contato com o propositor da Caminhada do Luto, solicitando que a Caminhada iniciasse no horário do Jornal da Nacional, por volta de 20 horas e 30 minutos. Os organizadores dos dois eventos resolveram não modificar o horário da Caminhada e a ação ocorreu no horário em que estava proposto na internet, às 22 horas. Percebemos a tentativa do veículo de comunicação em adequar a mobilização à sua lógica. A comunicação para a organização da Caminhada serviu para o encontro e engajamento das pessoas para a ação. Já no caso da tentativa de adequar a manifestação à lógica midiática televisiva, o intuito era dramatizar, sensibilizando o público com o caso através da cobertura ao vivo da Caminhada.

O entrevistado teve dificuldade em gerenciar uma manifestação com um grande número de pessoas. A comunicação online tornou mais fácil a divulgação das informações por meio dos dispositivos tecnológicos. Permitiu que a comunicação ocorresse para todo o grupo

envolvido. Já na hora da caminhada houve um grande desafio de passar as informações para o número tão grande de participantes sem contar com recursos como, carros de som, amplificadores ou megafones.

A gente tinha a ferramenta *Facebook* para conversar com todo mundo ao mesmo tempo, a gente chegou ali, não tinha um carro de som para falar com todo mundo, eu gritava num grupo e pedia pra que eles passassem informação, eu ia ate outro grupo e pedia, e assim eu fui, e era muita gente, muita gente, e essa foi a maior dificuldade, a comunicação presencial, offline. A gente tentou ajuda fora e a gente não conseguiu um carro de som, não conseguimos nada para que essa comunicação se desse satisfatoriamente. Então, ela teve que se dar mesmo no grito, assim e pedindo passem a informação, por favor. A comunicação offline foi o maior desafio (Propositor da Caminhada do Luto, entrevista realizada 09 de novembro de 2013).

O organizador da Caminhada do Luto foi bem atuante no processo de organização da mobilização no evento que criou. Foram postadas 29 mensagens, além de curtidas e comentários postados em resposta a postagens dos participantes no evento. As postagens no momento de organização detiveram ao horário da caminhada e a união das duas caminhadas em uma só (figura 13).

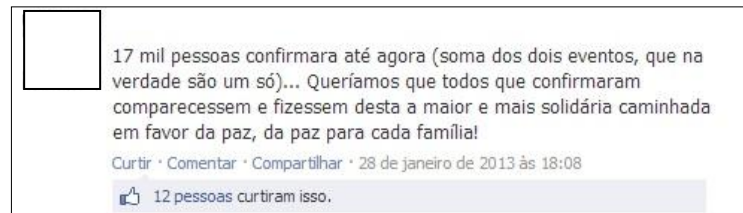


Figura 15 - Postagem do propositore da união das duas caminhadas.

O propositore também indicou o que vestir e portar na hora da ação. Como as luzes de celulares, cartazes, balões e vestimentas brancas indicando a paz. No momento posterior à mobilização encontramos um pequeno *clipping* com os links referentes às notícias veiculadas sobre a caminhada (figura 16).

Venho, como organizador, juntamente com a Monica Souza, agradecer a cada uma das 35 mil (número repassado pela polícia militar) que compareceram a caminhada.

Passamos paz, força, energia para aqueles que necessitam. Obrigado mesmo, foi surreal e magnifico o que aconteceu.

O Clipping dos veículos que nos citaram (menos os internacionais que eu não lembro pra quais dei entrevista):

<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/01/28/de-luto-e-em-silencio-milhares-fazem-passeata-pela-paz-em-santa-maria-rs.htm>

<http://odia.ig.com.br/porta/brasil/google-homenageia-mortos-na-trag%C3%A9dia-de-santa-maria-1.541014>

<http://www.arazao.com.br/milhares-de-pessoas-participam-de-caminhada-pela-paz-em-santa-maria/>

<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/caminhada-em-santa-maria-lembra-vitimas-da-tragedia>

<http://www.difusora24h.com/caminhada-pedira-paz-e-luto-em-nome-das-vitimas-do-incendio-na-boate-kiss/>

<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/01/multidao-faz-caminhada-em-lembanca-vitimas-de-incendio.html>



De luto e em silêncio, milhares fazem passeata pela paz em Santa Maria (RS)
noticias.uol.com.br

Milhares de pessoas fazem uma passeata pela paz desde às 22h desta segunda-feira (28) na praça Saldanha Marinho, em Santa Maria (RS), em homenagem às vítimas...

Curtir · Comentar · Compartilhar · 29 de janeiro de 2013 às 02:03 próximo a Santa Maria do Bocca do Monte

Figura 16 - As notícias veiculadas na mídia sobre a Caminhada da Paz/Luto.

Apoio a outros eventos foram propostos após a manifestação (figura 17), um retorno ao ambiente online para convocação de novos protestos. Também foi postado pelo organizador, agradecimentos e depoimentos de satisfação com o resultado da mobilização (figuras 18).



Figura 17 - Indicações de outros eventos postados pelo proponente após a manifestação.

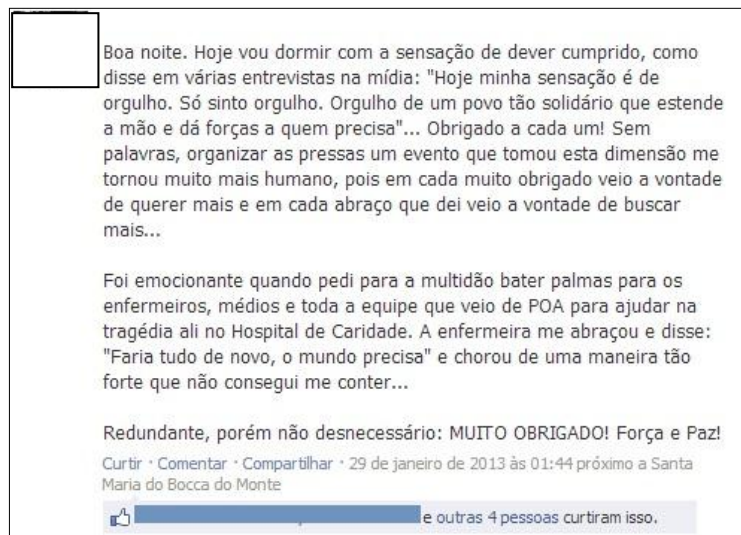


Figura 18 - Agradecimento pela mobilização dos cidadãos santa-marienses.

4.1.1.3. Entrevista com o primeiro participante da Caminhada da Paz/Luto.

Idade: 24 anos

Ocupação: artista plástica e empresária

Cidade de nascimento: Santa Maria - RS.

Cidade que vive atualmente: Santa Maria – RS.

Renda mensal familiar: 10 a 20 salários mínimos.

Quadro 9 - Apresentação dos dados de identificação do participante da Caminhada do Paz/Luto.

Fonte: Da autora

Costuma conectar a internet todos os momentos do dia via celular e computador portátil. Seus principais usos são para pesquisas da pós-graduação e para contatos pessoais. Com seu perfil pessoal acessa grupos da pós-graduação, de movimentos e coletivos sociais da cidade como a Marcha das Vadias, grupos de fotógrafos e de compra e vendas de roupas usadas. Costuma criar eventos para divulgar suas exposições artísticas.

Também utiliza para divulgação e vendas para a empresa. A partir do perfil entra em contato com clientes, realiza vendas, elabora promoções e lançamentos de coleções por meio dos eventos.

Sua atuação social é de forma individual, foi voluntária em instituições sociais da cidade e em projetos no centro espírita que frequenta. Sua principal preocupação referente à luta social é com a questão de gênero. Atua na causa por meio da participação na Marcha das Vadias e nas suas pesquisas acadêmicas.

Participou da caminhada, pois sentiu necessidade em apoiar as pessoas que perderam seus parentes. A contribuição da entrevistada na hora da mobilização foi ter fotografado o momento, com isso percebeu que as pessoas estavam lá para expressar a dor por meio da união das pessoas.

Fiz um álbum no meu perfil e postei no evento as fotos, mas ao contrário de muita gente, eu não quis mostrar a dor de forma sensacionalista, mas sim mostrar a união das pessoas na caminhada e foi acontecendo e bateu esse interesse em mim por meio da fotografia (Participante da Caminhada da Paz, entrevista realizada dia 09 de novembro de 2013).

O pessoal que estava lá, que era mais próximo às vítimas, estava ali para dar um grito, nem que seja em silêncio. Como estivessem externando a dor deles. (Participante da Caminhada da Paz, entrevista realizada dia 09 de novembro de 2013).

Identificamos quatro postagens da participante, nos eventos do *Facebook*, duas postagens na Caminhada da Paz e duas postagens no evento da Caminhada do Luto. As postagens se repetiram nos dois eventos, foram a divulgação das fotos com uma mensagem parabenizando a proposta da caminhada (figura 19) e outra postagem foi um vídeo na hora em que os participantes estavam no Centro Desportivo Municipal (figura 20).



Figura 19 - Apresentação dos dados de identificação do participante da Caminhada do Paz/Luto.



Figura 20 - Postagem do vídeo na hora em que os manifestantes estavam realizando homenagens.

4.1.1.4. Entrevista com o segundo participante da Caminhada da Paz/Luto.

Idade: 24 anos

Ocupação: assessora de comunicação e estudante.

Cidade de nascimento: Rosário do Sul - RS.

Cidade que vive atualmente: Santa Maria – RS.

Renda mensal familiar: 3 a 5 salários mínimos.

Quadro 10 - Apresentação dados de identificação da segunda participante da Caminhada da Paz/Luto. Da autora.

Sempre conectada à internet costuma acessar a rede em todos os locais via celular, em casa e no trabalho. Seus principais usos são basicamente para lazer e informação. Tem perfil em site de redes sociais, no *Facebook*, o qual afirma utilizar para informação, manter contatos pessoais e para lazer. É membro de grupos relacionados à faculdade e de coletivos sociais, como o da Marcha das Vadias. Até junho de 2013, acompanhava o grupo dos Voluntários da *Kiss*, mas resolveu abandonar o espaço.

Como atuação social, participa de protestos como os organizados pela Marcha das Vadias. Participou, em junho de 2013, das manifestações contra o aumento da passagem, entre outras pautas. Como causa a ser defendida apontou a questão de gênero, a violência contra a mulher. Afirma que a sua forma de atuação é por meio das participações no protesto e em textos publicados e compartilhados no seu perfil no *Facebook*.

A participante teve conhecimento sobre a caminhada por meio do grupo que participava, o Voluntários-SM. A motivação para participar da ação foi a necessidade em ajudar o próximo, a forma que encontrou para isso foi por meio de sua participação na caminhada. Assim como os outros entrevistados a participante também identificou a ação como importante no processo de construção de novas mobilizações a partir da união dos pais e familiares.

Percebi que a caminhada foi o que abriu para as pessoas terem mais esse contato porque não foi só um ativismo de sofá. Saiu pra rua essa caminhada, reuniu aquele monte de gente. (Participante da Caminhada da Paz, entrevista realizada dia 14 de novembro de 2013).

A entrevistada não teve atuação no *Facebook* em nenhuma dos eventos analisados, Caminhada da Paz e Caminhada do Luto.

4.1.2. Análise da Caminhada da Paz/Luto no *Facebook*

Ao analisarmos as postagens no *Facebook*, reunimos o conteúdo dos eventos, Caminhada da Paz e do Luto nos períodos que corresponderam ao antes, durante e depois da ação. A preparação da ação correspondeu ao período em que os eventos foram criados até as 22 horas do dia 28 de janeiro. Foram publicadas 1703 postagens, dentre estas 129 constaram em nossa análise.

A conexão dos participantes foi por meio da comunicação em rede, a partir das interações no ambiente online, por meio delas é que houve a mobilização de cerca de 30 mil pessoas. Todo o processo de organização foi de aproximadamente 33 horas, nesse período as propostas foram discutidas entre os membros dos eventos. No período de preparação, percebemos que os participantes dos eventos postavam questionamentos referentes ao horário e o trajeto da caminhada, pois no início havia dois eventos com horários diferentes. Os pontos consensuais da organização da mobilização foram construídos de forma coletiva, mas eram aceitos ou não pelos organizadores, a palavra final ficava a cargo dos dois propositores. Pontuamos que a mobilização ocorreu de forma horizontal, ou seja, todos podiam colocar suas opiniões de forma igualitária no ambiente online, e também piramidal, pois eram os organizadores que ficaram incumbidos de aceitar ou não as colocações dos participantes. Funcionavam de forma que os dois organizadores foram responsáveis pelas decisões em aceitar as propostas ou não. Como por exemplo, ideias para as homenagens às vítimas, os horários, o trajeto e a união das duas caminhadas.

As postagens indicadas em nossa análise corresponderam ao período da organização da mobilização. Como temáticas recorrentes, encontramos os **apoios** em 56 postagens; **opinativas**, com 46 postagens, **palavras de ordem** com 28; **apoio a outros eventos** com 4 e nenhuma **postagem da mídia**. Quatro postagens analisadas continham mais que uma temática.

As postagens de **apoios** foram as predominantes. Essas contemplavam a preocupação das pessoas em que a cidade não fosse representada apenas pela tragédia, mas mostrassem a

união e a solidariedade das pessoas. Encontramos postagens de pessoas que não estavam na cidade, mas deixaram mensagens de apoio à caminhada e aos familiares. As postagens remetiam à ideia de que todos os moradores da cidade estavam de luto. Essa dor do luto foi um elemento importante para que as pessoas fossem às ruas. Os laços emocionais construídos no ambiente online formaram um consolo compartilhado entre os que participaram da caminhada. As mensagens de apoio também remetiam a união da cidade de Santa Maria, terminavam com frases de força para Santa Maria (figura 21).

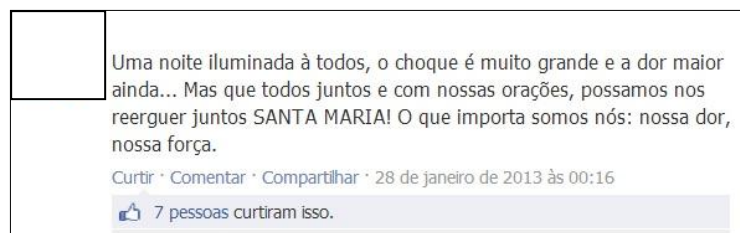


Figura 21 - Postagens mostravam que a dor era de todos os moradores de Santa Maria.

As postagens **opinativas** indicavam ideias acerca do trajeto, horários da caminhada, muitas delas afirmando não ser necessário ir ao CDM, pois não havia mais velórios no local. As postagens foram se repetindo num mesmo assunto, como o trajeto (figura 23), a justificativa dos locais de homenagens, horários, união das duas caminhadas e o não uso de velas.

Nas mensagens de apoio também foram colocados os pedidos e reivindicações a serem cobrados nos cartazes. No *Facebook* encontramos poucas postagens de acusação ou pedidos por justiça, o que predominou foram pedidos para que os cartazes fossem escritos em homenagens às vítimas. Um consenso por parte do grupo foi a não utilização de velas, que deveriam ser substituídas por luzes de celulares e lanternas, pois o fogo das velas não seria conveniente à situação (figura 22).



Figura 22 - Postagens mostravam a indicação dos participantes em não portar velas.



Figura 23 - Postagens de sugestão para o trajeto da caminhada.

As **palavras de ordem** convocavam as pessoas a participarem da caminhada, seja pela presença física ou por meio de orações e pensamentos (figura 24). Também comandavam para que as pessoas seguissem as indicações da caminhada. Nas postagens com palavras de ordem surgiram indicações para que outras mobilizações ocorressem, destinadas a reivindicações (figura 27). Basicamente as postagens dessa categoria serviram para convocar novos participantes para a ação.



Figura 24 - Convocação para que as pessoas participassem da caminhada.

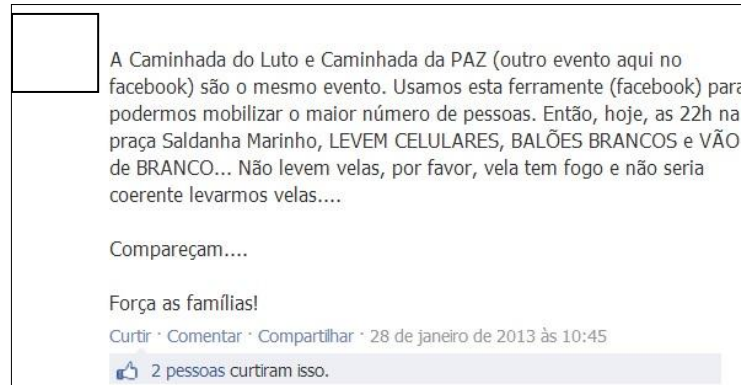


Figura 25 - Indicação para as pessoas levassem balões e fossem de roupas brancas.



Figura 26 - Convocação para um minuto de silêncio em frente ao gabinete do prefeito.

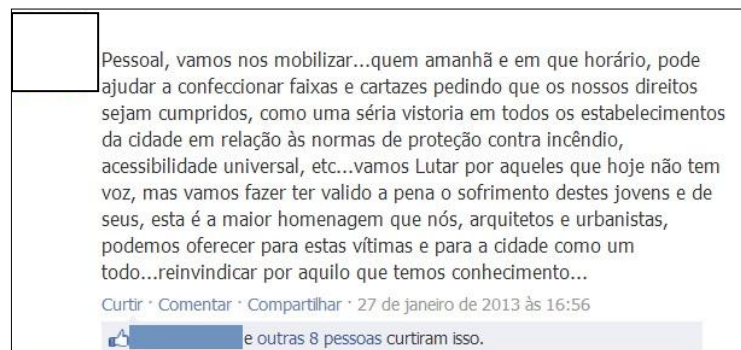


Figura 27 - Indicações para que outras lutas fossem contempladas na caminhada.

As **postagens de apoio a outros eventos** divulgaram os pontos de doações, organização de voluntários e necessidades de alimentos e água no Centro Desportivo Municipal.

Durante a ação; no período em que o protesto começou até a meia noite do mesmo dia, foram publicadas 35 postagens, dentre estas dez constaram em nossa análise. Percebemos que a duração da ação foi de aproximadamente 2 horas. Por volta das 21 horas o grupo combinou a confecção dos cartazes. As postagens da ação foram por meio de dispositivo móvel

(celular), com descrições do que acontecia na ação (figura 28), fotos da ação e comentários sobre a mesma.

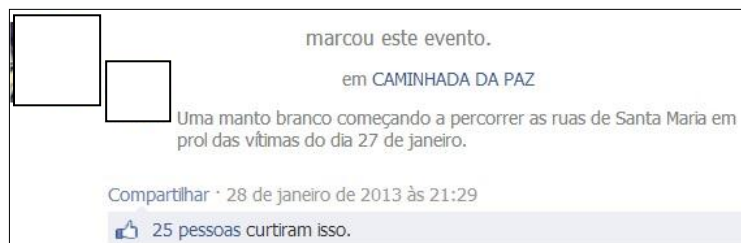


Figura 28 - Postagens na hora da caminhada.

Após a ação correspondeu ao período do término da ação até as últimas postagens coletadas no evento, dia 29 de janeiro da meia noite e um até o dia 11 de março de 2013. Foram publicadas 303 postagens, 17 constaram em nossa análise. No processo posterior à ação percebemos que foi um momento de agradecimento aos manifestantes e de depoimentos pessoais da participação na caminhada. Ainda, foram postadas matérias jornalísticas sobre a caminhada e também sobre novas ações a partir daquele evento. No total foram doze postagens de **apoio**, três **postagens da mídia**, duas **postagens de apoio a outros eventos** e nenhuma postagem **opinativa**.

As postagens relataram o sentimento dos participantes na hora da caminhada (figura 29), como agradecimentos pela mobilização solidária da cidade e o orgulho da solidariedade e união do povo santa-mariense (figura 30). Ainda, postagens de fotos e vídeos da caminhada. Os propositores se posicionaram nos eventos agradecendo os participantes pela caminhada (figura 31). As postagens da mídia continham notícias da caminhada em diversos veículos de comunicação. Já os apoios a outros eventos foram para a participação no Protesto por Justiça.

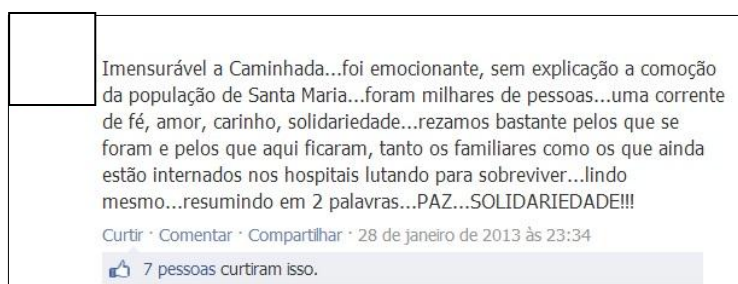


Figura 29 - Depoimentos pessoais sobre a participação na caminhada.



Figura 30 - Postagem sobre a indicação da união do povo gaúcho.



Figura 31 - Propositor do evento agradecendo a participação e divulgando as notícias sobre a caminhada.

4.1.3. As identidades coletivas: sentimentos solidários na Caminhada

A partir das análises das postagens no *Facebook* com as entrevistas indicamos como a questão das identidades coletivas foram construídas. Os afetos, valores, crenças e interesses foram compartilhados nas redes sociais online através das interações sociais. Elementos combinados via ambiente online foram levados à rua materializando a forma como a caminhada foi planejada pelos próprios participantes. A solidariedade foi o aglutinador entre os participantes para a criação de vínculos temporários. O momento de consternação que as

peças passavam transformou o sentimento do luto numa ação coletiva. As identidades coletivas na caminhada incluíram o processo de definição do projeto traçado pelos membros, realizar uma homenagem. Identificamos também como o pertencimento à cidade apareceu como um elemento de identidade coletiva, uniu as pessoas por Santa Maria e representou a solidariedade dos cidadãos, num momento de tragédia.

Com o projeto em comum de realizar homenagens e acalantar as famílias envolvidas na tragédia, houve a escolha dos participantes em materializar essas motivações através da roupa branca. As vestimentas brancas, as mensagens nos cartazes e os locais das homenagens nos indicaram elementos que estão por trás dessa união dos participantes.

Ao pensarmos nas análises das postagens no *Facebook*, percebemos que as temáticas relacionadas aos apoios criaram vínculos temporários criados pelos participantes, como a solidariedade e a empatia. Também, a união pela cidade de Santa Maria, ser santa-mariense, indicou a necessidade das pessoas lutarem pela cidade, que sofria. Durante as entrevistas o ponto importante destacado pelos participantes foi a preocupação em representar na história da cidade a solidariedade dos cidadãos de Santa Maria, como nos mostram as postagens a seguir.



Figura 32 - A união dos participantes para representar que a cidade também é solidária.

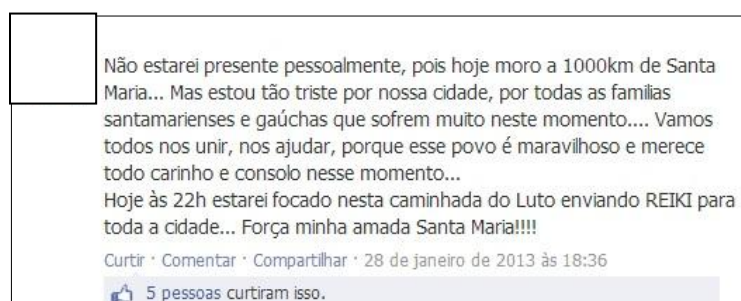


Figura 33 - Elemento das identidades coletivas: o ser santa-mariense e gaúcho.



Figura 34 - Depoimento das experiências pessoais sobre a tragédia.

A construção da Caminhada da Paz também foi perpassada pelas emoções dos participantes, elemento definidor da ação coletiva. Através dos sentimentos compartilhados no *Facebook* e pelas interações via comunicação em rede, o tom da ação coletiva foi construído com um sentimento predominante, a solidariedade, elemento principal que uniu e constituiu a identidade coletiva da mobilização.

O forte caráter emocional da ação se deu pelo pouco tempo de organização da mobilização e pela proximidade que ocorreu a homenagem, no dia posterior a tragédia. Naquele momento a necessidade era as pessoas estarem juntas, o compartilhar sentimentos era maior do que a vontade de organizar ações destinadas a cobranças para com a tragédia importava no momento entender o que estava acontecendo, como podemos identificar nas postagens figura 35 e figura 36.

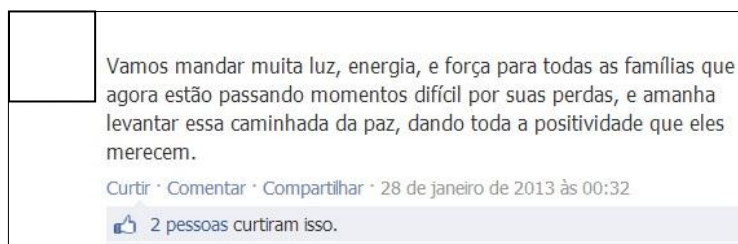


Figura 35 - Postagem de solidariedade na união dos manifestantes.

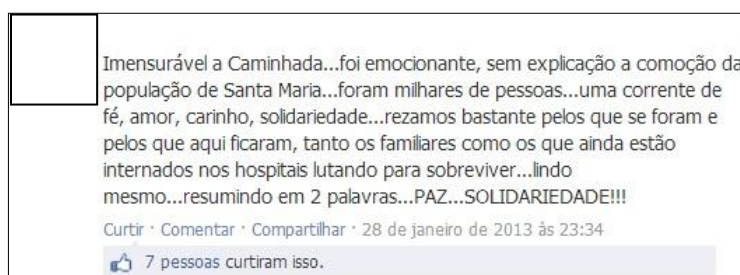


Figura 36 - Postagem após a caminhada reafirmando o caráter solidário.



Figura 37 - O conforto dos santa-marienses através da solidariedade.

Nas falas dos participantes, as motivações para a participação na caminhada destacaram a caráter emocional, como a necessidade de ajudar o próximo e confortar as famílias naquele momento. Como nos mostram as falas a seguir.

Sentimento de ajuda mútua, de ajudar o próximo, de dá um abraço no próximo sem conhecer, de dar uma palavra de conforto sem nunca ter visto sabe, acho que foi isso, esse é o maior sentimento que eu pude sentir durante a manifestação assim, de ter todo mundo unido por uma mesma causa, credos orando por um mesmo ideal (Propositor da Caminhada do Luto, entrevista realizada 09 de novembro de 2013).

Era muito silêncio, consolo com as pessoas com camiseta de seus filhos, os parentes, os pais não se conheciam, mas se colocavam entre eles. De compartilharem a mesma dor, a mesma causa. Tu saber o que aquela pessoa estava passando. Ali todo sabia o que o outro estava passando e sabia exatamente como era. Era conforto, as pessoas que não se conheciam dando conforto (Propositora da Caminhada da Paz, entrevista realizada 03 de outubro de 2013).

A caminhada foi uma das formas que os cidadãos de Santa Maria expressaram a dor no gesto de ir às ruas, pela necessidade do estar junto e do encontro com as pessoas. O sentimento solidário e de homenagem foi inicialmente o fortalecimento, a forma de dividir a dor e reunir forças para uma longa luta. Embora a indignação não tenha sido o sentimento predominante, percebemos as primeiras iniciativas para mobilizações desse caráter, já no dia da ação alguns participantes portaram cartazes pretos exigindo o esclarecimento do caso e a punição dos responsáveis. Com isso, o sentimento inicial de solidariedade se transformou em outras manifestações, como o Protesto por Justiça o qual analisamos em seguida.

4.2. Evento “Protesto por Justiça”

O evento público organizado no *Facebook* “Protesto por Justiça”, foi criado no dia 29 de janeiro, à 1 hora e 47 minutos. A ação coletiva foi marcada para o mesmo dia, terça-feira, às 17 horas, no centro da cidade de Santa Maria, 48 horas após incêndio na Boate *Kiss*. O evento criado no *Facebook* teve 29.435 convidados, 410 pessoas recusaram, 1.924 confirmaram, 402 talvez participassem e um organizador. Segundo entrevista realizada com o organizador, cerca de 700 pessoas participaram do protesto. Já na descrição postada pelo organizador do evento, na mobilização, percebemos o trajeto, os objetivos e indicações do protesto. O organizador pediu que o protesto fosse pacífico de forma que a cobrança recaísse no poder público. No texto de abertura o pedido de justiça prevaleceu como o guia da mobilização.

Sairá da Rua Vale Machado (Frente a Câmara de Vereadores) e rumará para a Rua dos Andradas, 1397 (Polícia Civil). Solicitar de forma pacífica com cartazes e camisetas para que sejam devidamente investigados e culpados os órgãos públicos responsáveis pela fiscalização. Assim como aconteceu na Argentina (Descrição postada no evento Protesto por Justiça).

O organizador do evento publicou de forma fixa, dia 29 de janeiro às 12 horas, nota oficial explicando como o protesto se organizou. O objetivo exposto foi “buscar justiça” e “pedir o fim da impunidade para os órgãos públicos”. Houve reunião na praça Saldanha Marinho, região central da cidade de Santa Maria, para confecção do materiais, como os cartazes. O ponto de encontro do protesto foi a Câmara de Vereadores de Santa Maria, com saída para o trajeto às 17h. Num trecho da postagem, o proponente insistiu que a manifestação fosse pacífica: “MAIS UMA VEZ REFORÇO QUE É UMA MANIFESTAÇÃO PACÍFICA! NÃO ESCREVAM FAIXAS ACUSANDO NINGUÉM EM ESPECÍFICO, NÃO ME RESPONSABILIZO POR EXCESSOS” (Publicação de organizador do Protesto por Justiça).

Em entrevista, o organizador afirmou que a concentração da manifestação foi na Câmara Municipal de Vereadores, após, o grupo se dirigiu à Polícia Civil e, no fim do trajeto, o grupo manifestou-se em frente ao gabinete do prefeito de Santa Maria, Cezar Schirmer. No local foi entregue carta direcionada ao prefeito, mas recebida pela sua assessora.

The image shows a screenshot of a Facebook event page titled "Protesto por justiça". The event is scheduled for Wednesday, January 29, 2013, at 17:00. The location is set to "Câmara Municipal De Vereadores De...", with the address "Rua Vale Machado 1415, 97010530 Santa Maria (RS)". The event description includes a black ribbon icon and text stating the purpose is to demand justice and an end to impunity for public officials. It emphasizes a peaceful protest and asks participants to bring banners. A "Nota Oficial" (Official Note) is provided, detailing the meeting at Praça Saldanha Marinho and the planned route. The page also shows statistics: 1,920 confirmed attendees, 402 invited attendees, and 27,064 potential attendees.

Figura 38 - Apresentação do evento “Protesto por Justiça”, com descrição e nota oficial.

A carta elaborada pelos organizadores e postada no evento do *Facebook*, na íntegra, no dia 29 de janeiro, foi um pedido de justiça. Salientou a indignação das pessoas para a forma como o caso foi conduzido, argumentou ser necessária uma investigação imparcial. Ainda, abordou relação da mídia com as motivações da manifestação no trecho descrito abaixo:

Pelos meios de comunicação acompanhamos algumas cenas e informações que também motivaram essa mobilização. Vários são os envolvidos e responsáveis por esse acontecimento, mas até então o que vimos foi que os componentes da banda foram algemados, enquanto que um dos donos da boate foi apenas conduzido, esse pequeno detalhe demonstrou a desigualdade de tratamento (Trecho da carta postada no evento “Protesto por Justiça”).

Além do clamor por justiça e o pedido para o cuidado nas investigações, o grupo ainda pontuou algumas mudanças a serem refletidas, no trecho abaixo. Ao final da carta, o grupo agradeceu pelo espírito de coletividade que envolveu afeto e solidariedade das pessoas.

- Rigor e cautela na regulamentação e execução das normas que permitem que esses estabelecimentos estejam em funcionamento;
- Critérios para a seleção dos responsáveis pela fiscalização e que esses profissionais possam ser reconhecidos e chamados as suas responsabilidades;
- Efetiva comunicação e informação de condições desses espaços na cidade entre Corpo de Bombeiros e Prefeitura Municipal;
- Construção de normas internas nas casas noturnas para instruir e delimitar as apresentações em suas instalações, ficando inteiramente responsável pelas ocorrências internas;
- Formação e preparo da equipe de segurança para lidar com pessoas e com situações de risco. Cabe aqui ressaltar que a função dos seguranças é proteger o espaço e principalmente os frequentadores com respeito, isentos de qualquer atitude agressiva.
- Promoção de educação em todos os âmbitos, para uma aprendizagem de ações na prevenção de acidentes em situações de riscos.

E ainda:

- O lucro decorrente da superlotação e economia no investimento da estrutura física não pagam os riscos e as consequências trágicas dessa imprudência (Trecho da carta postada no evento “Protesto por Justiça”).

Para além desse pedido de justiça, o grupo refletiu sobre mudanças e transformações a serem feitas, de modo urgente, na cidade, houve cobranças concretas, organizadas pela mobilização, mais do que uma união de pessoas com pautas diversas percebemos um grupo até certo ponto coeso em busca dessas exigências. Ainda, foi mencionada a relação da mídia com a manifestação conforme o trecho da carta descrito acima, as motivações para a

mobilização partiram da interpretação dos participantes das imagens dos veículos de comunicação massivos. Os conteúdos no evento foram também alimentados, por meio das postagens e comentários, pelas notícias dos veículos tradicionais.

Após a manifestação foi postada pelo propositor, dia 29 de janeiro às 21horas e 50minutos, uma nota oficial. A nota assinada pela “Equipe da Corrente da Justiça”, demonstrou o posicionamento das pessoas que mais se envolveram na organização do evento. Em resumo, a carta agradeceu aos que estiveram presentes na manifestação. Fez agradecimentos à mídia, pela cobertura do evento, aos vereadores por terem recebido a carta, ainda, à Brigada Militar pela escolta. Agradeceram os sindicatos da cidade que auxiliaram na ação, ao Sindicato dos Professores Municipais de Santa Maria (SINPROSM) pela impressão dos materiais divulgados durante o protesto e também à Associação dos Servidores da Universidade Federal de Santa Maria (ASSUFISM). A nota oficial fez pedidos para que o Corpo de Bombeiros se manifestasse sobre o caso e propôs a construção de memorial no local da Boate *Kiss*. O grupo, ao final da nota, esclareceu que não irá organizar outras manifestações, por ter havido descaracterização do movimento.

A partir desses dados percebemos que, após a manifestação, criou-se uma equipe de pessoas à frente da organização do protesto. Esse grupo elaborou a carta a ser entregue na manifestação e também a nota oficial apontando reflexões e avaliações da mobilização. Observamos pronunciamentos oficiais em nome do grupo, e ainda, da página denominada “Corrente da Justiça” criada e administrada por essa equipe. A página obteve apenas 178 curtidas e 5 postagens de comentários sobre o andamento das investigações. Consideramos que essa equipe de frente tentou direcionar o movimento ao indicar diretrizes na confecção de cartazes e ao convocar um protesto imparcial, sem caráter político-partidário.

4.2.1. Sujeitos participantes do protesto por justiça

Entrevistamos o propositor do evento e dois participantes ativos no evento “Protesto por Justiça”. As entrevistas foram semi-estruturadas, contendo tópicos para abordagem com os temas: usos da internet, usos do *Facebook*, atuação social, participação no evento, motivações para a criação e, por fim, avaliação da mobilização social.

4.2.1.1. Entrevista com o organizador do Protesto por Justiça

Idade: 20 anos

Ocupação: estudante universitário e trabalha como programador em empresa própria.

Cidade de nascimento: Santa Maria - RS.

Cidade que vive atualmente: Santa Maria – RS.

Renda mensal familiar: 4 a 6 salários mínimos.

Quadro 11 - Apresentação dados de identificação do propositor do Protesto por Justiça.

O entrevistado tem frequência diária de acesso à internet, está sempre conectado por meio do dispositivo móvel. Afirmou utilizar a internet para informação e principalmente para negócios. O lazer ficaria em última opção com as interações via bate papo na rede social online *Facebook*.

Sempre conectado, por causa do celular, mas só olho quando eu quero. Quando aparece alguma notificação (Propositor do Protesto por Justiça, entrevista realizada 17 de outubro de 2013).

Quando questionado sobre perfis de sites de redes sociais, possui conta no *Facebook*, e tinha pretensão de criar um *LinkedIn*⁵⁴. Seu principal uso é para contatos profissionais, utiliza grupos com colegas da faculdade e mantém uma página com o perfil da empresa que possui. Em relação aos eventos, depois da criação do Protesto por Justiça, não organizou mais eventos relacionados à mobilização social, somente utilizando-os para organização de festas. A escolha do uso do *Facebook* para a mobilização foi indicada por ser uma ferramenta popular e abrangente.

Se eu mandasse SMS ou ligasse, além de demorar muito, muitas pessoas não iriam ficar sabendo. Então no *Facebook* cada pessoa podia convidar seus amigos também. E a ferramenta é muito boa para isso (Propositor do Protesto por Justiça, entrevista realizada 17 de outubro de 2013).

⁵⁴ Rede social online profissional, a partir da criação de perfil no *LinkedIn*, visa a criação círculos interacionais profissionais. Seu objetivo é o relacionamento profissional entre colegas de trabalho, encontro de novas oportunidades profissionais e de negócios. (fonte: http://br.linkedin.com/static?key=what_is_linkedin&trk=hb_what)

Como atuação social, é contribuinte, através da assinatura mensal da revista do *Greenpeace*⁵⁵. Não participa ativamente da organização porque os locais de atuações são distantes de Santa Maria. No ano de 2013. Foi voluntário no Centro de Apoio à Criança com Câncer de Santa Maria- CACC. Costuma participar de ações organizadas via redes sociais online, como exemplo, participou, em março de 2013, da ação contra o aumento da gasolina⁵⁶. Como causas importantes, para lutas sociais, percebeu as pautas relacionadas à saúde, educação e à redução de impostos.

Ponto importante a revisão dos impostos. Os impostos são feitos em cascata, ou seja, sempre iremos pagar mais impostos em cima de tudo. E também tem coisas que não tem nexos, o Brasil tem mais impostos e para viver dignamente tu tem que pagar tudo privado. Tudo paga caro para educação, saúde...E isso tudo isso envolve corrupção também. Melhoraria todo o resto da sociedade se acertassem esses pontos(Propositor do Protesto por Justiça, entrevista realizada 17 de outubro de 2013).

O propositor não se sente representado por partidos políticos e pela política institucional. Durante a entrevista observamos seu descontentamento com o sistema político. Afirmou que, os movimentos de junho⁵⁷ no Brasil, foram importantes, pois não tiveram vinculação partidária, por isso o entrevistado resolveu participar das manifestações.

O movimento que o povo brasileiro teve, por causa da copa em junho, da copa das confederações. Aquele era um movimento que não deveria ter se perdido, acho que pessoal deveria ter continuado na rua. Porque eu acho que futuramente vai acontecer de novo durante a copa, porque igual não mudou nada. O governo prometeu, prometeu e a única coisa que fizeram foi escravizar uns médicos cubanos para cá. Então, eu acho que vai acontecer de novo, essa causa dos professores eu defendo até porque minha mãe é professora e eu sei o quanto o trabalho do professor desvalorizado aqui (Propositor do Protesto por Justiça, entrevista realizada 17 de outubro de 2013).

⁵⁵ *Greenpeace* é uma organização global com o objetivo de proteger o meio ambiente e inspirar mudanças de atitudes em relação ao meio que as pessoas vivem. A atuação é por meio de campanhas, ações pontuais e protestos. Está presente em 43 países, no Brasil possui escritórios em Belo Horizonte, Brasília, Manaus, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. (fonte: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/quemsomos/>)

⁵⁶ Ação organizada na internet nomeada “Na mesma moeda”, seu objetivo foi realizar um protesto contra o aumento da gasolina. A manifestação aconteceu de forma que cada cidadão abastecia R\$ 0,50 em postos da cidade, exigia notas fiscais e o teste de qualidade.

⁵⁷ Os movimentos de junho de 2013 no Brasil originaram nas redes sociais online, por meio de eventos marcados no *Facebook*, a pauta principal era contra o aumento das tarifas no transporte público inicialmente em São Paulo. Após forte repressão da polícia e a repercussão dos protestos na mídia massiva o movimento ganhou força e proliferou para diversas cidades no Brasil, em que já se percebeu outras pautas presentes, além do transporte público, como as Propostas de Emendas à Constituição (PECs), 37 e 33, ato médico, gastos com a Copa das Confederações da FIFA que estava ocorrendo, e os gastos para a Copa do Mundo de 2014, além de pedidos para o fim da corrupção.

A primeira manifestação que o entrevistado participou foi a Caminhada da Paz da Boate *Kiss*, e posteriormente o Protesto por Justiça. Após essa experiência nas mobilizações da *Kiss*, participou das manifestações de junho.

A proposta inicial foi “abrir os olhos” das pessoas, para que não só os músicos e os donos da boate fossem responsabilizados, mas também os órgãos públicos. A ideia, segundo o entrevistado, foi criar um protesto responsável, pacífico e apertidário.

Quando eu vi, do trabalho da polícia eles estavam direcionando só o foco para os donos da boate e músicos. Daí eu pensava: o problema vem desde lá de baixo, vem desde política, mas não só aqui em Santa Maria, achei muito vago a punição (Propositor do Protesto por Justiça, entrevista realizada 17 de outubro de 2013).

A partir disso, por ter proposto o evento, o sujeito se intitulou líder da mobilização, percebeu esse papel como importante para manter a ordem no movimento, como organizador seu papel foi manter os objetivos da ação.

Quando tu pega um líder que tem interesses secundários do movimento...tu acaba, digamos, desvirtuando. A persuasão é algo complicado, e as pessoas que estão envolvidas em política tem a persuasão bem desenvolvida. Uma palavra tua pode mobilizar uma multidão por um aspecto negativo. Esse cuidado tem que ter para mobilizar, onde não irá desvirtuar o movimento (Propositor do Protesto por Justiça, entrevista realizada 17 de outubro de 2013).

Em nenhum momento estava ali para me promover eu não estava ali e não tenho interesse na carreira política. Por que a política me desagrada como se apresenta hoje no país. E tu tentar fazer isso de uma maneira imparcial, apertidária, e não tentando se autopromover tu tem que cuidar muito disso (Propositor do Protesto por Justiça, entrevista realizada 17 de outubro de 2013).

Com a percepção de ser líder do movimento, o ator entendeu que seu papel foi dar rumo ao protesto e que os convocados e participantes da mobilização deveriam seguir seus pedidos. Por acreditar ter sido responsável em conduzir os participantes, alguns participantes acabaram desvirtuando a manifestação, o que acabou desagradando o propositositor e que por esse motivo não organizou outros protestos.

Quando eu criei a de justiça eu caracterizei com apertidária e um único pedido foi de justiça. Em nenhum momento eu estava lá pedindo *impeachment*. Eu falei que era o mais imparcial possível pedindo justiça. Então eu caracterizei dessa forma (Propositor do Protesto por Justiça, entrevista realizada 17 de outubro de 2013).

Começou a ser um ato político contra o Cezar Schirmer. Tem aproveitador em tudo que é coisa. O propósito não era este. Mas acabou acontecendo (Propositor do Protesto por Justiça, entrevista realizada 17 de outubro de 2013).

Com isso, após o protesto, sentiu a necessidade de procurar o prefeito e o delegado, a fim de explicar a situação e o propósito pensado para o protesto.

As percepções do entrevistado acerca da avaliação da mobilização foram positivas: “por mais que o protesto não tenha tido resultados mensuráveis, mostrou a força de Santa Maria perante as adversidades” (Propositor do Protesto por Justiça, entrevista realizada 17 de outubro de 2013). Na manifestação, o aspecto que mais surpreendeu o entrevistado foi o número de pessoas.

O pessoal foi muito generoso. E mostrar que a mudança pode acontecer de qualquer lugar, se tu tem algo para defender você pode agregar pessoas que concordam contigo e tu pode fazer um movimento bem satisfatório (Propositor do Protesto por Justiça, entrevista realizada 17 de outubro de 2013).

O que me surpreendeu foi a força que tomou, tinha 700 pessoas com certeza porque lotou toda essa rua (*Alberto Pasqualini*). Então a quantidade de pessoas que agregou, depois se dissipou um pouco, mas movimento inicial foi bastante forte (Propositor do Protesto por Justiça, entrevista realizada 17 de outubro de 2013).

Ainda nas reflexões acerca da manifestação, percebemos que o organizador ficou satisfeito com o reconhecimento pessoal e os elogios à iniciativa. Apontou que apesar dos resultados não serem perceptivos, foi mostrado o poder de ir às ruas. Indicamos que o propositor achou importante criar movimentos que abranjam causas justas e que possam ir para rua: “Não adianta fazer campanha só no *Facebook*. Tudo que foi conquistado foi pela rua”.

O organizador do protesto foi ativo durante todo o processo. Ao todo, foram postadas dez mensagens. Essas postagens foram de suma importância para a organização da mobilização, pois foram definidos os locais onde a ação iria se concentrar e o seu trajeto (figura 39), essa definição foi através de questionamentos postados pelo próprio organizador do protesto (figura 40). Ainda, encontramos os comandos do propositor, entonando que o movimento fosse pacífico a favor da justiça. As mensagens foram de motivação e pedidos que os participantes convocassem mais sujeitos (figura 41). Ao final da ação o propositor postou a nota oficial com a avaliação do Protesto por Justiça.



Figura 39 - Definição da concentração do Protesto por Justiça.



Figura 40 - Questionamentos do processo dos locais para concentração postados pelo propositor.



Figura 41 - Informações sobre a organização eram postadas pelo organizador.

4.2.1.2. Entrevista com o primeiro participante do Protesto por Justiça

Idade: 63 anos

Ocupação: professor aposentado da Universidade Federal de Santa Maria.

Cidade de nascimento: São Sepé - RS.

Cidade que vive atualmente: Santa Maria – RS.

Renda mensal familiar: 5 a 10 salários mínimos.

Quadro 12 - Apresentação dados de identificação do primeiro participante do Protesto por Justiça.

Fonte: Da autora

A frequência de consulta à internet para o entrevistado é diária, os principais usos são para informação, divulgação de fotografias e dos projetos sociais nos quais atua. Possui somente perfil no *Facebook*, além de seu perfil, gerencia uma página da Associação de Voluntários de Cães em Busca e Resgate, em que é presidente. Ainda, participa de grupos de discussões sobre meio ambiente.

Como atuação social já participou de grêmios estudantis e do Diretório Acadêmico da UFSM, quando estudante. Também, atuou no Partido dos Trabalhadores (PT), através de campanhas eleitorais. Em entrevista, afirmou que o descontentamento com os rumos políticos e do partido o fez se afastar da política partidária. O entrevistado escolheu atuar de forma individual e direta, hoje é presidente da associação e realiza terapia assistida com animais para as crianças portadoras de necessidades especiais, além de dar aulas sobre educação ambiental em escolas da cidade. Como causas a serem defendidas acredita que a coerência política e as pautas relacionadas à educação e saúde são as mais importantes. Questionado como atua nessas causas, afirmou ser através da formação de professores de ensino de Física e nos projetos sociais desenvolvidos na associação que participa.

O envolvimento do entrevistado no caso da Boate foi inicialmente ir ao local para verificar se a associação poderia ajudar de alguma forma, disponibilizando os cães para o resgate. Ao chegar ao local percebeu que não haveria necessidade dos cães da associação e concentrou sua participação por meio dos protestos e dos registros fotográficos das ações organizadas em torno da boate. A solidariedade com as famílias das vítimas e o pedido por justiça foram suas motivações para participar do Protesto por Justiça. Ponto importante da manifestação foi ter aproximado as famílias e o fortalecimento a continuarem na luta.

Percebeu que houve uma diminuição no número de participantes nos eventos relacionados à *Kiss* a partir de março de 2013, restringindo-se principalmente aos familiares. O entrevistado manteve-se, até o dia da entrevista, mobilizado em torno do tema, participou de todas as manifestações organizadas pelo Movimento do Luto à Luta e da Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria, nos meses de março à outubro, através do registro fotográfico dessas ações.

Se eles se desmobilizarem, mesmo aqueles que estão indiciados e vão pagar algumas coisa, através da justiça. Se não houver mobilização as penas vão ser mínimas. Não que eu ache que temos direito de criminalizar as pessoas, mas elas devem ser responsáveis pelos seus atos. Ou seja, a busca da justiça é uma busca para que as pessoas que foram responsáveis por algo que elas fizeram (primeiro participante do Protesto por Justiça, entrevista realizada dia 17 de outubro de 2013).

No evento do *Facebook* encontramos cinco postagens do participante. Todas após o protesto. As postagens foram de fotos da ação em diversos momentos (figura 42) e também foi postado um vídeo editado pelo próprio participante (figura 43), com o resumo da ação e as imagens fotografadas por ele.



Figura 42 - Postagens com as fotos do protesto.



Figura 43 - Postagem do vídeo editado pelo próprio participante com as imagens feitas durante a ação.

4.2.1.3. Entrevista segundo participante do Protesto por Justiça

Idade: 29 anos

Ocupação: jornalista, sociólogo e técnico administrativo da UFSM.

Cidade de nascimento: Jari - RS.

Cidade que vive atualmente: Santa Maria – RS.

Renda mensal familiar: 3 a 5 salários mínimos.

Quadro 13 - Apresentação dados de identificação do segundo participante do Protesto por Justiça.

O entrevistado está sempre conectado à internet, costuma acessar em casa e no trabalho. Seus principais usos são basicamente para informação e lazer quando sobra tempo. Tem perfil no site de redes sociais *Facebook*, o qual utiliza para fins políticos, como “ferramenta política” e pouco uso pessoal. Possuía conta no *Twitter*, mas há cerca de um ano desativou, pois, os poucos caracteres não eram suficientes para a suas postagens. Mantém um blog político⁵⁸, o qual divulga em seu perfil no *Facebook*.

Costumo escrever no blog e compartilhar o material relacionado em que encontro na mídia e justamente por isso eu deixei de usar o *Twitter*. Pelo pouco espaço que tem para escrever a sua opinião apenas 140 caracteres. Então eu costumo publicar no *Facebook* e fazer uma análise do que eu estou publicando (Segundo participante do Protesto por Justiça, entrevista realizada 14 de outubro de 2013).

Como atuação social participa há dois anos do Levante Popular da Juventude⁵⁹ e já participou de partidos políticos, como o Partido Socialismo e Liberdade (Psol). Como causas relevantes a serem defendidas, apontou pautas relacionadas ao meio ambiente, justiça social e lutas sociais. Participa de forma direta em manifestações organizadas por movimentos sociais e associações da cidade. Outra forma de atuação é por meio das publicações no *Facebook* e no blog, onde analisa notícias que encontra na mídia.

⁵⁸<http://rabiscospoliticos.wix.com>

⁵⁹ Levante Popular da Juventude é uma organização de jovens militantes em busca de transformações sociais. Organizam-se no meio estudantil, secundarista e universitários, nas periferias dos centros urbanos e nos setores camponeses. As formas de ações são através da comunicação e expressão da juventude, tem como bandeira a luta para a construção de uma democracia popular (fonte: <http://levante.org.br/quem-somos/>).

O que levou o participante a se envolver no Protesto por Justiça foi a questão política, como forma de cobrar que as autoridades também fossem responsabilizadas.

Particpei por questão política, acreditar que no país a justiça não é igual para todos e às vezes é necessário se mobilizar para que se consiga alcançar essas questões políticas. Principalmente por envolver autoridades, e no caso autoridades municipais e que conseguiram se safar da justiça. Uma cobrança por justiça (Segundo participante do Protesto por Justiça, entrevista realizada 14 de outubro de 2013).

Como envolvimento com o tema da boate, além de participar da Caminhada da Paz e do Protesto por Justiça, organizou, quando responsável pelo Diretório Acadêmico das Ciências Sociais, arrecadação de alimentos para as famílias envolvidas com a tragédia. Percebemos que o entrevistado manteve-se mobilizado em torno da temática da Boate *Kiss*, participou de atos organizados pela associação e movimentos, como a participação na ocupação da Câmara de Vereadores.

Com a entrevista do segundo participante, já percebemos diferenças entre a Caminhada da Paz e o Protesto de Justiça, a primeira de forma mais espontânea e a segunda, mais organizada com um sentido dado.

O entrevistado entendeu que as pessoas estão mobilizadas em torno desse tema: “existe o potencial para a mobilização”. Como exemplo citou que os protestos de junho de 2013 na cidade agregaram a pauta da Boate, houve o engajamento maior em Santa Maria-RS por causa do tema. As redes sociais online apareceram na entrevista como potenciais à mobilização: “acredito que se não tivesse a rede, as mobilizações teriam sido bem menores”. Outro ponto foi o papel da internet na ocupação da Câmara de Vereadores, pelo contra ponto das mídias alternativas para a cobertura da ocupação, como o *TrançaRua*⁶⁰ e pela manutenção dos manifestantes na ocupação através das convocatórias de novos participantes a cada turno de horário. Com isso, as ferramentas dos sites de redes sociais tiveram o potencial para serem utilizadas em mobilizações.

Encontramos duas postagens do segundo participante. As postagens foram após a manifestação, de crítica e denúncia. A primeira comentou sobre a troca de extintores na prefeitura de Santa Maria (figura 44) e em outra postagem foi uma crítica a respeito de carta

⁶⁰ Página informativa criada no *Facebook*, com 5.138 curtidas, impulsionada pela revista *Viés*, veículo alternativo da cidade, e por colaboradores da manifestação. A página continua em atuação abarcando notícias e informações acerca de ações populares na cidade, bem como, denúncias de interesse público. (Fonte: <https://www.facebook.com/TrancaRuaSM>).

publicada no perfil do *Facebook*, da Primeira Dama da cidade, ao condenar o comportamento dos manifestantes e defender o seu marido, o prefeito César Schirmer (figura 45).



Figura 44 - Denúncia postada pelo participante sobre a troca de extintores na prefeitura.

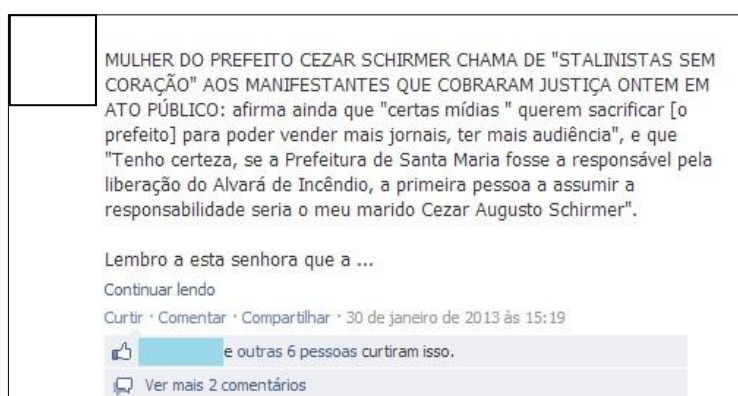


Figura 45 - Crítica à carta publica pela Primeira Dama.

4.2.2. Análise do “Protesto por Justiça” no *Facebook*

A preparação da ação correspondeu ao período em que o evento foi criado, dia 29 de janeiro a 1 hora e 47 minutos até as 17 horas do mesmo dia. Foram publicadas 182 postagens, dessas 56 constaram em nossa análise. O processo de mobilização foi de aproximadamente 16 horas: período em que foi proposto, dialogado e construído, no ambiente online, um protesto que contou com a participação de aproximadamente 700 pessoas.

Ao nos reportamos às postagens, o período da mobilização, as temáticas mais recorrentes foram as **opinativas**, com 19 postagens, todas em forma de textos, seguidas pelas postagens das **palavras de ordem**, com 18; **postagens da mídia**, 11; **apoio**, 7 e, por fim, **apoio a outros eventos**, com 3 postagens. Duas das postagens analisadas continham mais que uma temática.

As postagens **opinativas** trouxeram o posicionamento dos sujeitos acerca do trajeto, horários ou frases para os cartazes. Indicaram quem deveria ser investigado e/ou punido. Em suma, as postagens opinativas apresentaram ideias para a organização do Protesto por Justiça. Com os principais assuntos postados foram o percurso do protesto passando e a quem o protesto deveria se opor. Ainda, nas postagens opinativas, percebemos que os sujeitos se posicionavam a respeito da punição que os órgãos públicos deveriam receber. A ideia dos locais do trajeto (polícia civil, câmara e prefeitura) indicou a busca, pelo grupo, de que a investigação fosse cuidadosa, na câmara para que os representantes políticos dessem um posicionamento sobre o caso e na prefeitura a ideia foi pressionar o prefeito a se manifestar sobre o caso. As primeiras indicações dos adversários já puderam ser percebidas nessas postagens.

No tema **opinativos**, identificamos conflitos entre os participantes. Um grupo exigia uma cobrança mais direta do prefeito da cidade e outros rebatiam argumentando que se deveriam incluir na ação cobranças, também, aos bombeiros, secretários administrativos municipais responsáveis pelos alvarás e todos os órgãos públicos que tiveram alguma relação com o caso. Esse conflito interno, e outros, foram importantes para a construção de objetivo em comum, também, para a identificação do princípio de oposição. Pois, permitiu a reflexão sobre a responsabilidade no caso de cada órgão público a partir das interações instituíram-se os adversários e os objetivos da mobilização.

Assim, a construção do propósito ou causa da mobilização foi baseada nos conflitos, tensões e negociações que no ambiente online os participantes encontraram como objetivo em

comum. O consentimento não negou as diferenças, as pessoas não estavam necessariamente em acordo entre si, mas de acordo com uma ideia, que foi colocada para além das divergências.

As **palavras de ordem** indicaram a convocação para novos participantes, os direcionamentos do protesto e como deveriam se comportar na ação (figuras 46). As postagens reafirmaram o caráter de comando por meio das mensagens em caixa alta e no modo verbal imperativo (figura 47), postadas pelos autodenominados organizadores da mobilização.



Figura 46 - Indicações dos direcionamentos a respeito da ação por parte do propositor.

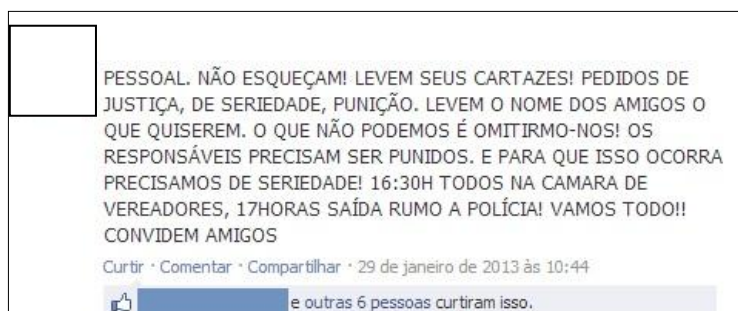


Figura 47 - Comandos para a construção dos cartazes.

Os principais assuntos tratados nessas postagens foram indicações para que ação fosse pacífica, sem nenhuma violência ou danos para o patrimônio público da cidade. Convocaram os sujeitos através de exigências do grupo para punições justas bem como resposta dos órgãos públicos. Nas palavras de ordem, os participantes explicitaram a força da juventude como importante para as mudanças. Indicaram que era momento de união dessa juventude para exigir mudanças profundas na cidade (figura 48). Os assuntos fizeram ligação entre o fato da

tragédia ter ocorrido com jovens e a motivação e justificativa para a mobilização, destes, mesmos jovens.

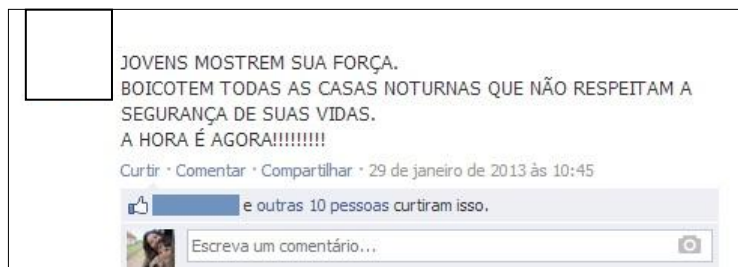


Figura 48 - A mensagem aborda a força da juventude para exigir mudanças.

As **postagens da mídia** constituíram-se mensagens com links ou comentários sobre alguma matéria de veículos de comunicação que abordaram o tema *Boate Kiss*. Foram postadas em forma de texto, com os hiperlinks das notícias comentadas. Um dos principais assuntos nessas postagens foi o comentários de que a impunidade deveria ser combatida tendo como base a notícia publicada no jornal, de circulação estadual, *Zero Hora*. A notícia abordou que as normas básicas de segurança da *Boate Kiss* teriam sido desrespeitadas e o poder público não havia cumprido, então, o seu papel na fiscalização.

Outra postagem relacionada com a mídia foi o vídeo com a explanação do criminalista Sergei Cobra, no telejornal “Jornal da Globo”, da Rede Globo de Televisão, no dia 28 de janeiro de 2013. O vídeo foi compartilhado pelos participantes e serviu base para que o protesto cobrasse explicações do poder público. A entrevista com o advogado contemplou as possíveis punições e os culpados pelo incêndio. Em sua fala, o criminalista apontou o papel do poder público na liberação das licenças e dos alvarás da *Boate*. Concluiu que as investigações deveriam ser a cargo da Polícia Federal, pois a Polícia Civil é órgão do governo do Estado do Rio Grande do Sul, o que na visão de Sergei, comprometeria a investigação. O criminalista sugeriu que a culpa não deveria recair apenas nos donos da boate e músicos, mas em todas as pessoas que tivessem responsabilidade pela liberação e fiscalização do alvará de funcionamento e prevenção de incêndio.

A vinculação de postagens com as notícias da mídia massiva deram bases para os posicionamentos a favor de uma investigação ampla, incluindo-se aí, o poder público. Percebemos que o vídeo compartilhado e outras notícias publicadas no evento foram de suma importância na construção dos objetivos e nas percepções acerca das próprias posições do

protesto e seus possíveis opositores. Os participantes do protesto levaram em conta as narrativas midiáticas, os posicionamentos e argumentos de notícias para fundamentar as acusações ao poder público.

As postagens referentes aos **apoios** indicaram relatos vinculados a alguma experiência pessoal com a tragédia; em forma de texto normalmente finalizavam a postagem com frases de apoio aos familiares das vítimas e à comunidade de Santa Maria; como por exemplo: “Força a todos”, “abraços aos participantes”. Foi observado também, uso do pronome possessivo: “nossa indignação”, “nossa revolta” (figuras 49 e 50).

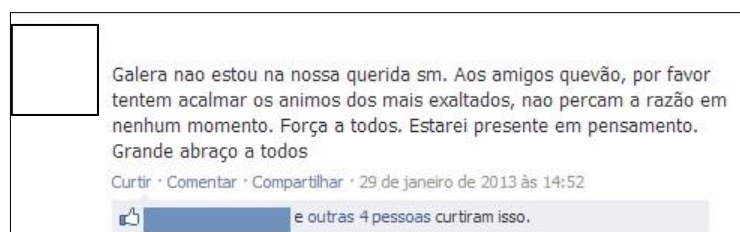


Figura 49 - As mensagens de apoio foram postadas mesmo por quem não iria participar da ação.

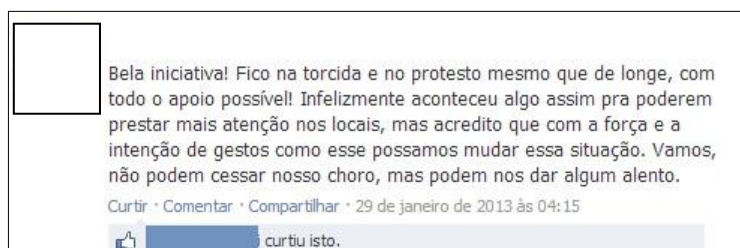


Figura 50 - Os pronomes possessivos indicam que a tragédia foi de todos os cidadãos da cidade.

Os principais assuntos das mensagens de apoio relataram a solidariedade do povo gaúcho e santa-mariense. A partir das experiências solidárias, como a caminhada, doações e o apoio às famílias, percebemos o povo foi solícito na tragédia. As mensagens de apoio relataram essas experiências e também solidariedade aos familiares e vítimas. Como alternativa para transmitir sentimentos para os familiares, o espaço online serviu para que as pessoas pudessem postar mensagens de apoio e força a todos.

Identificamos na temática, reflexões a partir da tragédia, como postagens sugerindo atividades educativas para adultos e, principalmente, crianças de como proceder em casos de

acidentes. As postagens de apoio tiveram forte carga emocional, pois foram relatos, indicando percepções iniciais acerca dos sentimentos envolvidos na mobilização.

As **postagens de apoio a outros eventos** contemplaram a relação das postagens do grupo com outros eventos criados com a mesma temática, abaixo-assinados e outros protestos. As mensagens eram postadas em forma de texto com hiperlinks, direcionados ao evento divulgado. Os principais assuntos foram os abaixo-assinados do cancelamento das comemorações de carnaval no estado e o pedido para construção de memorial onde se localizava a Boate *Kiss*, transformando-o em um parque.

A análise durante a ação correspondeu do período em que o protesto começou até às 19h do mesmo dia. Foram publicadas 8 postagens, dentre estas 6 constaram em nossa análise. Percebemos que o processo de duração da ação foi de aproximadamente 2 horas. Por volta das 16 horas o grupo combinou a confecção dos cartazes a partir de ideias propostas no período de mobilização, no *Facebook*. As postagens foram enviadas por meio de dispositivo móvel (celular), com fotos da ação e comentários sobre a mesma. Não foram percebidas postagens opinativas comentários da mídia e outros eventos, observamos uma postagem de palavra de ordem e cinco de apoio.

Nas **palavras de ordem**, identificamos pedidos em forma de texto, para que os participantes fossem até à *Kiss*, pois naquele momento estavam ocorrendo chamadas ao vivo em um programa televisivo. Indicaram que seria uma oportunidade para mostrar a indignação de todos, remetendo novamente à mídia tradicional. Nas mensagens de **apoio**, 5 postagens, mostraram os participantes vestindo roupas pretas, em sua maioria, segurando cartazes com pedidos de justiça e questionando a culpabilidade do acontecido. Essas imagens, da ação dos participantes, em frente à polícia civil e ao gabinete do prefeito foram, todas, postadas via celular. A mobilidade proporcionada pelo celular foi importante na hora das postagens durante a ação, pois os participantes alimentaram o evento com as imagens. A comunicação em rede permitiu que as informações fossem rapidamente postadas, compartilhadas e comentadas, no instante em que a mobilização acontecia. Isso gerou visibilidade para a ação através do conteúdo criado.

A análise do evento depois da mobilização correspondeu ao período de término da ação até as últimas postagens coletadas no evento. Foram publicadas 85 postagens, dentre estas 13 constam em nossa análise. No total foram oito postagens **opinativas**, duas **postagens da mídia**, três de **apoios** e **nenhuma postagem de apoio a outros eventos**.

Os principais assuntos das postagens **opinativas** foram sobre o papel do legislativo e executivo municipal no caso, uma vez que nem o presidente da Câmara nem o prefeito se

pronunciaram. Os textos reflexivos acerca da avaliação da ação e do movimento indicaram a necessidade de novas ações; relataram que a comissão que tomou à frente da organização deveria aproveitar o momento e convocar novas ações. Nesse sentido foram agregando novas pautas para essas ações, como melhorias para os estudantes em todos os sentidos, transporte público, eventos culturais e até dificuldade em locar apartamento em Santa Maria. As **postagens da mídia** indicaram comentários sobre o silêncio das autoridades, como por exemplo os bombeiros.

No processo posterior à ação percebemos que foi um momento reflexivo, de avaliação do protesto, em que foram discutidos os resultados da ação. Ainda, foi sugerida possibilidade de construir novas ações a partir da experiência do protesto por justiça e dos contatos estabelecidos com as pessoas interessadas em continuar mobilizando-se. Através dos laços sociais construídos, voltou-se ao *Facebook* para continuar o trabalho da mobilização social, ao pensar em novas ações com novas pautas a serem reivindicadas.

4.2.3. As identidades coletivas: sentimento por justiça e o princípio de oposição

A partir das análises das postagens no *Facebook* combinadas com as entrevistas podemos observar como as questões das identidades coletivas foram construídas e quais os elementos de união da mobilização social foram identificados, para que os participantes fossem às ruas. A construção dessas identidades foi estabelecida com as negociações dos conflitos e as relações e interações formadas no ambiente online, em forma de comentários nas postagens e respostas direcionadas. Percebemos, com isso, que os fatores de união entre os atores foram possíveis, a partir da participação no ambiente online e mediante o ato da comunicação.

Ao pensarmos nas análises das postagens no evento no *Facebook*, percebemos que as temáticas relacionadas às palavras de ordem e as postagens opinativas deram caráter à mobilização, apresentaram objetivos comuns entre os participantes e foram levadas à rua, como: protesto pacífico, chega de impunidade e lutamos por justiça (figuras 51, 52 e 53). Identificamos os participantes insatisfeitos com o andar das investigações, deixando de acreditar em punições justas para com os responsáveis. A predisposição a participar do protesto esteve intimamente ligada ao descrédito das pessoas com as instituições, relacionadas

aos casos de atraso e erros da justiça brasileira. De acordo esse pensamento, as pessoas vêem que a mobilização foi um meio de pressionar o poder público e como disse o proponente do evento, “abrir os olhos da sociedade” para a injustiça.



Figura 51 - A busca do proponente em caracterizar o protesto como pacífico.

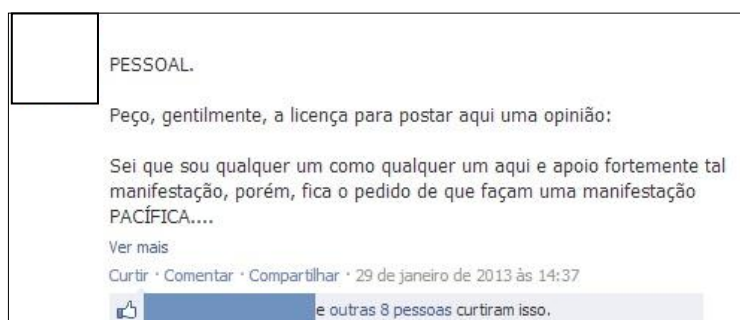


Figura 52 - Participante apoiando o protesto pacífico.



Figura 53 - A busca por justiça prevaleceu nas mensagens.

Ao reportarmos aos entrevistados podemos perceber recorrências em relação aos objetivos, caracterizando a ação. Como a luta por justiça e a necessidade do protesto ser pacífico e sem vinculação partidária, bem como, que as instituições fossem responsabilizadas. Percebemos que esses interesses conduziram as estratégias da ação coletiva, como por

exemplo, a escolha dos locais de protesto. Também, os interesses criaram laços sociais fortes ou fracos.

As pessoas estavam ali não para achar um culpado ou os culpados, mas sim buscando justiça mesmo. Que as instituições e as suas representações fossem punidas por suas responsabilidades (Primeiro participante do Protesto por Justiça, entrevista realizada dia 17 de outubro de 2013).

Mais uma cobrança política por justiça, cobrando a questão, desde aquele dia a gente já estava percebendo que a culpa iria cair dos menos culpados (Segundo participante do Protesto por Justiça, entrevista realizada 14 de outubro de 2013).

Que nos não estávamos lá, que prevíamos que iria ocorrer uma manifestação política. Colocando que era uma manifestação com pedido de justiça. Era uma manifestação apolítica, apartidária imparcial (Propositor do Protesto por Justiça, entrevista realizada 17 de outubro de 2013).

A busca dos interesses em comum criou vínculos entre os participantes, mas as identidades coletivas da mobilização perpassaram os referenciais locais, como a necessidade dos santa-marienses se unirem para lutar contra a injustiça. A preocupação para que Santa Maria não fosse apenas conhecida como a cidade da tragédia, mas que a partir do acontecimento os cidadãos tivessem orgulho de reconhecer a solidariedade do santa-mariense. Também partir à rua representou aos outros que a cidade não foi apenas da tragédia, mas também da solidariedade (figuras 54 e 55). Tanto, que nas entrevistas o aspecto que surpreendeu os entrevistados foi a capacidade de mobilização que o tema boate *Kiss* teve na cidade, de acordo com os entrevistados não existia a cultura de ir às ruas ou de ser solidários às causas e, por isso, não se esperava grande número de pessoas no protesto.



Figura 54 - A força de mobilização da temática na cidade.

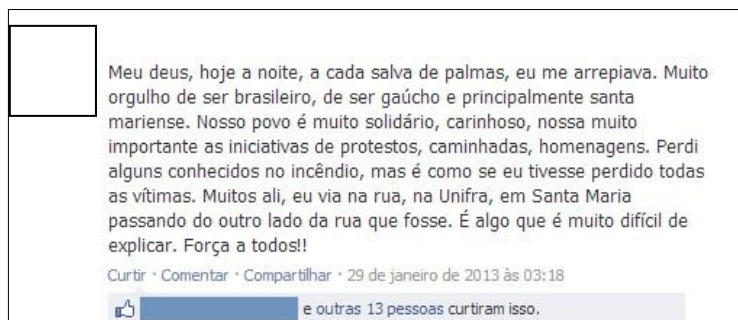


Figura 55 - O orgulho da solidariedade manifestada pela cidade.

Além do ser santa-mariense, a força da juventude foi considerada um atributo de união para realizar mudanças. Quanto às postagens referentes à juventude, as mensagens indicaram que somente o poder da juventude seria capaz de realizar a transformação social. Os jovens viram-se como capazes de realizar mudanças e por isso o desejo de união, por ter sido um acontecimento com jovens, a juventude precisava se mobilizar e agir, como na mostra as figuras 56 e 57.

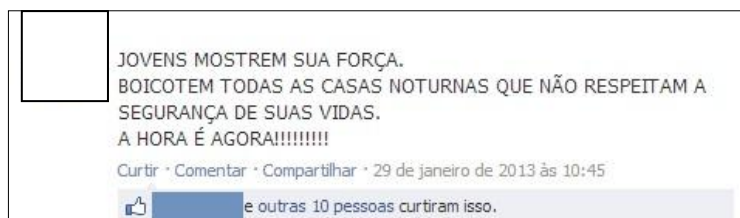


Figura 56 - A união da juventude para realizar mudanças.

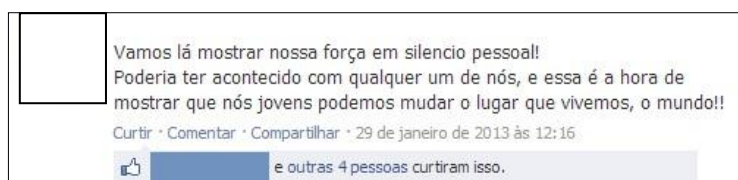


Figura 57 - A relação da tragédia de jovens com a união destes para a mudança.

Percebemos, também, um grande número de jovens se posicionando no evento e que participando da ação. De acordo com as entrevistas o atributo juventude, foi apropriado, primeiro por ter sido tragédia com jovens, segundo pela característica da cidade. Nas

postagens, a juventude apareceu como capaz de promover a transformação social. Houve a identificação simbólica por parte dos participantes, ao criar vínculos com esses jovens e terem, por identidade, participado da ação coletiva.

Foi predominante jovens mas, também, contamos com ajuda de muitos adultos em alguns aspectos. Por exemplo, minha mãe me ajudou bastante. Me ajudaram bastante a escrever textos para entregar para o pessoal que nos entregamos para o prefeito (Propositor do Protesto por Justiça, entrevista realizada 17 de outubro de 2013).

As redes de comunicação fontes de construção de poder conectaram jovens santamarienses, a partir dos referenciais, sentimentos e interesses comuns para a construção de projetos. O “Protesto por Justiça” se caracterizou por ser luta por justiça de maneira imparcial e pacífica pedindo o fim da impunidade, a partir da união da juventude.

A construção da mobilização também foi perpassada pelos afetos, estes construídos no processo da mobilização, através dos sentimentos oriundos do acontecimento, das caminhadas e da representação da tragédia na mídia. Consideramos os afetos envolvidos na manifestação como elementos de vínculo entre os participantes e, também, um dos motivadores para a participação no protesto.

Quando nos reportamos às postagens analisadas no *Facebook*, do “Protesto por Justiça”, percebemos sentimentos como ira, indignação, solidariedade e esperança. Dentre as 75 postagens de nossa coleta, identificamos os sentimentos em 42 delas. Duas postagens indicaram ira, 22 indignação, 11 esperança, 7 solidariedade.

Cada categoria foi manifestada no evento, de forma que as de indignação reportaram assuntos sobre a insatisfação dos participantes ante a investigação não ter sido justa, pois deveria abarcar todos os órgãos públicos responsáveis pela fiscalização da boate (figuras 58 e 59). Também, foram identificadas postagens sobre o “jeitinho brasileiro⁶¹” das instituições públicas em cobrar as leis e fiscalizar os locais privados (figura 60). Indignação com o silêncio do corpo de bombeiros e da prefeitura sobre a responsabilidade no caso e ainda, o posicionamento da Primeira Dama sobre os manifestantes. E pautas gerais de cobrança de melhorias no transporte público (figura 61). O sentimento de indignação prevaleceu no protesto, já percebido nas caminhadas em homenagens às vítimas, este sentimento foi levado

⁶¹ O “jeitinho brasileiro” é uma expressão popular brasileira que designa uma forma de agir informal amplamente aceito, através da improvisação e criatividade. Aqui consideramos o jeitinho referindo-se a soluções que driblam as normas de ética duvidável.

para o ambiente online e compartilhado entre os sujeitos. Quando os participantes citaram notícias as quais abordaram o papel dos órgãos públicos no caso, sustentaram esse sentimento (figura 62). A indignação enraizada foi elemento de união entre os participantes (figura 63).



Figura 58 - Indignação com a investigação I.

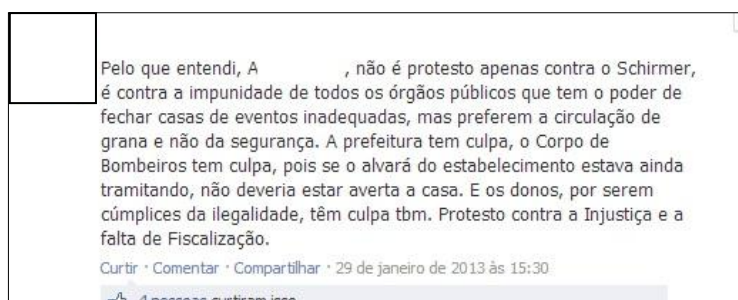


Figura 59 - Indignação com a investigação II.

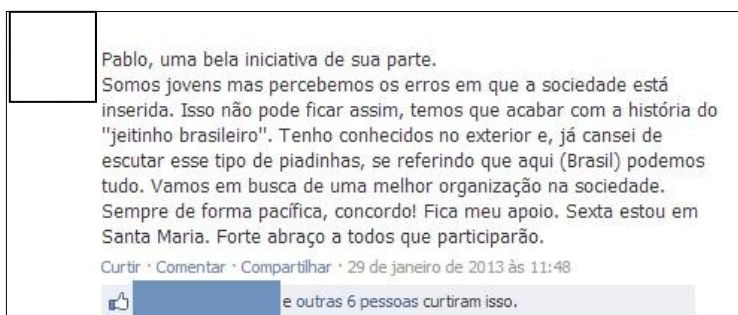


Figura 60 - “Jeitinho brasileiro” como indignação.

peço um momento de atenção:

gostaria de pedir para os mobilizadores do "Protesto por justiça" e da "Caminhada da paz", para que aproveitassem esse momento de união muito forte, e aproveitarmos para reivindicar melhorias para nós estudantes em todos os sentidos, transporte publico, eventos culturais, melhorias em algumas questões que estão incomodando muito todos os alunos que veem de fora da cidade e encontram muita dificuldades até mesmo para alugar um apartamento...

MAS PRINCIPALMENTE NO TRANSPORTE PUBLICO!

- falta de ônibus na linha do Bombeiros, muita gente pra pouco espaço, estão esperando um acidente grave envolvendo mortes para arrumar uma solução?;
- redução da frota em plena época de aula... porra tivemos greve e agora não temos ônibus;
- monopólio do transporte, onde somente há ATU, é unica empresa que existe?;

ainda estamos em um momento muito delicado, estamos de LUTO!

mas precisamos pedir, pedir não, EXIGIR que os órgãos públicos resolvam esses problemas que aparentemente não irão dar nada, mas que quando menos esperamos, acontece um desastre, como o da boate...

Curtir · Comentar · Compartilhar · 29 de janeiro de 2013 às 22:40

4 pessoas curtiram isso.

Figura 61 - Pautas gerais também foram cobradas no ambiente online.

Repassem o vídeo, compartilhem. É de extrema importância que todos assistam pelo menos uma vez, o que o advogado explanou. Como o mesmo disse, não precisa ser nenhum expert...

Os fatos comprovam a negligência de nossas autoridades que investigam, até o momento, somente de um lado. Advogado disse ainda que é preciso ter vergonha de fazer uma investigação completa e decente, doa a quem doer.

<http://redeglobo.globo.com/videos/t/a-gente-se-liga-em-voce/v/governo-do-rs-deveria-pedir-desculpas-pelo-incendio-diz-criminalista/2372927/>

<http://redeglobo.globo.com/videos/t/a-gente-se-liga-em-voce/v/governo-do-rs-deveria-pedir-desculpas-redeglobo.globo.com>

Curtir · Comentar · Compartilhar · 29 de janeiro de 2013 às 02:41

4 pessoas curtiram isso.

Figura 62 - Pautas gerais também foram cobradas no ambiente online.

Vão agora para a frente da Kiss...o Brasil Urgente (programa do Datena) esta ao vivo lá...é uma boa hora p mostrar nossa indignação e força p todo o Brasil!!

Curtir · Comentar · Compartilhar · 29 de janeiro de 2013 às 17:57

6 pessoas curtiram isso.

Figura 63 - A indignação foi o sentimento predominante na manifestação.

A ira se manifestou quando os participantes pediram o *impeachment* do prefeito da cidade e ao exigirem dele as responsabilidades no caso. Indicaram a revolta dos participantes quanto à falta de fiscalização, como podemos perceber as postagens 65 e 66, as mensagens não indicaram nenhuma alternativa para a resolução dessa revolta, sem abertura para o diálogo. Ainda, na postagem de número 67 percebemos a ira para com a situação do Brasil.

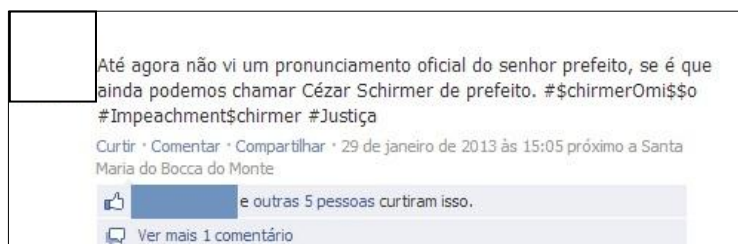


Figura 64 - Acusações diretas para com o prefeito da cidade I.



Figura 65 - Acusações diretas para com o prefeito da cidade II.



Figura 66 - Ira para com a situação do Brasil.

O sentimento solidário para com as famílias e vítimas se manifestou de forma a prestar homenagens. Os participantes no evento, muitas vezes de outros Estados, se posicionaram através de apoio às famílias, orações e pedidos de força para a cidade (figuras 67, 68 e 69). A solidariedade não foi elemento principal da mobilização, mas apareceu no ambiente online na forma dos relatos e experiências pessoais com o caso.

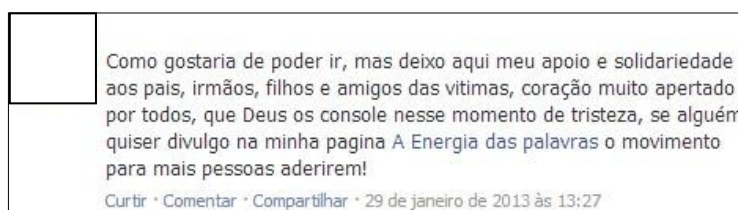


Figura 67 - A solidariedade se manifestou através do apoio das pessoas para com as famílias.



Figura 68 - As pessoas que não puderam comparecer postaram mensagens de solidariedade.

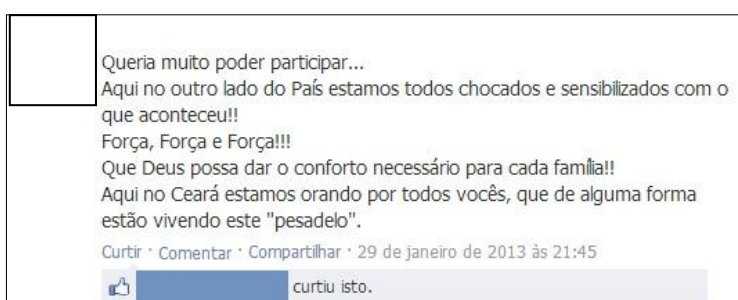


Figura 69 - De outros Estados as pessoas pediam força.

A esperança correspondeu à motivação dos participantes quando estes imaginaram e projetaram o futuro. De forma que, a esperança se manifestou nas postagens através de pedidos com as mudanças no processo de fiscalizações, para que não ocorressem mais tragédias (figura 70), e quando abordaram a importância da juventude para essas mudanças

(figuras 71). Ainda, que a partir do “Protesto por Justiça” outras manifestação deveriam ocorrer para exigir direitos, através da luta política da juventude.

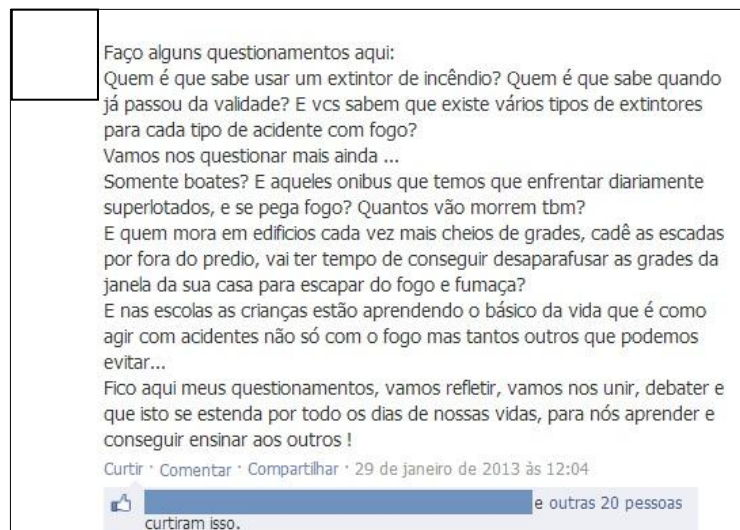


Figura 70 - A partir da tragédia que mudanças podem ser pensadas na cidade.



Figura 71 - Convocação dos jovens, a partir da capacidade para a mudança.

Nas entrevistas, os sentimentos foram citados como importantes no processo da mobilização e na idealização do Protesto por Justiça. Como afirmou o propositor do evento, o sentimento construído na Caminha pela Paz foi elemento de motivação para a criação da manifestação.

O evento foi criado depois daquela Caminhada pela Paz, que teve não sei quantas mil pessoas, todo mundo de branco, foi uma festa linda, festa não, uma caminhada sensacional. Então, aproveitando aquele sentimento foi criado esse. Aquela era um confraternização uma mescla de tristeza, com inconformidade. Utilizando esses dois

sentimentos e a ânsia por justiça. Foi essa a ideia que eu tive (Propositor do Protesto por Justiça, entrevista realizada 17 de outubro de 2013).

O organizador explicitou a relação dos sentimentos com a participação dos atores, percebeu que os participantes ansiavam por justiça, fator de união do grupo. O entrevistado indicou que algumas pessoas, as que pediam a cassação de Schirmer, não estariam de acordo com o sentimento do grupo. Com as entrevistas, observamos que foram pensados modos de sensibilizar as pessoas a fim de convocar mais participantes.

Pessoal ansiava por justiça, vou ignorar a minoria aquela, mas vou falar do pessoal que estava de coração. Era um sentimento de união e de justiça. Que era emocionante. O pessoal vinha se abraçava chorava junto. Estavam ali por um motivo nobre não para desvirtuar o movimento (Propositor do Protesto por Justiça, entrevista realizada 17 de outubro de 2013).

Também aquele momento inicial a gente tinha essa tentativa de ampliar o mais possível, para trazer o máximo de pessoas possíveis, de sensibilizar o maior número de pessoas para esse assunto dentro da rede (Segundo participante do Protesto por Justiça, entrevista realizada 14 de outubro de 2013).

Vimos que a relação entre os afetos perpassaram os processos de pertença social com o grupo e do potencial individual de participação, a esperança e a indignação como manutenção dos vínculos sociais. Ainda, de acordo com o pensamento de Toro (1996), no processo de construção do projeto em comum convocaram-se os sujeitos também pelos afetos. Esses estariam ligados ao aspecto motivacional em participar da ação coletiva. Pelo compartilhamento do desejo de construção de projetos com os outros sujeitos. Indicamos os afetos importantes na união e na vontade de estar junto.

Compreendemos que o papel dos sentimentos foi de criar vínculos com o grupo através do compartilhamento da indignação com o ocorrido e ao se colocar no lugar do outro, a solidariedade. O protesto foi motivado pela esperança, em que a investigação fosse imparcial e justa, com a projeção de mudanças para com o futuro. A comunicação em rede permitiu que os afetos fossem compartilhados e que fossem construídos os vínculos sociais, que deram sentido a participação nas ruas.

De acordo com Touraine, a quem o grupo se opõem, de que maneira articula para a definição desse adversário, é importante para o movimento social. A partir do conflito com seu adversário, as ações estratégicas são pensadas. Com isso compreendemos que a

manifestação do “Protesto de Justiça” teve seu princípio de oposição e seus adversários. Esses percebidos através das interações entre os atores no ambiente online e nas entrevistas.

Na análise das postagens do *Facebook*, identificamos os adversários e a oposição nos locais determinados pelos participantes, o trajeto do protesto, as frases nos cartazes e o posicionamento dos participantes no evento.

Dentre as 75 postagens da coleta de dados, percebemos os adversários em 25 postagens. Dentre eles, o trajeto com 6 postagens, prefeitura, polícia civil e câmara de vereadores. Os órgãos públicos/poder público, com 10 e a prefeitura 9 postagens. As postagens que indicaram o trajeto, os participantes associaram os locais com os adversários, o que deveria ser cobrado em cada local (figura 76). O proponente do grupo modificava o local do evento a cada postagem, a partir do debate dos quais seriam os melhores locais, como mostram as figura 72, 73, 74 e 75.



Figura 72 - Propositor do grupo deliberava a respeito do trajeto do protesto.



Figura 73 - Indicação de adversários com o trajeto da manifestação.



Figura 74 - Conforme a escolha do trajeto o proponente mudava o local do evento I.



Figura 75 - Conforme a escolha do trajeto o propositor mudava o local do evento II.

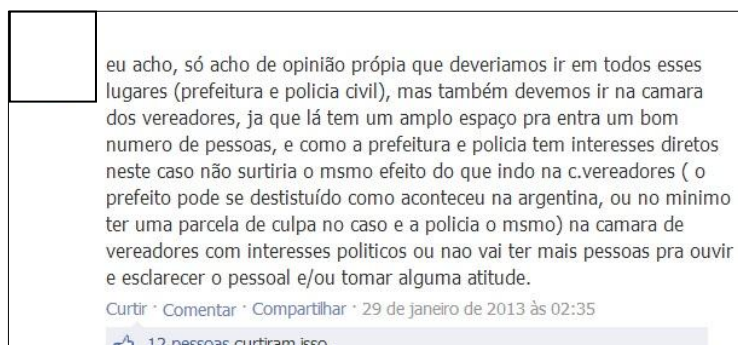


Figura 76 - Postagem mostra o que poderia ser cobrado nos locais determinados para o protesto.

As postagens que indicavam diretamente o poder público como adversário relacionavam-se com a impunidade. Os órgãos públicos deveriam ser investigados e cobrados por suas responsabilidades, assim como os donos da boate e os músicos. Por isso, a impunidade foi compreendida como a oposição do grupo, lutava-se contra a impunidade, por justiça. Os participantes basearam seus posicionamentos a partir de notícias e comentários de especialistas da mídia massiva, criando assim, seus argumentos para o posicionamento contrário ao poder público. A partir do vídeo e de outras notícias veiculadas em jornais o grupo identificou que os órgãos públicos deveriam ser cobrados. Em entrevista o organizador do evento cita as notícias como importantes no reconhecer dos adversários do protesto.

Era sim um pedido de justiça pedindo investigação e meu tom sempre foi de querer abrir os olhos de outras pessoas. Tinha muita gente que nem tinha pensado que os órgãos públicos eram responsáveis. E a partir das notícias dos jornais, mostrou que a gente estava atento a isso (Propositor do Protesto por Justiça, entrevista realizada 17 de outubro de 2013).

As postagens que identificaram a prefeitura como principal adversário incitaram o pedido de impugnação do mandado de Schirmer (figura 77). Identificamos a negociação dos adversários como um dos principais conflitos internos do grupo o qual configurou na escolha

entre realizar ataques diretos ao prefeito, ao pedir o impeachment ou lutar a favor da justiça, contra a impunidade, considerando o poder público, como um todo, o adversário (figura 78).

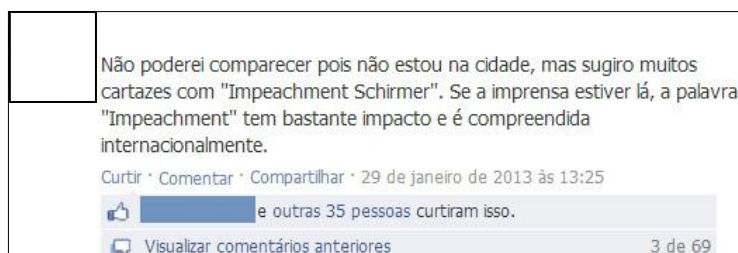


Figura 77 - Pedidos de impugnação do prefeito da cidade também foram discutidos pelo grupo.

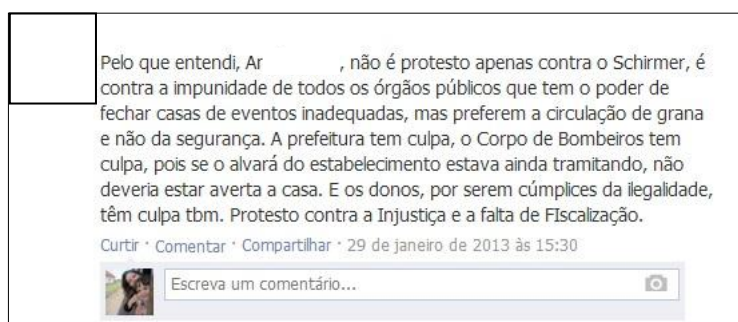


Figura 78 - Os conflitos acerca dos adversários e o entendimento pela luta contra a impunidade.

A tentativa do propositor em controlar o grupo, foi permeada por conflitos, as proposições do organizador e as dos participantes que se manifestaram de forma mais direta contra o prefeito. Em entrevista com os manifestantes do protesto percebemos que a maioria estava lá por justiça e por uma investigação que contemplassem todos os responsáveis, uns poucos pediam a impugnação do mandado de Schirmer, como percebemos na fala do segundo participante

Basicamente o grupo pedia a questão da responsabilização das autoridades, cobrança por agilidade no processo. Mas a gente via também algumas pessoas com intenção de desgaste, intenção política de desgaste do poder público municipal. Com interesses que iam um pouco além dos sentimentos das pessoas que cobravam por justiça, como o Fora Schirmer, por exemplo (Segundo participante do Protesto por Justiça, entrevista realizada 14 de outubro de 2013).

A partir disso incluímos a oposição do grupo à impunidade no caso, e seus adversários: os órgãos públicos, a Câmara Municipal, a prefeitura e o Corpo de Bombeiros.

Da polícia civil exigiu imparcialidade nas investigações. Já identificados nas postagens do *Facebook*, podemos perceber esses elementos também nas falas dos entrevistados.

Uma cobrança política por justiça, cobrando a questão. Desde aquele dia a gente já estava percebendo que a culpa iria cair dos menos culpados. Como o caso dos bombeiros, possibilidade das autoridades não serem responsabilizadas pelo ocorrido. Principalmente por envolver autoridades, e no caso autoridades municipais e que conseguiram se safar da justiça (Segundo participante do Protesto por Justiça, entrevista realizada 14 de outubro de 2013).

Estávamos lá para que as instituições e as suas representações fossem punidas por suas responsabilidades. Aquilo ali se transformou em tragédia em consequência de sucessão de irresponsabilidades que aquela boate permanecesse funcionando (Primeiro participante do Protesto por Justiça, entrevista realizada dia 17 de outubro de 2013).

Inicialmente era abrir os olhos das pessoas, porque até então só se falavam na culpa nos músicos e dos donos da boate. Ninguém tinha questionado até então se a boate tinha alvará, se não tinha extintor, onde estava colocado. Onde estava a fiscalização da prefeitura ou dos bombeiros? Quando a fiscalização dos bombeiros e prefeitura, ou estado, ou união iriam ser responsabilizados? (Propositor do Protesto por Justiça, entrevista realizada 17 de outubro de 2013).

Como resoluções aos compromissos exigidos, o grupo cobrou de seus adversários: na Polícia Civil, o trabalho sério de investigação, na Câmara de Vereadores a cobrança de respostas do caso, na prefeitura e ao prefeito, posicionamento do caso e indicação responsáveis pela expedição dos alvarás e no Corpo dos bombeiros apresentação dos documentos relativos ao alvará de prevenção de incêndio da Boate *Kiss*.

Percebemos, com a análise, a participação de atores plurais, que complexificaram o processo da mobilização. O objetivo principal de exigir justiça, a partir da culpabilidade de todos os órgãos públicos, não foi construído exclusivamente por colocações do propositos, mas a partir do diálogo entre os participantes.

O próprio ambiente online, onde foi criado o evento, permite que a comunicação ocorra em rede, entre muitos sujeitos, portanto, ainda que, o organizador tenha colocado indicações para a manifestação estas, foram debatidas e negociadas no espaço online a partir das relações e interações com participantes do grupo. As ferramentas do *Facebook* permitiram que o criador do evento organizasse as publicações do evento e indicasse informações principais, o que configura um organizador, mas não um líder capaz de controlar os objetivos do grupo.

4.3. Relações das mobilizações sociais: Caminhada da Paz e Protesto por Justiça

Percebemos que, nas duas mobilizações, os fluxos comunicacionais criados pelos participantes na rede social online *Facebook*, foram fundamentais para a organização da ação. A partir dos laços criados estabeleceram-se vínculos e objetivos em comum entre os participantes, auxiliando no processo de efetivação das ações. A convocação de novos sujeitos foi pela relação estabelecida no ambiente online, o *Facebook*, onde através da comunicação em rede, sujeitos agregam sujeitos. Destaque nas entrevistas, o *Facebook* foi mencionado como ferramenta importante por contar com grande número de usuários.

Com as entrevistas, ampliamos a percepção sobre o perfil dos sujeitos que participaram das mobilizações. Os participantes entrevistados possuem ensino superior ou são estudantes de ensino superior, dois participantes possuem pós-graduação. A maioria dos participantes são jovens e das classes A, B e C⁶². Outro aspecto importante foi a centralidade da tecnologia no cotidiano dos entrevistados. Todos os entrevistados acessam as redes sociais online diariamente e são ativos no ambiente online, inclusive alguns deles trabalham com internet, conteúdo digital ou computação.

Pelas entrevistas, identificamos que os participantes que se envolveram na Caminhada da Paz foram aqueles que não possuíam histórico de participação em movimentos sociais e/ou partidos políticos, atuando de forma individual ou acompanhando movimentos sociais nas redes sociais online. A caminhada, por ter sido baseada na solidariedade, aproximou aqueles sujeitos com histórico de pouca ou nenhuma participação política partidária ou em movimentos sociais. No Protesto por Justiça, percebemos que os participantes entrevistados possuíam histórico de participação em movimentos sociais ou partidos políticos. O caráter de reivindicação política do Protesto por Justiça aproximou aqueles participantes já com viés de participação política.

Destacamos que o perfil dos participantes, mesmo que a partir de um recorte qualitativo, não foi homogêneo: as mobilizações agregaram diferentes sujeitos. O Protesto por Justiça implicou, por exemplo, a insatisfação do propositor com as diferentes manifestações que constaram na ação por justiça. O propositor não gostaria que a ação tivesse vinculações

⁶²Conforme estudo “De Volta ao País do Futuro: Crise Européia, Projeções e a Nova Classe Média”, de Marcelo Côte Neri – Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2012. Neste estudo do Centro de Políticas Sociais, da Fundação Getúlio Vargas, considera-se a renda familiar, a Classe E de 0 a 1085,00 reais; Classe D de 1085,00 a 1734,00; Classe C 1734,00 a 7475,00; Classe B 7475,00 a 9745,00 e a Classe A acima de 9745,00.

partidárias, mas por ter agregado diferentes perfis de participantes, ocorreu de ter participações de sujeitos integrantes de partidos políticos.

O *Facebook* funcionou como aglutinador dos participantes na busca dos objetivos em comum, em que, no ambiente online, estabeleceu-se uma unidade da ação. Com isso, ao sair do *Facebook* e ir à rua, há perda do controle da mobilização. Houve, com isso, a preocupação dos organizadores em não descaracterizar as mobilizações e manter a linha inicial da organização.

Na Caminhada da Paz, os sujeitos criaram vínculos temporários e pontuais ao transformar o luto em uma ação. A forma de contribuição e participação social dos sujeitos foi através da Caminhada. Percebemos neste momento a importância da análise das postagens no *Facebook* em que os apoios às mobilizações foram predominantes, caracterizando a ação como solidária e de cunho religioso. A esperança era na espiritualidade das pessoas diretamente envolvidas na tragédia.

No Protesto por Justiça, diferente da Caminhada da Paz, as postagens predominantes foram opinativas. O que caracterizou uma forma de ação mais racional, preocupada em aspectos jurídicos, nas imputações legais aos responsáveis, fundamentada com os conteúdos da mídia tradicional. A esperança dos participantes foi na busca por justiça.

Durante o período de preparação das ações, com os posicionamentos dos participantes via ambiente online, foram construídos os objetivos e definidos os trajetos das ações. Os conflitos entre os participantes foram negociados no próprio espaço online. Foram debatidos até que se chegassem alguns consensos, como o trajeto, o uso dos celulares e a definição dos adversários.

Identificamos nas duas mobilizações, propositores e pessoas que tomaram a frente junto à organização dos eventos. No Protesto por Justiça, denominaram como Corrente por Justiça. Salientamos que a forma de organização em rede resulta em ligações horizontais. Por termos identificado organizadores, percebemos que as mobilizações resultaram em organizações híbridas, em rede e com características piramidais. Tendo como papel importante para a escolha dos trajetos, horários e objetivos a figura dos organizadores.

A partir da análise dos três momentos das mobilizações o antes, o durante e o depois percebemos que no momento de preparação encontramos o maior número de postagens em relação ao durante e pós-ação. Indicamos que o momento inicial foi o mais conflituoso e percebemos como o espaço online construído fundamentou a viabilidade da mobilização e a convocação de participantes.

A utilização de argumentos oriundos de notícias, principalmente de jornais e televisão, para embasar os posicionamentos dos participantes, indicou como as redes sociais online foram abastecidas pelas informações dos veículos tradicionais. Também, em contrapartida, esses veículos utilizaram as informações postadas nas redes sociais online para a construção de suas notícias.

Os conteúdos dos veículos tradicionais, que apareceram nas redes sociais online, foram publicados pelos próprios participantes. Esse conteúdo contém hiperlinks com as notícias sobre a tragédia publicadas nos veículos tradicionais e com comentários dos participantes sobre as mesmas. No período de mobilização, essas notícias foram importantes para a definição de objetivos e adversários.

Durante as ações foi possível analisar como ocorreram atos em si, através das imagens e comentários postados. O depois foi momento reflexivo de avaliação da ação, em que os participantes postaram agradecimentos e depoimentos sobre as experiências pessoais nas mobilizações.

Enquanto a Caminhada da Paz foi uma mobilização espontânea, imediatamente após o acontecido, os objetivos foram voltados a prestar solidariedade às famílias. Durante todo o processo identificamos que a ação envolveu basicamente os sentimentos de solidariedade e empatia, justamente pela vontade coletiva em expressar esses sentimentos através do estar junto. As indicações de não levar velas e sim lanternas, pois as velas representariam fogo, e ainda, que as pessoas vestissem o branco, referindo-se à paz, foram solicitações que materializaram estes sentimentos. Na Caminhada, percebemos sentimentos de indignação por parte dos participantes, já indicando para as mobilizações de protesto.

A mobilização “Protesto por Justiça” aconteceu num período posterior à caminhada e por isso podemos identificar objetivos ligados a cobranças aos responsáveis. Ainda na fase dos inquéritos e questionamentos sobre quem deveria recair a responsabilidade da tragédia outras demandas surgiram, como o pedido de inclusão dos órgãos públicos na responsabilidade, o papel da prefeitura e do prefeito na fiscalização da boate, o pedido de prisão provisória dos proprietários e dos músicos. Essas demandas junto com as notícias sobre as investigações incitaram a indignação da população, que queriam respostas e punições. O sentimento solidário transformou-se em indignação pela tragédia, mas também pela impunidade. Com isso, o protesto provém também de uma insatisfação com a morosidade da justiça e o chamado jeitinho brasileiro.

Os protestos foram importantes para que as famílias se unissem, criassem laços e construíssem associações e movimentos sociais. Passado mais de um ano da tragédia, esses

movimentos continuam atuando ativamente na defesa dos interesses das vítimas e sobreviventes, se organizam em rede, apoiando outras causas e movimentos sociais, principalmente nos protestos do transporte público e debates sobre as questões de gênero em locais públicos.

Houve dupla maneira de viver a tragédia, na Caminhada da Paz através da solidariedade, no Protesto por Justiça por meio da indignação. Passou-se do silêncio para o grito; o branco passou para o preto, das homenagens às vítimas para as cobranças aos órgãos públicos. Esses sentimentos, solidariedade e indignação, acionaram ações diferentes, mas não foram opostas, mas complementares e relacionadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço online, em especial as redes sociais online, vem sendo apropriado por sujeitos no intuito de mobilizar ações coletivas. Criam-se, nestes espaços, resistências no próprio sistema e existências de grupos e movimentos de minorias. Ao procurarmos nosso objeto de estudo nos deparamos com inúmeros movimentos e coletivos com atuação nas redes sociais online. Percebemos que estes movimentos se preocupam em elaborar e organizar ações de melhoria principalmente nas estruturas urbanas, como o incentivo ao uso do transporte público coletivo e suas alternativas, como o uso de bicicletas; o embelezamento e o cuidado com o meio ambiente urbano e exigências de locais públicos para lazer e bem-estar. Outros movimentos organizam marchas e debates para visibilidade de temas como políticas públicas para a mulher e a não violência doméstica. O interessante é que muitas formas de participação dos sujeitos nesses movimentos ocorrem por meio das ações pontuais e de intervenções no espaço urbano. As organizações das ações são elaboradas de forma coletiva e descentralizada.

Em Santa Maria, no ano de 2013, um fato levou à organização de mobilizações sociais com grande envolvimento da comunidade. Diante disso, as mobilizações em torno da Boate *Kiss* foram organizadas no ambiente online a partir da construção dos eventos no *Facebook*. A efetivação da ação foi por meio da comunicação em rede com a mobilização da solidariedade e indignação das pessoas pelo *Facebook*. Nos eventos Caminhada da Paz e Protesto por Justiça criaram-se redes de cooperação e solidariedade através das interações sociais e da circulação de informações no espaço online.

Nesse sentido, ao pensarmos nosso estudo, o primeiro desafio foi compreender as ações organizadas em torno da tragédia da Boate *Kiss*. Num questionamento inicial, refletimos a possibilidade de serem movimentos sociais. Ao aprofundarmos as leituras referentes ao tema, percebemos que os apontamentos teóricos de Touraine (1973) sobre os elementos que constituem os movimentos sociais como: a identidade (definição do ator por ele mesmo); a oposição (adversário identificado pelo ator) se adequavam às mobilizações da *Kiss*. Mas as mobilizações não tinham atuação num período histórico determinado, não chegaram a construir projetos com uma historicidade mais ampla. Deste modo, definimos as ações analisadas como mobilizações sociais. A premissa teórica sobre as mobilizações sociais é a de convocação para ações a partir da participação de sujeitos engajados a buscarem um

objetivo em comum. Assim, as ações da *Kiss*, foram mobilizadas através de sentimentos, vínculos e consensos para um objetivo em comum.

Afirmamos que a concretização da ação nas redes sociais online se deu pela possibilidade da rápida organização a partir do *Facebook* e pelo engajamento das pessoas à causa. Nos eventos houve grande número de participantes ativos no processo de organização das ações e que partiram para a rua. As ferramentas da rede social online, então, foram utilizadas para reunir as pessoas e possibilitaram a criação de laços e interações entre os participantes. Outro ponto importante foi a circulação das informações sobre a tragédia nas redes sociais online. Muitas dessas informações foram postadas por pessoas que estavam intimamente envolvidas na tragédia, como os voluntários e profissionais que trabalhavam nos locais. O *Facebook* aglutinou as informações importantes, por exemplo, sobre feridos, desaparecidos, listas de sobreviventes e vítimas.

Ressaltamos que os sujeitos se reuniram em ambiente online para diferentes objetivos. No caso da pesquisa, destacamos os eventos destinados a realizar ações para homenagens, protesto e reivindicações. As mobilizações sociais foram importantes para o processo de luto dos familiares com a Caminhada da Paz, a solidariedade e, posteriormente, a indignação por meio do Protesto por Justiça. As ações foram as duas primeiras manifestações referentes ao tema. No decorrer do mês de fevereiro de 2013, os familiares já organizaram associações para cobrar aspectos jurídicos e criaram movimentos reivindicatórios, com o objetivo em organizar protestos e ações diretas. Foram criadas a Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM), Movimento Mães de Janeiro e o Movimento Santa Maria do Luto à Luta. Os movimentos se diferenciaram na forma de atuação: enquanto a associação organizou congressos, apoio às famílias e reuniões, os movimentos, principalmente do Luto à Luta, organizam ações na rua. A busca por justiça é por meio de protestos e ações diretas.

O questionamento de nossa pesquisa foi entender que identidades coletivas foram construídas para a mobilização e ainda que sentimentos foram percebidos no processo de mobilização, tendo como enfoque a comunicação e o local onde essas mobilizações foram organizadas, no *Facebook*. Com isso, entendemos que o questionamento foi respondido. Demonstramos, ao longo da pesquisa, que não só uma identidade coletiva foi criada, mas sim várias identidades. Nesse sentido, percebemos a importância dos sentimentos na construção identitária das mobilizações, justamente por terem envolvido uma tragédia.

Para entendermos o papel dos sentimentos nas mobilizações, foi necessário nos debruçarmos sobre o assunto. Encontramos poucos artigos na literatura disponível,

preocupados em relacionar os sentimentos com movimentos sociais, apesar da temática referente aos sentimentos e emoções ser abrangente, com diversas áreas preocupadas em refletir sobre a questão, como a antropologia, a Filosofia, a Biologia e principalmente a Psicologia. O nosso entendimento sobre o tema ficou a cargo de relacionar os conceitos de sentimentos com os movimentos sociais e não tanto em procurar encontrar definições sobre o que é emoção e sentimento. Dessa forma, percebemos que a construção dos afetos nas duas mobilizações sociais, entendidos como algo mais amplo, foram relacionados. Ou seja, diversos elementos contribuíram para a construção desses sentimentos, como as interações dos participantes nos eventos, a narrativa midiática sobre o acontecimento e também os sentimentos na hora da ação.

Pontuamos que, nessas mobilizações, por serem originárias de um acontecimento trágico, os sentimentos de solidariedade e indignação foram preponderantes para que as pessoas fossem às ruas. Com isso, um de nossos objetivos específicos, identificar os sentimentos geradores dessas mobilizações e possíveis implicações na construção de uma identidade coletiva foi respondido. Ainda, com base no nosso questionamento central, as entrevistas foram fundamentais para conhecermos os sujeitos que participaram e que propuseram estas mobilizações.

A partir das entrevistas foi possível perceber que as redes sociais online presentes no cotidiano tanto dos participantes quanto dos organizadores. E também o modo de organização no ambiente online e o papel dos organizadores para a efetivação das ações. A figura dos organizadores foi importante, de modo que, a partir dos propositores, se construíram os modos de agir dos participantes. De modo que nos surpreendemos com a vontade dos propositores em exercer um controle sobre as mobilizações. Nas leituras teóricas a respeito das mobilizações via internet destaca-se a concordância, entre os autores, de que essas organizações são horizontais e que não se pode encontrar uma figura centralizadora. Afirmamos que as mobilizações analisadas não seguiram essa ideia, pois o propositor teve um importante papel na condução das mobilizações.

Outro aspecto importante foi a identificação dos adversários. No Protesto por Justiça, esse elemento ajudou a construir as identidades coletivas, criar vínculos para unir contra algo e alguém e contribuiu para dar sentido à ação. Na caminhada da paz, não identificamos adversários de forma tão explícita, pois a ação se baseou na solidariedade e com o objetivo de realizar homenagens.

Por fim, o papel da comunicação nessas mobilizações foi central e extremamente importante para a convocação dos sujeitos e organização das manifestações. A escolha de

estudarmos o fenômeno comunicacional nas mobilizações da *Kiss* foi uma forma de contribuir socialmente ao trazer para o debate o papel da comunicação na organização de movimentos, mobilizações e ações que envolveram a *Kiss*. O envolvimento da pesquisadora em relação ao objeto foi complexo, pois o assunto predominava em todas as conversas informais e o ambiente da cidade era de tristeza e luto. Ao participar da cobertura jornalística para um portal de notícia, a atuação direta da autora nas mobilizações e no CDM se deu com o propósito inicial de noticiar o episódio ao portal. Nesse caso, as entrevistas presenciais com os participantes e propositores foram fundamentais para que resgatasse as observações offline.

Acreditamos que a metodologia empregada para construir este trabalho foi adequada. Por se tratar de um estudo que combinou observações no ambiente online e offline, coleta de dados e entrevistas, combinamos técnicas de pesquisa para que conseguíssemos dar conta de nossos objetivos. Com isso, o processo de construção da metodologia também foi um desafio, ao pensarmos em metodologias que abrangessem a complexidade da análise no ambiente online, as entrevistas e a observação offline. Cremos que o trabalho possa colaborar para os estudos da comunicação, ao apresentar novas dinâmicas de organização de ações coletivas a partir do espaço online.

O impacto da tragédia ainda é presente, a luta das famílias por justiça continua, estão organizadas na associação e nos movimentos sociais e mobilizam ações todos os dias 27 de cada mês. No dia 27 de janeiro de 2014, ao completar 12 meses da tragédia, houve mobilizações em frente a boate *Kiss*, Ministério Público e em frente ao gabinete do prefeito da cidade. Na madrugada do dia 27, os familiares se encontraram em frente à boate para realizar uma vigília, às 3 horas da madrugada sirenes foram acionadas e 242 silhuetas de corpos foram pintadas na Rua Dos Andradas. Houve concentração em frente ao Gabinete do prefeito e uma caminhada até o Ministério Público.

Cinco ações tramitam na justiça, três processos na esfera criminal, um na esfera civil e outro na Justiça Militar. Em abril de 2014, o processo da esfera criminal colheu 22 depoimentos de sobreviventes, concluída essa fase, haverá oitiva das testemunhas indicadas pela acusação e defesa. Haverá ainda, depoimentos dos peritos e por último dos réus.

Cremos, ao final dessa dissertação, ter atingido nossos objetivos iniciais e respondido nossa problemática. O estudo com certeza deixa margem para novas investigações e lacunas que não podemos abraçar. Citamos como importantes a dinâmica das interações via comentários no Facebook, que não contemplamos na análise por priorizar a observação das postagens. Ainda percebemos que a discussão teórica sobre as emoções nos movimentos sociais poderia ser ampliada e notamos a falta de literatura preocupada com sentimentos nos

movimentos sociais. Discutir o papel dos afetos nos movimentos sociais contemporâneos pode ser um bom encaminhamento para futuras pesquisas.

Percebemos que o ano de 2013 foi importante para o processo de organização das famílias em suas demandas. A luta segue, preocupada em não deixar a tragédia cair no esquecimento e para que os responsáveis sejam efetivamente punidos. A batalha pela justiça é a pauta principal dos movimentos relacionados à *Kiss*, que ao longo do ano de 2013, andaram lado a lado com outros movimentos sociais da cidade. Com isso, as ações foram ampliadas a partir da organização em redes desses movimentos. Além da busca por justiça os movimentos da *Kiss* colocaram em suas agendas outras demandas, diversos movimentos sociais de Santa Maria se juntaram aos movimentos da *Kiss* para reforçar, assim, suas ações e atuações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Sonia. Redes Sociais na internet: desafios à pesquisa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2007, Salvador. **Anais eletrônicos**. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-1108-1.pdf>>. Acesso em 17 de novembro 2013.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BRETON, David Le. Por una antropologia de las emociones. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**, Argentina, N° 10, Ano 4, Dezembro 2012. Disponível em <www.releces.com.ar/index.php/relaces/article/view/208>. Acesso em 12 de novembro de 2013.

BRIGNOL, Liliane Dutra. **Migrações Transnacionais e usos sociais da internet: identidades e cidadania na diáspora Latino-americana**. 2010. 406f. (Doutorado em Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. Inovação, liberdade e poder na era da informação. In MORAES, Dênis de. (Org.) **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

_____. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

_____. **Redes de Indignación y Esperanza**. Alianza Editorial. Madrid, 2012.

CARDOSO, Gustavo. Sociedades em Transição para a Sociedade em Rede. In CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (Org.). **Sociedades em Transição para a Sociedade em Rede**. Conferência. Debates, Centro Cultural de Belém, Portugal. 2005.

CARDOSO, Gustavo; LAMY, Cláudia. Redes sociais: comunicação e mudança. **JANUS.NET e-journal of International Relations**, Vol. 2, N° 1, Primavera 2011. Disponível em: <http://observare.ual.pt/janus.net/pt_vol2_n1_art6>. Acesso em 22 de dezembro de 2013.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**., 29 ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A (Org.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ed, São Paulo: Atlas, 2006.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos Estudos Culturais: Uma versão Latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para Internet**, Porto Alegre: Sulina, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GOHN, Maria. G. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

_____. Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina. **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, p. 439-455, Set./Dez. 2008.

_____. **Movimentos Sociais e Rede de Mobilizações Cívicas no Brasil Contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes 2013.

HAGUETTE, T.. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 8 ed. Petrópolis – RJ: Ed. Vozes, 2001.

HALL Stuart. Quem precisa de identidade? In SILVA, Tomás Tadeu da (org). **identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JASPER. James M. Las emociones y los movimientos sociales: veinte años de teoría e investigación. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**. Nº 10. Año 4. Dezembro 2012. Argentina. Disponível em <www.releces.com.ar/index.php/relaces/article/view/222>. Acesso em 12 de novembro de 2013

LAVILLE, C. e DIONE, J.A **construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre, RS: Artmed, 1999.

LOZARES, Carlos. **La Teoría de Redes Sociales**. Papers, nº48. 1996. Disponível em: <<http://seneca.uab.es/antropologia/jlm/ars/paperscarlos.rtf>> . Acesso em: abril 2013.

MARCONI, M. A. e LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 1995.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas** Petrópolis: Vozes, 2001.

PERUZZO, Cícília. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 2007.

RIZO GARCÍA, Marta. **Redes: una aproximación al concepto**. Online, 2003. Disponível em:<http://sic.conaculta.gob.mx/centrodoc_documentos/62.pdf>. Acesso em: 17 maio 2013.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet** – Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura)

ROCÍO ORTIZ, **Cibercidadanías: teorías y prácticas en tensión** In: AAVV, Ciberamérica en red. Escotomas y fosfenos 2.0.1., Barcelona, Editorial Universidad Oberta de Cataluña-UOC, 2007.

SANTAELLA, Lúcia; LEMOS, Renata. **Redes Sociais Digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo, 2010.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes Sociales y movimientos en la sociedad de la información**. Nueva Sociedad 2006. p. 77-92. Disponível em <http://www.nuso.org/upload/articulos/3250_1.pdf>. Acesso em 28 de novembro de 2013.

SIMEONE, Márcio Henriques. Ativismo, movimentos sociais e relações públicas. In KUNSCH, Margarida M. Krohling, KUNSCH, Waldemar Luiz (orgs). **Relações Públicas Comunitárias: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora**. Sumus Editorial. São Paulo – SP, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa Santos. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. Tradução Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007

TORO, José Bernardo; WERNECK, Nisia Maria Duarte Furquim. **Mobilização Social: um modo de construir a democracia e a participação.** UNICEF – Brasil, 1996.

TOURAINE, Alain. Os movimentos sociais. In: FORACCHI, M. M.; MARTINS, J. deS. *Sociologia e sociedade*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora. 1977.

_____. **Crítica da modernidade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. Alain. **Iguais e Diferentes: podemos viver juntos?** Tradução de Carlos Aboim de Brito. Librairie Arttème Fayard, 1997.

_____. Alain. **Na fronteira dos movimentos sociais.** Sociedade e Estado, Brasília, v. 21, n.1, p. 17-28, jan/abr: 2006.

_____. **Pensar outraente o discurso interpretativo dominante.** Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciência sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UGARTE, David de. **El poder de las redes:** Manual ilustrado para personas, coletivos y empresas abocados al ciberativismo. 2007. Disponível em <http://www.deugarte.com/gomi/el_poder_de_las_redes.pdf>. Acesso em 18 de novembro de 2013.

VERONESE, Marília Veríssimo, Luiz Felipe Barboza Lacerda. **O sujeito e o indivíduo na perspectiva de Alain Touraine.** Soc. e Cult., Goiânia, v.14, n.2, p419-426, jul/dez. 2011.

WHITAKER, Francisco. **Rede: uma estrutura alternativa de organização.** Mutações Sociais, CEDAC, Rio de Janeiro, ano 2, nº 3 março/abril/maio de 1993. Disponível em: <http://inforum.insite.com.br/arquivos/2591/estrutura_alternativa_organizacao.PDF> . Acesso em 14 de maio 2013.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu da.(Org.) **Identidade e diferença.** A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

YIN, Roberto K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos.** 2ª ed. Artmed Editora. Porto Alegre –RS, 2001.

APÊNDICE A - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Ao responder a estas questões, você colabora com a pesquisa sobre APROPRIAÇÃO DAS REDES SOCIAIS ONLINE PARA MOBILIZAÇÕES SOCIAIS, desenvolvida pela mestranda de Comunicação Midiática da UFSM Carolina Moro da Silva. A pesquisa é orientada pela professora do curso de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (RGS, Brasil) Dra. Liliane Brignol. Salientamos que as informações coletadas serão utilizadas, estritamente, para fins científicos. Agradecemos sua participação e nos colocamos à disposição para qualquer esclarecimento sobre a investigação <carolmoro88@gmail.com>

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Nome do entrevistado:

Idade:

Escolaridade:

(Se for estudante) Qual o curso?

Trabalha? Profissão?

Cidade onde nasceu:

Meio rural ou urbano?

Cidade onde mora:

Renda familiar:

- até 1 salário
- mais de 1 a 2 salários
- mais de 2 a 3 salários
- mais de 3 a 5 salários
- mais de 5 a 10 salários
- mais de 10 a 20 salários
- mais de 20 salários

Espiritualidade/religião:

ENTREVISTA

Usos da internet no dia-a-dia

1. Frequência de consulta à internet por dia?
2. Onde costuma usar internet? () casa () trabalho () universidade () *lan-house* () outro

3. Quais os principais usos da internet? () Informação () lazer () e-mails,
4. Acessa redes sociais? Qual finalidade? Quais perfis usa com mais frequência?

FACEBOOK

5. Possui perfil no *Facebook*? () Sim () Não
6. Qual a frequência de acesso a conta do *Facebook*?
7. Quais principais usos do *Facebook*?
8. Mantém página, grupo, evento? Quais? Com que finalidade?
9. Acessa outros sites de redes sociais? Quais?

MOBILIZAÇÃO

10. Participa (ou) de algum movimento social, ONG, partido ou outra organização ?
Qual?
11. Quais as principais causas que acha importante defender? Como atua nessas causas?
12. Participa de algum coletivo ou grupo organizado na internet ou em redes sociais online? Qual?
13. No caso da Boate *Kiss*, qual foi seu envolvimento?
14. O que te motivou a organizar/participar do evento (referir nome do evento estudado)?
15. Perdeu alguma (s) pessoa(s) próxima(s) na tragédia?
16. Antes desse ocorrido, já havia passado pela experiência de perda de uma pessoa próxima?

PROPOSITOR

17. No caso de ter sido o **propositor** de um evento, por que tomou a iniciativa de organizar o movimento?
18. Qual a proposta da manifestação que organizou?

19. Foi o primeiro evento que promoveu nas redes? Se não, qual outro promoveu (nome e temática?).
20. Por que usar o *Facebook* para propor uma ação relacionada ao incêndio da boate *Kiss*?
21. Quais as principais temáticas/questões postadas por você?
22. Que perfil de pessoas participaram do evento no *Facebook*?
23. Qual sua compreensão sobre o resultado social de sua iniciativa?
24. Aspectos que mais surpreenderam durante a organização/mobilização?
25. Aspectos que mais surpreenderam no dia da manifestação?
26. Aspectos que mais surpreenderam pós-manifestação?
27. Principais desafios/dificuldades/conflitos encontrados durante todo o processo?
28. Principais aprendizados decorrentes da experiência?
29. Pretende continuar tomando outras iniciativas de cunho social?
30. Como a manifestação repercutiu nos veículos de comunicação?
31. Identifica outra pessoa que tenha tomado a frente da manifestação além de você ou que tenha tido uma forte participação?
32. Impacto e importância dessa experiência na sua trajetória pessoal?

PARTICIPANTES

33. Como você ficou sabendo do evento?
34. O que te motivou a participar do evento no *Facebook*?
35. Por que usar o *Facebook* para falar sobre o que estava acontecendo em Santa Maria a partir do incêndio?
36. Você se posicionou/escreveu comentários no evento criado no *Facebook*?
37. Lembra-se de ter compartilhado conteúdo ou de ter acessado outras páginas no *Facebook* sobre a tragédia em que tenha participado?
38. Esteve presencialmente na manifestação?
39. O que te levou a participar?
40. Participou de outras ações relacionadas ao caso da boate *Kiss*? Quais?

AVALIAÇÃO DA MOBILIZAÇÃO SOCIAL

41. Que sentimentos pode perceber no conteúdo postado no evento do *Facebook*?

42. Que sentimentos pode perceber entre as pessoas que participaram da mobilização nas ruas de Santa Maria?
43. O que pode perceber em comum entre as pessoas que participaram da manifestação?
44. Que causas /reivindicações/ posicionamentos foram cobradas nas manifestações?
45. Quais foram as consequências e desdobramentos da manifestação?
46. Como você avalia as repercussões ou consequências do caso da boate *Kiss* passado este tempo do acontecimento?
47. As pessoas ainda estão mobilizadas em torno deste tema?
48. Você participou de mais alguma ação neste período? Qual? Por quê?
49. Como você avalia o papel da internet voltada a questões de mobilização social, ações coletivas?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: MOBILIZAÇÃO SOCIAL NO *FACEBOOK*: CONECTANDO SOLIDARIEDADE E JUSTIÇA NO CASO DA BOATE *KISS*

Pesquisadora: Carolina Moro da Silva

Pesquisadora orientadora: Profa. Dra. Liliane Dutra Brignol

Instituição/Departamento: UFSM/ Departamento de Ciências da Comunicação

Telefone para contato: (55) 3220-8579 ou (55)9143-0832

A pesquisa tem o objetivo de investigar sobre processos de mobilização social, a partir do relato de experiências de pessoas que participaram e/ou propuseram mobilizações via internet. A colaboração com a pesquisa se dá através da participação voluntária em entrevistas sobre mobilização, internet e Facebook.

Expressamos o compromisso de utilizar os dados somente para fins acadêmicos relacionados com esta investigação. As informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros dados, não sendo divulgada a identificação de nenhum entrevistado.

Em qualquer etapa do estudo, o entrevistado pode entrar em contato com os pesquisadores para esclarecimento de eventuais dúvidas ou para indicar seu desejo de não colaborar mais com a pesquisa.

Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Concordo voluntariamente em colaborar como entrevistado neste estudo.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura do sujeito de pesquisa

(Somente para o responsável do projeto)

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura do responsável pelo estudo